

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - PROPED**

**SOCIOINTERACIONISMO EM FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA:
UMA PERSPECTIVA DE EAD**

Júlia Nelly dos Santos Pereira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Título de Mestre em Educação.
Orientadora: Profa. Dra. Raquel Villardi.

Rio de Janeiro
Setembro/2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**SOCIOINTERACIONISMO EM FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA:
UMA PERSPECTIVA DE EAD**

Julia Nelly dos Santos Pereira

Rio de Janeiro
Setembro/ 2005

Banca Examinadora

Profa. Dra. Raquel Villardi (orientadora)

Profa. Dra. Lygia Martha Coimbra da Costa Coelho

Profa. Dra. Márcia Souto Maior Mourão Sá

“Por tanto amor, por tanta emoção,
a vida me fez assim :
doce ou atroz, manso ou feroz ,
Eu, caçador de mim
Preso a canções,
Entregue a paixões que nunca tiveram fim,
Vou me encontrar longe do meu lugar.
Eu, caçador de mim
Nada a temer
Senão o correr da luta
Nada a fazer
Senão esquecer o medo.
Abrir o peito à força,
Numa procura,
Fugir às armadilhas da mata escura.
Longe se vai sonhando demais,
Mas onde se chega assim?
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim.”

Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá

Dedicatória

Dedico este momento de minha vida a todos aqueles que me auxiliaram a construir esse percurso e são tantos os amigos que não caberiam nestes agradecimentos. A eles dedico todos os acertos, todas as conquistas.

Aos meus pais, Eva e Hermenegildo, que me amparam, me embalam e me dão colo sempre que eu preciso.

Aos meus irmãos, Luanda e Herme, que tanto me motivaram

Aos meus cunhados, Aline, Antônio Carlos e Aline,

Aos meus sobrinhos, Malkai e Dandara,

Ao meu amor, Fabio,

Aos meus amigos de todas as horas e infortúnios, Waleska, Osana, Bianca, Hugo, Alcebíades, Augusto, Marcelo, Gabriela, Estela,

Aos amigos que guardo e que me guardam, Samuel, Belisário e Marta, as meninas e meninos da pesquisa da minha orientadora, aos meus coordenadores do CEDERJ , Valeria e Marcio, aos meus colegas de trabalho, aos amigos da SR 1, aos amigos da Biblioteca da UERJ, aos funcionários do programa de Mestrado,

Aos meus professores doutores, Luis Bazilio, Carmem Lúcia, Luis Antonio Senna, Lílian do Valle, pelo carinho e pela atenção.

A minha orientadora, Raquel Villardi, que é uma das pessoas que mais admiro.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, aos meus Orixás africanos, aos meus antepassados que lutaram muito para me oferecer este momento de liberdade e aos meus amigos que são o meu porto seguro sempre.

Resumo

Este estudo, vinculado à Linha de Pesquisa Linguagem, Cultura e Tecnologia, investigou a forma como professores, após cursarem as disciplinas Língua Portuguesa 1 e 2 no curso de formação continuada à Distância da UERJ, compreendem um novo sentido para a LP e ressignificam suas ações educativas. Diante desta perspectiva, este trabalho traçou um breve panorama histórico da Educação à Distância no Brasil. Apresenta a formação continuada de professores à distância da UERJ discutindo o sistema e o material didático do curso e tendo como teóricos relevantes: Nóvoa, Morin, Villardi, Bettega, Peters, Maia, Libâneo, Luckesi e Pretto. A partir daí, estabelece o seu estudo de caso através do curso de Pedagogia das Séries Iniciais da UERJ. Utiliza para isto o conteúdo, os meios e a avaliação feita em Língua Portuguesa 1 e 2 discutindo a metodologia sociointeracionista que é apresentada no material didático da disciplina. Enfim, dialoga com os alunos-professores através de questionários de auto-avaliação e de entrevista esclarecendo a relevância do processo e as mudanças ocorridas no modo de ensinar e aprender.

Palavras-chave: sociointeracionismo, formação docente continuada, UERJ,
Pedagogia das Séries Iniciais, EAD

Abstract

SUMÁRIO

1. Introdução	13
2. Educação à Distância no Brasil	17
2.1. Abordagens Tradicionais	27
2.2. Abordagem sociointeracionista	31
3. Formação continuada de professores : uma experiência diferenciada.....	35
3.1. A proposta CEDERJ	39
3.1.1. O sistema	44
3.1.2. O material didático	47
3.2. O curso de Pedagogia das Séries Iniciais e o Sociointeracionismo em Língua Portuguesa	50
3.2.1. Conteúdo	52
3.2.2. Meios	58
3.2.3. Avaliação	61
4. Dialogando com os alunos-professores	65
4.1. Questionários de auto-avaliação	67
4.2. Entrevistas	81
4.3. Análise dos dados	98
5. Considerações finais – da teoria à prática: análise dos resultados	104
6. Bibliografia	108

Lista de figuras, gráficos e quadros:

Figura 1 – O gato arrepiado

Figura 2 – O gato com botas

Figura 3 – O novo ícone

Gráfico 1 – Participação no curso

Gráfico 2 – Participação das atividades no pólo (tutoria presencial)

Gráfico 3 – Participação na tutoria à distância

Gráfico 4 – Uso das ferramentas da plataforma do CEDERJ na Internet e outros meios de contato (telefone, fax)

Gráfico 5 – Realização das atividades e exercícios propostos nos módulos do material impresso

Gráfico 6 – Trocas propostas pelo curso

Gráfico 7 – Transposição da aprendizagem para as atividades escolares

Gráfico 8 – Observação de melhorias pessoais

Quadro 1 – Desenvolvimento histórico da EAD

Quadro 2 – Gerações de EAD

Quadro 3 – Os modelos tradicionais em EAD

Quadro 4 – Princípios norteadores da elaboração de material didático para EAD

Lista de abreviaturas e símbolos

ADs – Avaliações à distância

APs – Avaliações Presenciais

ASDUERJ – Associação dos Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

CECIERJ – Fundação Centro de Ciências do Estado do Rio de Janeiro

CEDERJ – Consórcio de Educação à Distância do Estado do Rio de Janeiro

EAD – Educação à distância

EADi - Educação à Distância com suporte da informática

IP – Instrução Programada

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

LP 1 – Língua Portuguesa 1

LP 2 – Língua Portuguesa 2

MEC – Ministério da Educação e Cultura

NTICs – Novas tecnologias da Informação e da Comunicação

SECTI – Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação

UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

UEZO – Centro Universitário Estadual da Zona Oeste

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, houve um crescimento repentino do número de publicações e um aumento expressivo do quantitativo de seminários, workshops e simpósios que têm como tema a Educação à distância - EAD. Esta tendência tem mostrado que esta forma de educação merece destaque, por ser mais um caminho para a redução das desigualdades sociais que existem neste país.

Feitas as devidas relativizações conceituais, e analisando a EAD sem expectativas eufóricas que anunciem um novo milagre educacional, é válido lembrar que, a partir de 1995, o novo impulso da EAD teve origem na disseminação das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação – NTICs. Contudo, a referência não pode ser apenas o surgimento de uma nova mídia, mas principalmente deve ter como base a alteração de métodos, e de novas formas de lidar com os conteúdos, além de um embasamento teórico que forneça genuínas possibilidades para a aprendizagem significativa.

Nesse contexto, são inegáveis as vantagens da EAD¹ que, devido aos velozes avanços ocorridos nas telecomunicações, incorpora mecanismos que possibilitam a troca de opiniões, a discussão de problemas, a participação de discussões científicas e tutoriais.

Este trabalho analisa a proposta educacional desenvolvida no curso superior de Pedagogia das Séries Iniciais pelo Convênio CEDERJ, uma proposta de educação continuada, em nível superior.² Um recorte ainda maior neste universo faz com que esta

¹ EADi – Educação à distância com o auxílio da informática

² Até a segunda turma de Pedagogia das Séries Iniciais existe esta exigência que consta no Edital do Concurso e encontra-se em anexo.

análise tenha como base a segunda turma da UERJ e a visão sociointeracionista enfatizada nas aulas das disciplinas de Língua Portuguesa I e II.

O curso analisado, neste estudo de caso, apresenta uma proposta motivadora no sentido de que a natureza de um ambiente de aprendizagem criado para a formação de professores é interdisciplinar. Neste sentido, objetiva não apenas instrumentalizar o professor no uso das NTICs, mas principalmente fornecer-lhe um embasamento teórico que o estimule, incentive e proponha mudanças viáveis na sua prática.

O estudo de caso pretendeu levantar o maior número possível de dados, de fatos, de situações referentes ao curso, de modo a compreender o contexto no qual estes comportamentos ocorrem.

O trabalho apresenta uma divisão sistemática em três grandes capítulos. O primeiro – *Educação a distancia no Brasil* - fornece um panorama histórico da EAD no Brasil, descrevendo cada uma de suas gerações. Traz também uma divisão didática das perspectivas existentes em EAD, distinguindo a abordagem sociointeracionista das abordagens tradicionais. Sendo assim, cabe esclarecer que consideramos como abordagens tradicionais aquelas “cujo objetivo é apenas a reprodução de um conhecimento já estabelecido, propiciando poucas condições efetivas para uma construção do conhecimento mais criativa, a ser realizada pelos sujeitos dessa prática educativa”³.

A proposta educacional em análise está filosoficamente baseada em correntes epistemológicas que prevêm novas bases para o trabalho teórico-prático. Refletir sobre as mudanças que os pensamentos construtivista e sociointeracionista produziram no fazer pedagógico é uma forma de problematizar a construção da identidade do professor. Como

³ ALVES, L. 2003, P. 6

deve ser formado um professor questionador, reflexivo e crítico? Em que medida, a partir desta formação, o professor modifica a si mesmo e começa a se ver como um agente inquieto e dinâmico, devido a suas obrigações e responsabilidades com o saber e com seus alunos?

O segundo – *formação continuada de professores uma experiência formativa* – apresenta a proposta CEDERJ, vista, preferencialmente, a partir de duas vias: a do sistema e a do material didático. O curso de Pedagogia das Séries Iniciais e o sociointeracionismo em Língua Portuguesa são analisados pelo conteúdo, pelos meios disponibilizados e pelas avaliações realizadas no curso. Neste momento, trazemos ao diálogo alguns autores: Nóvoa, Morin, Bettega, Peters, Maia, Libâneo, Luckesi e Pretto.

A metodologia selecionada na concepção do sistema e do material didático merece um destaque especial, por servir de fundamentação para o curso. Segundo Lobo Neto, a EAD, para ser utilizada como meio de atualização de professores, deve preocupar-se com

o fluxo de comunicação, bidirecional e instrumentalizada, entre equipe docente e estudantes com o acompanhamento pedagógico do processo de ensino e de aprendizagem, com a verificação sistemática e significativa dos resultados educacionais obtidos pelo aluno.⁴

O terceiro capítulo - *Dialogando com os alunos-professores* – traz à tona as questões que motivam este estudo. Nele as análises estão centradas justamente na possibilidade de mudança, na ação do professor, na sua prática. Partindo da linguagem, uma das quatro grandes áreas do conhecimento, e dos novos conceitos fornecidos pelo material didático de Língua Portuguesa I e II, é possível que o aluno-professor modifique

⁴ LOBO NETO, F, 1988, p. 30- 33

sua maneira de lidar com a Língua Portuguesa em sala de aula? É possível que o conteúdo do material, através de uma linguagem dialógica, auxilie-o a remodelar sua prática docente? Em que medida os meios fornecidos neste processo de formação continuada em EADi adentram sua sala de aula?

Neste sentido, buscamos compreender este processo por meio do multimétodo. As abordagens quantitativa (questionário de auto-avaliação) e qualitativa (entrevista em semi-profundidade) colaboram para uma análise mais eficaz do fenômeno estudado. Os caminhos apontados pelos questionários mapeiam o fenômeno e tornam possível que na entrevista haja um aprofundamento do significado e das intenções.

Enfim, no capítulo final são apresentadas algumas considerações que tomam como base todo o arsenal teórico fornecido nos dois primeiros blocos e o material coletado no terceiro bloco, tanto por meio dos questionários como das entrevistas. É preciso, por fim, tomar por empréstimo uma nova significação para a escola preconizada pela visão sociointeracionista que, para Pretto, é um espaço aberto para interações não lineares, um espaço em que “valores como solidariedade, trabalho coletivo e ética passam a ser recuperados nesse contexto, a partir de um trabalho mais abrangente que tenha as novas tecnologias como elementos estruturantes desse novo pensar e viver.”⁵

Este é um convite para todos aqueles que comungam do desejo de construir coletivamente um país democrático, menos excludente e mais questionador, para que sigam este percurso interrogativo e avaliem esta alternativa educativa. A expectativa é de que esta dissertação venha a contribuir para o mapeamento de procedimentos e ações de um caminho ainda pouco percorrido. É imprescindível lembrar que a viabilidade do caminho, faz-se no caminhar.

⁵ PRETTO, N. 2003, p. 49

2. EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA NO BRASIL

Não basta a simples existência de idéias transformadoras para que o mundo se transforme. É necessário, como se sabe, que as idéias conquistem um grande número de seguidores dispostos a colocá-las em prática, mesmo correndo riscos, o que só acontecerá se eles se convencerem, mesmo de modo algo intuitivo, de que essas idéias vão na mesma direção, tornam mais clara ou organizam a luta que já travam por seus interesses, necessidades ou aspirações coletivas. Depois, será preciso ainda que estejamos diante de condições sociais e históricas que favoreçam, ou não impossibilitem, a mudança pretendida e que, além disso, convivam com a resistência, sempre feroz, dos que se opõem a transformação.⁶

Historicamente, a educação à distância (EAD) surge como modalidade de ensino e aprendizagem voltada para o ensino de ofícios com baixo valor acadêmico, como por exemplo, cursos de corte e costura, modelagem e o eletrotécnico. Logo depois, é responsável pela formação supletiva de pessoas que teriam fracassado na educação formal e estariam à margem do processo educacional. É possível que essa origem da EAD tenha gerado suspeitas e críticas que permanecem impregnadas no imaginário coletivo, mesmo depois de tantas mudanças.

A EAD sofreu, ao longo do tempo, modificações profundas que podem ser percebidas desde uma mudança no campo temático que, atualmente, está bastante diversificado, até o surgimento de novas propostas educativas com novos meios e outros veículos. De fato, uma modalidade que, mesmo inicialmente, já possuía um fabuloso sentido democratizante, por apresentar-se para muitos como única possibilidade de acesso à educação, pôde, a partir destes avanços tecnológicos, permitir que a educação permanente deixasse de ser uma utopia para um enorme contingente de estudantes sem acesso à restrita oferta de vagas presenciais, especialmente às públicas.

⁶ TRINDADE, J. 2002, p.18

Neste sentido, Belloni⁷ afirma que a maioria das definições em EAD apresenta caráter descritivo e opõe a sala de aula tradicional à EAD. Desse modo, para a maioria dos teóricos, a distância é um parâmetro entendido em termos de espaço, havendo ênfase nos processos de ensino (estrutura organizacional, planejamento, concepção de metodologias, produção de materiais etc), com pouca ou nenhuma referência aos processos de aprendizagem (características e necessidades dos estudantes, modos e condições de estudo, níveis de motivação etc) e à idéia de auto-aprendizagem.

Tomando como ponto de partida estas definições de EAD, Litwin⁸ defende que seja feita uma redefinição que garanta qualidade no material didático, uma relação efetiva entre aluno e docente, um bom funcionamento dos meios através dos quais as perguntas são respondidas e estimuladas; e, mais do que isso, a possibilidade de encontros, a qual passa a ser viabilizada pelo uso da Internet, mudando radicalmente o conceito de “distância”. Afinal de contas, com a crescente interação proporcionada pelo uso das NTIC, a distância é muito mais uma questão retórica do que um problema real.

A crítica de Litwin⁹ a essas definições é bastante pertinente, porque, a partir do uso das NTIC, é bem provável que não seja mais adequado defini-la pela distância; talvez o mais apropriado seja propor uma educação semi-presencial, híbrida, que conjugue o que há de melhor nas duas modalidades de ensino. Nem mesmo as normas legais vigentes têm estado em consonância com as novas características da EAD, sendo objeto de impasses, questionamentos, e até mesmo de paradoxos.

Um exemplo desses paradoxos é o Decreto 2494/98, que apresenta no seu artigo 1º., uma definição legal da EAD : “forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem,

⁷ BELLONI, M. 2001, p. 25-29

⁸ LITWIN, E. 2001

⁹ IDEM

com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação.”

É preciso ter cuidado quando mencionamos a auto-aprendizagem, que remete a uma atitude solitária e sem interlocutores. Cabe reconhecer que só o indivíduo pode transformar a informação em conhecimento, mas este não é um processo isolado. Muito pelo contrário, é um processo marcado por uma rede de relações que envolvem fatores psicológicos, afetivos e cognitivos.

Santos¹⁰ afirma que as demandas crescentes por educação no Brasil têm contrariado a tendência do que acontece nos países centrais¹¹, principalmente, no que se refere ao acesso à universidade. O acesso à educação superior é supostamente um dos caminhos clássicos da mobilidade social. Além disso, o sistema educacional sempre esteve ligado à construção de um projeto nacional elitista, que tem sido contestado pela adoção de políticas de ações afirmativas, modeladas sobre critérios raciais e sócio-econômicos. Isto significa que os sistemas educacionais devem expandir suas ofertas de serviços, aumentar o quantitativo de estudantes matriculados, tanto na formação inicial quanto na continuada.

O aumento dos inúmeros cursos de extensão, graduação e pós-graduação no território brasileiro tem sido favorecido tanto pela legislação e quanto pelos recursos técnicos. A expectativa de que a EAD seja o novo milagre educacional é tão prejudicial quanto o preconceito dos que apenas a criticam. Neste sentido, Barreto¹² pondera que

¹⁰ SANTOS, B. 2004

¹¹ Para o teórico português, os países centrais seriam aqueles considerados de primeiro mundo, como por exemplo: Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha.

¹² BARRETO, R. 2001.

grande parte desses cursos concebe a EAD com perspectivas muito limitadas e tradicionais, seja do ponto de vista da teoria do conhecimento, seja da pedagogia, seja em relação às possibilidades tecnológicas dos suportes digitais, o que pode reforçar uma “incorporação marginal” das novas tecnologias.

Evidentemente que as possibilidades da Educação à distância com suporte da informática (EADi) representam um avanço significativo no processo de aprendizagem, sedimentadas, segundo Fiorentini¹³, na interatividade (crítica, diálogo e reflexão), na práxis emancipatória (por meio da palavra e da ação, o homem e o mundo libertem-se da opressão) e nos profissionais comprometidos com a emancipação do homem e a democratização da educação e da sociedade.

Quanto aos profissionais comprometidos, Alves¹⁴ lembra que a educação é uma das áreas do conhecimento em que há uma resistência intensa à mudança. É possível, ainda, perceber discursos que “culpabilizam” as tecnologias pelos males e contradições sociais que vivemos hoje, não atentando para o fato de que estes são frutos das formas de organização econômica, política, social e simbólica.

Em contrapartida, Santos¹⁵ esclarece que está cada vez mais evidente o desejo de abolir a seqüência educação-trabalho e estabelecer uma relação simultânea. Isto é possível de ser notado em algumas “centrais de estágio” que têm oferecido vagas para grande número de estudantes, inclusive para alunos dos primeiros anos dos cursos superiores. Mais uma vez, a responsabilidade pela formação de um novo tipo de profissional, multifuncional, polivalente e inovador recai sobre a universidade.

¹³ FIORENTINI, 2003

¹⁴ ALVES, L. 2003

¹⁵ SANTOS, B. 2004

Nessas circunstâncias, é possível observar que são os próprios avanços tecnológicos que ajudam a distinguir as diferentes gerações de EAD. Desta maneira, a primeira geração tem a correspondência e o material impresso; a segunda se alicerça sobre as primeiras difusões de rádio e TV; a terceira incorpora o uso de computadores em rede e as telecomunicações. Para Pierre Lévy¹⁶, é exatamente o uso intensivo das tecnologias que caracteriza a condição humana. Desumanizador, em alguns casos, é o uso da tecnologia feito pelo homem, ou, melhor dizendo, a forma como o homem se apropria dela. Neste mesmo sentido é que Castells propõe um olhar bastante esclarecedor sobre o sentido da tecnologia na sociedade.

É claro que a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive criatividade e iniciativa empreendedora, intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo. Na verdade, o dilema do determinismo tecnológico é, provavelmente, um problema infundado, dado que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas.¹⁷

Segundo o trabalho desenvolvido por Thiagarajan e Passigna¹⁸, do Setor de Pós-graduação da Universidade de Harvard, as tecnologias educacionais podem se dividir em dois tipos:

a) independentes¹⁹, quando não dependem de recursos elétricos ou eletrônicos para sua utilização e/ ou produção;

¹⁶ LÉVY, P. 1999

¹⁷ CASTELLS, M. 2003, p.43

¹⁸ THIAGARAJAN e PASIGNA, 1988.

¹⁹ Exemplos de tecnologias educacionais independentes seriam o álbum seriado, o cartão relâmpago, cartaz, ensino por fichas, estudo dirigido, flanelógrafo, gráfico, histórias em quadrinhos, ilustração/gravura, instrução programada, jogo,

b) dependentes²⁰, quando dependem de um ou de vários recursos elétricos ou eletrônicos para serem produzidas e/ou utilizadas.

O uso associado de tecnologias dependentes e independentes assegura uma maior possibilidade de atingir diversas camadas da população. Sendo o Brasil um país com dimensões continentais é imprescindível que sejam assegurados e mesclados vários tipos de tecnologias, procurando garantir assim o acesso do maior número possível de pessoas.

É relevante lembrar que o desenvolvimento histórico da EAD no Brasil sofreu um movimento de aceleração nos últimos anos, o que, muitas vezes, impede uma descrição completa do fenômeno. Sendo assim, um breve quadro do desenvolvimento histórico da EAD é apresentado. Apesar da brevidade este quadro colabora com a compreensão do fenômeno apresentando os movimentos tecnológicos e as modificações sofridas pela EAD ao longo do tempo.

O Quadro 1, desenvolvido com base nos trabalhos de Fernandez²¹ e Pfromm Neto²², foi ampliado pela autora que, sem a intenção de esgotar o assunto, registra em seu conteúdo apenas os aspectos considerados mais relevantes dentro do desenvolvimento histórico da EAD no Brasil.

Quadro 1 - Desenvolvimento histórico da EAD

1910	Edgard Roquette Pinto, diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro cria a filmoteca do museu de caráter científico e pedagógico.
1916-18	Venerando da Graça realiza experiências com cinema educativo e publica artigos na revista A escola primária.

jornal, jornal escolar, livro didático, livro infanto-juvenil, mapa e globo, modelo, módulo instrucional, mural, quadro de giz, quadro de pregas, sucata e texto.

²⁰ Quanto às tecnologias dependentes teríamos como exemplo a fita de vídeo, a fita sonora ou cassete, o DVD, a multimídia interativa, o rádio, o slide, a televisão comercial, a televisão educativa, a transparência para retroprojeto e o computador.

²¹ FERNANDEZ, M. 2003

²² PFROMM NETO, S. 1976

1922	Prontel – coordenação e apoio a teleducação no Brasil (MEC)
1922-25	Rádio Sociedade Brasileira
1923	Fundação Roquette Pinto – radiodifusão
1926	Na revista Electron, da rádio Rio de Janeiro, Roquette Pinto publica o primeiro plano nacional de rádio educativo.
1934	Anísio Teixeira confia a Roquette Pinto, no Rio de Janeiro, a instalação e o funcionamento de uma estação de rádio exclusivamente educativa destinada, em especial, ao professor primário – a estação do Instituto de Pesquisas Educacionais, PRD-5.
1936	Doação da Rádio Roquette Pinto ao MEC.
1936	Instituto Rádio Técnico Monitor com programas dirigidos ao ramo da eletrônica.
1939	Cursos por correspondência – Marinha e Exército
1941	Surge no Rio de Janeiro a Universidade do ar que durou dois anos e era destinada ao preparo do professorado leigo através de emissões radiofônicas.
1941	Instituto Universal Brasileiro, formação profissional de nível elementar e médio utilizando mídia postal e material impresso.
1950	Curso de alfabetização pelo rádio, emissora ZYM-7, em Marquês de Valença, estado do Rio de Janeiro, dirigido por Geraldo Januzzi.
1959	MEB – A preocupação básica era alfabetizar e este projeto foi desmantelado pela ação do governo pós-64.
1960	São ministrados os primeiros cursos sobre análise experimental do comportamento e condicionamento operante, por Fred S. Keller, difundindo assim a instrução programada.
1969	TVE do Maranhão – cursos de 5 ^a . Série e 8 ^a . Série, com material televisivo, impresso e monitores.
1970	Criação do projeto MINERVA para atender as necessidades de programação radiofônica educativa requeridas pela Portaria 408/70.
1974	Projeto SACI – Satélite Avançado de Comunicações Interdisciplinares - no formato de telenovela atendia as quatro primeiras séries do 1 ^o . Grau e associada ao Inpe tinha material de rádio e impressão para o treinamento de professores e o ensino fundamental.
1976	SENAC – sistema nacional de teleducação, cursos através de material instrucional
1979	Centro Educacional de Niterói – módulos instrucionais com tutoria e momentos presenciais, cursos de 1 ^o . E 2 ^o . Grau para jovens e adultos, qualificação de técnicos
1979	Colégio Anglo Americano (RJ) – atua em 28 países, com cursos de correspondência para brasileiros, em nível de 1 ^o . e 2 ^o . Graus.

1979	UnB – Cursos veiculados por jornais e revistas em 89 se transforma no CEAD e lança o Brasil EAD.
1991	Fundação Roquette Pinto – programa Um salto para o Futuro , para a formação continuada de professores do ensino fundamental.
1992	UFMT/FAE/Nead – programa em nível de licenciatura em educação para o exercício do magistério no ensino fundamental.
1992	Projeto Acesso da PETROBRÁS suplementação de 1º. E 2º. Graus no próprio ambiente de trabalho.
1993	SENAI/RJ – centro de EAD desenvolve cursos de noções básicas em Qualidade Total, Elaboração de material didático impresso (16 mil alunos), cursos à distância para empresas na Argentina e Venezuela.
1993	Implantação de programas de capacitação de docentes do ensino fundamental e médio das escolas públicas do estado de MG, pela Universidade Federal de Uberlândia.
1995	Multi-Rio (RJ oferece cursos em nível de 5ª. A 8ª. Série, através de programas televisivos e material impresso).
1995	Programa TV Escola
1995	Laboratório de Ensaio à distância do Programa de pós-graduação em Engenharia de Produção da UFSC.
1996	Projeto de Educação Continuada e à distância em Medicina e saúde, DIM / LAMPADA, UERJ com Home page.
1998	UNIVIR-CO (Rede Universidade Virtual do Centro-Oeste que pretende capacitar professores para atuar em EAD.
2000	Projeto VEREDAS que foi iniciativa da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais com IEs públicas, comunitárias e privadas, com o objetivo de formar professores leigos para atuar no ensino fundamental
2000	CEDERJ – Consórcio que reúne universidades estaduais e federais. Conta com apoio e recursos do governo estadual para a instalação de unidades de apoio e de infra-estrutura adequada de tutoria e equipamentos para o oferecimento de cursos e programas na área de licenciatura em pedagogia, ciências biológicas, matemática, física.
2001	RICESU – Rede de Instituições Católicas de Ensino Superior (CVA – RICESU) que pretende organizar e implementar produtos em EAD, com foco na interação entre os agentes de aprendizagem e em busca de inovação educacional

Alguns, ainda, crêem que basta a tecnologia estar presente para que um ambiente de aprendizagem em EAD seja adequado. Outros acreditam que, em alguns países, e em especial no Brasil, não é viável pensar em educação à distância de qualidade. Estes preconceitos são adequadamente combatidos por Castro, quando afirma que:

Se nos detemos inicialmente nos aspectos materiais das tecnologias escolhidas, é preciso que as exigências técnicas sejam comensuráveis com o mundo que as cerca. Mimeógrafo a álcool pode ser a tecnologia mais avançada que o meio ambiente justifica. Se a eletricidade flutua, esqueçam-se os computadores. Se o telefone não dá linha quando precisamos do corpo de bombeiros, não é o caso de usar modems. Não obstante, não há por que supor linearidade perfeita: computadores de bateria podem chegar antes da eletricidade e pode ser mais fácil levar a um lugar remoto um videoteipe do que um bom professor.²³

É necessário ponderar que tecnologia é melhor para cada caso. As classificações das gerações em EAD contribuem para isso quando são fontes de análises dos avanços e das possibilidades de ampliação de acesso, tutoria, capacidade interativa. Porém, vale lembrar que, mesmo existindo uma nova geração com novos meios tecnológicos, aqueles que foram utilizados anteriormente não são abandonados, ou seja, os meios coexistem. Os pressupostos filosóficos irão definir o significado pedagógico do meio e avaliar o contexto sócio-cultural em que ele é utilizado. Por isso, é apresentado o Quadro 2, estruturado por Correa²⁴, 1 que apresenta os principais aspectos de cada geração.

Quadro 2 – Gerações de EAD

Aspectos	1ª. Geração	2ª. Geração	3ª. Geração
Marco	Popularização da imprensa	Difusão de rádio e TV	Difusão dos computadores e telecomunicações
Objetivos pedagógicos	Atingir alunos desfavorecidos	Atingir alunos desfavorecidos	Proporcionar uma educação permanente e ocupacional
Métodos pedagógicos	Guias de estudo, auto-avaliação, instrução programada	Programas teletransmitidos, pacotes didáticos, mediação passiva	Modularização das temáticas, desenhos didáticos a partir das necessidades

²³ CASTRO, C. 1995, p.221

²⁴ CORREA, J. 2000, p.25

			formativas.
Meios de comunicação	correio	Rádio, Tv e materiais audiovisuais	Ciberespaço, satélites, videoconferência
Tutoria	Atendimento periódico, dependendo de deslocamentos	Atendimento esporádico, dependendo de contatos telefônicos	Atendimento dependendo de contatos eletrônicos
Interatividade	Aluno/material didático	Aluno/material didático	Aluno/material didático/alunos/professores/sistema educativo

A busca dos valores e propósitos educativos envolvidos na seleção e na adoção de cada meio tecnológico inerentes à EAD, em cada contexto histórico, leva alguns teóricos a propor a existência de uma 4ª geração em EAD que seria caracterizada pelos consórcios e parcerias formadas entre universidades. Esta nova geração agregaria todos os meios tecnológicos e teria como principal vantagem a diminuição do custo operacional das ferramentas tecnológicas, com a conseqüente maximização da oferta de vagas. E, neste sentido, Demo²⁵ reforça a idéia de que mais do que nunca educação precisa prevalecer sobre conhecimento, aprendizagem sobre informação, ética sobre mercantilização.

A divisão didática em dois tipos de abordagem, tradicional e construtivista, tem como base critérios do MEC²⁶, que descreve sucintamente, apenas, os modelos tradicionais especificando suas características principais. No caso da abordagem construtivista não há nenhuma menção ao seu uso, embora esta apareça descrita, cientificamente, em alguns relatos de experiência.²⁷ Tendo em vista que é a partir da

²⁵ DEMO, P. 2003.

²⁶ O MEC reconhece através do seu manual de elaboração de projetos em EAD os cursos apresentados como tradicionais, classificando-os como modelos de instrução programada.

²⁷ Relato de experiência em dissertações de Mestrado como a de Marcela Afonso Fernandez e a de Marta Cardoso de Lima da Costa Rego citadas nesta bibliografia.

abordagem metodológica que são traçadas as estratégias educativas e organizadas as informações, é fundamental reconhecer o paradigma epistemológico de que se servirá à modalidade educativa, para viabilizar o conhecimento.

2.1. Abordagens Tradicionais

O homem criou a máquina à sua própria imagem e semelhança. De lá para cá duas coisas aconteceram: as máquinas tornaram-se mais parecidas com criaturas vivas, e os organismos vivos têm sido encarados cada vez mais como máquinas. As máquinas contemporâneas não são apenas mais complexas, mas são deliberadamente preparadas para operar no mundo muito semelhante ao comportamento humano.²⁸

As abordagens tradicionais estão diretamente ligadas à instrução programada e têm como fundamento filosófico principal a teoria comportamentalista. Desse modo, o condicionamento para a formação de hábitos presente na teoria behaviorista de Skinner originou a instrução programada, com suas máquinas de ensinar, que foi a primeira manifestação da tecnologia educacional. Por estar centrada nesta concepção metodológica, a EAD não levava em conta as variáveis que interferem na comunicação humana.

Contraopondo a instrução programada (IP) às novas abordagens, pode parecer que esta não tem nem valor, nem qualidades a serem destacadas, o que seria uma posição preconceituosa e inadequada. Por isso, a contextualização é fundamental. A IP é colocada como um modelo tradicional de educação à distância por possuir fortes embasamentos teóricos da visão comportamentalista que também existia na modalidade presencial. Além

²⁸ SKINNER, B. 1993, p. 55-56

disso, a IP e a transmissão de informações abdicando do conhecimento são as características principais do ensino a distância, que se diferencia da educação à distância.

Segundo Villardi, a EAD esteve, ao longo do tempo, associada a uma perspectiva de ensino e não de educação:

Estruturado sobre “ação sistemática e conjunta de diversos recursos didáticos, apoio de uma organização, e tutoria, propiciando a aprendizagem independente e flexível dos alunos”, o ensino à distância se caracterizou, entre nós, pelo predomínio da informação sobre a formação, veiculada por meio de material didático de caráter instrucional, muitas vezes, sob enfoque da instrução programada.²⁹

O MEC apresenta a abordagem tradicional em EAD, tomando como base modelos instrucionistas de ensino. A partir de um manual metodológico para a avaliação de materiais de ensino, elaborado pelo MEC³⁰, foi possível construir um quadro sinóptico com os modelos tradicionais descritos.

Quadro 3 -Os modelos tradicionais em EAD

Modelo	Características
Modelo de controle do comportamento de Skinner	Estímulo e Resposta = aprendizagem. Os objetivos de aprendizagem são especificados em termos mensuráveis. Sendo possível organizar as experiências de aprendizagem para alcançá-los. - Teoria de determinação do comportamento.
Modelo de Rothkopf para a instrução por escrito	Existem perguntas dirigidas no texto que auxiliam na estruturação da aprendizagem (perguntas intra textuais). A aprendizagem ativa é feita através da resolução de problemas relevantes para os estudantes. Estes devem relacionar o novo com o que já foi aprendido.

²⁹ VILLARDI, R. 2001, p. 35

³⁰ MEC, 1999

<p>Modelo organizador do desenvolvimento de Ausubel</p>	<p>A partir de uma apresentação bem estruturada os estudantes aprendem um novo conteúdo que deve ser estruturado de uma maneira similar a um conteúdo previamente conhecido. A organização é fundamental sendo preciso partir do mais geral para os detalhes. É criado um material introdutório capaz de preencher a lacuna existente entre o que o aluno já aprendeu e o que ele precisa aprender ou assimilar.</p>
<p>Modelo de comunicação estrutural de Egan</p>	<p>Pequenas doses de informação Testes de auto-avaliação com respectivas respostas após cada seção de uma unidade. No caso de resultado insatisfatório, os alunos são aconselhados a estudar a lição novamente. Com isso, os estudantes verificariam o próprio progresso.</p>
<p>Modelo de aprendizagem pela descoberta de Bruner</p>	<p>Abordagem voltada para a solução de problemas. O professor seleciona um volume de conhecimento adequado ao nível de conhecimento dos estudantes As informações são escalonadas para serem facilmente “digeridas”.</p>
<p>Modelo de facilitação de Carl Rogers</p>	<p>O trabalho de um facilitador é criar uma atmosfera amigável e propicia para a aprendizagem. Os estudantes têm liberdade total para aprender quando e como eles quiserem, com liberdade total de escolha de disciplinas. O relacionamento entre um aluno e um facilitador deve ser igualitário, de modo que nenhum dos dois assumam uma posição de superioridade. Os comentários têm um caráter instrucional e devem trazer aspectos positivos que facilitem a aprendizagem, avaliem os estudantes e assinalem menções ou notas de forma amigável, colaborando para a realização de seus trabalhos. Diálogo textual entre estudante e orientador é essencial nos materiais de EAD que dão a sensação de relacionamento pessoal entre professor e aluno.</p>
<p>Teoria da conversação didática de Holmberg</p>	<p>O material para a EAD deve lembrar uma conversação dirigida. Esta teoria afirma existir dois tipos de comunicação bidirecional. Uma que é a comunicação real que é resultado da entrega das tarefas e dos comentários que os orientadores fazem sobre elas; e outra que é a comunicação construída dentro do texto. Neste modelo o telefone e a correspondência são meios que possibilitam a comunicação bidirecional</p>

	adequada. As mensagens transmitidas são facilmente lembradas e recebidas quando há uma boa atmosfera e o estilo é adequado.
Modelo geral de ensino de Gagné	O material de EAD prevê uma aprendizagem hierárquica ou um escalonamento instrucional . Existe uma ordem lógica para a apresentação dos conteúdos que tem como pré-requisito básico a partida do mais simples para o mais complexo.

A necessidade de externalizar uma ação que exiba um comportamento e manifeste uma resposta refere-se tanto aos domínios de informações e habilidades quanto aos das atitudes e estratégias cognitivas.

Para Gagné³¹, na situação estimuladora deve-se informar ao aluno o que se espera dele, cabendo a ele evocar coisas anteriormente aprendidas, para relacioná-las com os novos estímulos. Essas orientações facilitarão a evocação e determinarão a boa direção dos processos intelectuais internos do aprendiz o que diminuirá a incidência de erros e o tempo gasto com a aprendizagem.

Outro fator relevante é o feedback, ou reforço, que proporciona a fixação da resposta específica e auxilia na motivação do aprendiz. Prevê também uma série de recapitulações que contrabalanceiem os efeitos do esquecimento e transferem a aprendizagem da memória a curto prazo para a memória a longo prazo possibilitando um armazenamento mais duradouro das respostas ou informações.

Vistas sobre este prisma, as abordagens tradicionais têm o seu valor reconhecido. Afinal, a maioria dos programas de ensino a distância ainda é centrado na IP. As mudanças paradigmáticas propostas estão fundamentadas no ensino de verdades absolutas, o que se opõe à valorização da forma como a aprendizagem é construída e

³¹ GAGNÉ, R. 1968

produzida. Como a EAD não deve ser pensada apenas pela via tecnológica, a proposição de um novo modelo filosófico é uma tentativa de seguir adiante na construção de valores educativos capazes de dar conta das expectativas e dos anseios de pessoas que crêem ser possível reduzir as discrepâncias sociais e construir, a cada dia, uma educação de qualidade.

2.2 . Abordagem sociointeracionista

Em toda conduta, as motivações e o dinamismo energético provêm da afetividade, enquanto as técnicas e o ajustamento dos meios empregados constituem o aspecto cognitivo (senso-motor ou racional). Nunca há ação puramente intelectual sentimentos múltiplos intervêm, por exemplo: na solução de um problema matemático, interesses, valores, impressão de harmonia etc.), assim como também não há atos que sejam puramente afetivos (o amor supõe a compreensão. Sempre e em todo lugar, nas condutas relacionadas tanto a objetos como a pessoas, os dois elementos intervêm, porque se implicam um no outro.³²

É preciso esclarecer que Moretto³³ cunhou um termo bastante apropriado para justificar aquilo que vem sendo desenvolvido no ambiente educacional que será analisado: a abordagem construtivista sociointeracionista. Este é um novo paradigma epistemológico que reúne duas concepções teóricas distintas - o construtivismo de Jean Piaget e o sociointeracionismo de Vygotsky – e tem servido de base para a construção de uma nova maneira de se tratar o fazer pedagógico. Para Villardi e Oliveira³⁴, Vygotsky é um expoente do construtivismo que por enfatizar a importância da interação recebe uma outra posição teórica chamada de sociointeracionismo.

³² PIAGET, J. 1987, p. 38

³³ MORETTO, V. 2002

³⁴ VILLARDI e OLIVEIRA, 2005, p. 25

O conceito de aprendizagem significativa pode ser compreendido como a aprendizagem na qual o aluno, a partir do que sabe, e tendo o professor como mediador da informação, reorganiza seu conhecimento de mundo, ao se deparar com novas dimensões. Dessa maneira, o aluno transfere esse novo conhecimento a outras situações ou realidades, descobrindo o princípio e os processos que o explicam, melhorando, portanto, sua capacidade de organização e ampliando-a para outras experiências, idéias, fatos, valores e processos de pensamento que adquirirá dentro ou fora da escola.

Alguns conceitos, como o de *zona de desenvolvimento proximal*, de Vygotsky³⁵, são fundamentais para o embasamento teórico deste novo fazer. Para o autor, a zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. A partir deste desenvolvimento, o sujeito adquiriria confiança para partilhar suas ações com outros sujeitos.

Consideramos *cooperação*, com base em Piaget:

*cooperar e operar em conjunto, isto é, ajustar, por meio de novas operações (qualitativas ou métricas) de correspondência, reciprocidade ou complementaridade, as ações executadas por cada um dos parceiros.*³⁶

Caracteriza-se pela coordenação de pontos de vista diferentes, pelas operações de correspondência, reciprocidade ou complementaridade, e pela existência de regras autônomas de condutas fundamentadas de respeito mútuo.

³⁵ VIGOTSKY, L. 1998, p.112

³⁶ PIAGET, J. 1976, p. 57

Para que haja uma cooperação real, Piaget afirma que são necessárias as seguintes condições: existência de uma escala comum de valores, conservação dessa escala e reciprocidade na interação. É preciso lembrar que há uma certa confusão em torno da conceituação de termos como interação e interatividade. Villardi e Oliveira³⁷ distinguem os conceitos de interação e interatividade retomando o conceito de interação de Belloni. A referida autora reforça a necessidade de que exista intersubjetividade que, mesmo mediatizada por um veículo técnico comunicacional, apresenta aspectos socioafetivos que sinalizam o encontro de sujeitos. Em outras palavras, a interação ocorre quando há uma afetação mútua.

As autoras prosseguem afirmando que “a interatividade envolve dois sentidos: a potencialidade apresentada por um determinado meio e a atividade do usuário, atuando sobre a máquina e sofrendo, por parte desta, uma *retroação*”. É possível considerar a interatividade como uma possibilidade de informação que não tem esse movimento de mão dupla. Seguindo esta mesma conceituação, Giusta³⁸ afirma que o conceito de interação não é um conceito técnico e sim um conceito pedagógico, traduzido pelo diálogo, pela conversação.

As novas tecnologias interativas disponibilizam, como esclarece Silva³⁹, que haja participação, intervenção, bidirecionalidade e multiplicidade de conexões. Contudo, é preciso lembrar que as interações ocorrem, segundo Villardi⁴⁰, quando há um movimento de afetação mútua, e nem sempre aquilo que é disponibilizado é utilizado por todos os envolvidos no processo comunicacional.

³⁷ VILLARDI e OLIVEIRA, 2005, p.28

³⁸ GIUSTA, A. 2003, p.27

³⁹ SILVA, M. 2002, p.13

⁴⁰ VILLARDI, R. 2002

Dessa forma, a cooperação supõe autonomia dos indivíduos e é efetivamente criadora, sendo o fator mais relevante para o amadurecimento de um grupo que trabalha junto, principalmente em educação. A integração permite que se entreveja um espírito comunitário e cooperativo.

Diante disto, fica evidente que o grande desafio da educação à distância é possibilitar a comunicabilidade para, a partir dela, atingir a interação, que se daria num processo de “afetação mútua”. Villardi reafirma esta posição :

A educação a distância não pode realizar-se sem a interação, processo pelo qual o indivíduo é afetado pela presença do outro, que se dá através da colaboração, da crítica, da análise diferenciada, da presença de um outro ponto de vista. Ao contrário da simples interatividade, de onde podemos esperar apenas as trocas, a interação culmina em uma mudança de concepções, em uma construção de conhecimentos a partir da reflexão e da crítica, que se dá em ambientes cooperativos, onde é possível a aprendizagem significativa.⁴¹

Enfim, esta possibilidade de educação à distância, com base sociointeracionista de formação continuada que teve alguns aspectos fundamentais citados , à distância, com a utilização da informática (EADi), via rede, abre um horizonte de perspectivas.

⁴¹ IDEM, p.4

3. FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: UMA EXPERIÊNCIA DIFERENCIADA

A opção pela formação docente a partir de ambientes tecnológicos é uma opção pelo futuro: representa a possibilidade de oferecer a milhões de crianças brasileiras, hoje já excluídas das conquistas da tecnologia, em termos de bem-estar social, uma formação adequada ao enfrentamento a vida adulta, na medida em que se tornem capazes de, analisando, compreender os processos socioculturais em que se inserem; capazes de, trabalhando em equipe, contribuir para o crescimento de grupo; capazes de, convivendo com a diferença, experimentarem o exercício democrático que sustenta a plena cidadania.⁴²

O verbete formação é apresentado por Ferreira como “ato ou efeito ou modo de formar, maneira por que se constitui uma mentalidade, um caráter ou conhecimento profissional”⁴³ Nesta direção, cabe salientar que a formação não deve priorizar apenas o externo. Tomando como base aquilo que foi ensinado por Giusta, “o ato formativo requer, para ser coerente, uma constante reflexão sobre si mesmo, sob pena de transformar-se em meras práticas receitas e petrificadas.”⁴⁴

A educação continuada tem um sentido de prolongamento da vida escolar, segundo o interesse do indivíduo e a solicitação da sociedade. E, para Bettega⁴⁵, a formação continuada de professores é significativa porque busca corrigir distorções de sua formação inicial, e também contribui para uma reflexão acerca de mudanças educacionais que estejam ocorrendo.

A partir disso, o professor, provavelmente, sente-se mais confiante em utilizar os aspectos técnicos e outros relativos à produção de conhecimentos, sendo capaz de

⁴² VILLARDI, R. 2003, p. 444

⁴³ FERREIRA, R. 1988, p.304

⁴⁴ GIUSTA, A. 2003, p. 57

⁴⁵ BETTEGA, M. 2004

enfrentar o que Lévy⁴⁶ chamou de segundo dilúvio, o das informações. E o locus que aparece, quase naturalmente, quando a pesquisa é vista como um componente fundamental da formação de professores, é a universidade.

Vale lembrar que a EAD tem uma intensa função democratizante. Diferenciar um modelo formativo de um modelo instrucionista é o primeiro passo para a investigação de outras categorias, como a linguagem, o conteúdo, as atividades e o modo como é construído o conhecimento. A fundamentação filosófica permeia todo o processo de seleção e organização do curso, e isto pode ser verificado na forma como este conteúdo é disponibilizado, bem como na metodologia que organiza todo o trabalho.

Uma proposta formativa em EAD traz à tona a metáfora da aprendizagem em rede, reforçando a idéia de que há vários caminhos possíveis no trajeto entre dois nós. Um destes caminhos é a abordagem sociointeracionista que contribui como um salto transformador no modo como os instrumentos tecnológicos são utilizados, de modo a assegurar a produção de um saber significativo e contextualizado.

A estrutura metodológica de um modelo formativo deve promover a autonomia, buscando a interação entre todos os sujeitos envolvidos no processo educacional. Além disso, a pluralidade tecnológica a serviço de uma pluralidade metodológica, como diria Santos⁴⁷, rompe com as fronteiras do tempo e espaço, altera as relações pessoais e conecta os conhecimentos locais e globais de modo a facilitar diversas alternativas de interatividade, estabelecendo novas relações com materiais, contextos, saberes, práticas humanas e aprendizes interlocutores do processo educativo à distância.

⁴⁶ LÈVY, P. 1999

⁴⁷ SANTOS, B. 1997, p.70-95

Morin⁴⁸ esclarece que as exigências da atualidade têm como base um conhecimento construído e relacionado, capaz de conectar o conhecido a novos saberes. É preciso estabelecer uma mudança paradigmática que passe do conhecimento fragmentado e disciplinarizado para um conhecimento que apreenda os objetos em sua complexidade através de uma contextualização.

Martins Rodrigues⁴⁹, em obra citada por Belloni, estabelece três dimensões, do ponto de vista teórico, para a formação de professores: pedagógica, tecnológica e didática. A primeira referente às atividades de orientação, aconselhamento e tutoria incluindo os processos de aprendizagem e de conhecimentos oriundos da Psicologia, das ciências cognitivas, e das ciências humanas - as quais favoreçam o estabelecimento da autonomia docente. A segunda abrange as relações entre tecnologia e educação em todos os seus aspectos: a utilização dos meios técnicos disponíveis, incluindo a avaliação, a seleção de materiais pedagógicos com seus meios. A terceira diz respeito à formação específica do professor em determinado campo científico e à necessidade constante de atualização quanto à evolução da disciplina.

Sob esta ótica é que Libâneo defende que os cursos de formação de professores:

precisam garantir espaços para práticas e estudos sobre mídias, sobre a produção social de comunicação escolar com elas e sobre como desenvolver competente comunicação cultural com várias mídias. Em resumo, os educadores escolares precisam dominar um saber sobre produção social de comunicação cultural e um saber ser comunicador escolar com mídias e multimídias. Precisam apropriar-se da tecnologia da comunicação para provocar uma reflexão crítica e questionadora em relação à busca e elaboração da informação articulada à produção social da vida individual e coletiva.⁵⁰

⁴⁸ MORIN, E. 2002

⁴⁹ BELLONI, M. 2001, P.88

⁵⁰ LIBANEO, J. 2003, P.73

António Nóvoa⁵¹, um estudioso da profissão docente, propõe três dimensões para o conhecimento profissional: teórica, prática e experiencial. Estas representam um conjunto de saberes, de competências e de atitudes que estão em relação num determinado momento educativo. Dessa maneira, deixa evidente que o professor tem na experiência uma ação sobre si mesmo, determinada pela interação entre as identidades biológicas e culturais, a qual se faz presente em sua relação com seus ambientes sociais e naturais.

A prática reflexiva, crítica e criativa teria o mesmo sentido do conhecimento experiencial proposto por Nóvoa. Neste mesmo caminho, Schmidt & Carvalho revelam, com muita propriedade, o sentido do processo formativo quando afirma que

Tanto a teoria quanto a prática têm papel assegurado neste processo, porque as teorias são como mapas que nos ajudam a viajar sobre o momento presente para auscultar a realidade, o que não se faz sem a história. O que se busca, na verdade, é a construção de uma prática pedagógica reflexiva, crítica e criativa.⁵²

É preciso reformular as mentalidades, a cultura docente, os modos de ver e de se realizar o processo educativo. E, como lembra Ramal, “o paradigma tradicional de ensino se localiza mais nas posturas docentes e nos projetos pedagógicos de cada escola, do que em determinados momentos históricos.”⁵³ Estabelecer um caminho é necessário, e esta proposta educativa é uma nova malha a ser tecida nas redes do conhecimento.

⁵¹ NÓVOA, A. 1995

⁵² SCHIMDT & CARVALHO, 2003, p. 55

⁵³ RAMAL, M. 2003, p. 30

3.1. A proposta CEDERJ

Nenhum de nós pode neste momento visualizar projetos concretos (...) que correspondam inteiramente ao paradigma emergente (...) por estarmos numa fase de transição. (...) Sabemo-nos a caminho mas não exactamente onde estamos na jornada.⁵⁴

Este trabalho assume o risco de analisar, diante de novos paradigmas emergentes, as rupturas e utopias de um curso superior à distância. A novidade não está no que está sendo feito, e sim na maneira como, a partir de uma pluralidade tecnológica e metodológica, busca-se fazer melhor o que já se fazia antes.

O consórcio do Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ) é uma ação concreta em andamento que atende a uma utopia há muito tempo sonhada: ampliar o espaço do público e o debate coletivo, em contraposição aos imperativos econômicos, fruto do trabalho conjunto da Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI) e das universidades públicas sediadas no Estado do Rio de Janeiro – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Vasconcellos⁵⁵, em entrevista a revista ADVIR, afirma que a proposta CEDERJ “não é uma questão de escolha entre alternativas, e sim de criar outra alternativa que dê conta de bolsões de pobreza, onde a universidade não possa chegar.”⁵⁶ Além disso, na mesma entrevista, Vasconcellos pondera que “se daqui a alguns anos, por necessidade

⁵⁴ IDEM .p.58

⁵⁵ Sub-reitor de graduação da UERJ, no período de implantação do Consórcio CEDERJ.

⁵⁶ Revista ADVIR, p. 19

ou escolha do Estado, o consórcio reduzir suas atividades, é preciso que as universidades integrantes do CEDERJ estejam capacitadas a bancar o sistema. É o nome da UERJ, da UFRJ, da Uni-Rio, da UFF, da Rural e da UENF, que está no interior do estado.”⁵⁷

Ficam evidentes as especificidades apresentadas por cada instituição pertencente ao consórcio, e são justamente estes fatores que validam o processo, assegurando o papel autônomo da universidade. Vasconcellos lembra, ainda, que “o CEDERJ é um consórcio que reúne seis universidades públicas, cuja função é a de articular, de juntar competências e, não de reduzir a autonomia universitária”⁵⁸

Pela organização estrutural do consórcio, o aluno tem na sua cidade ou próximo a ela, um pólo de atendimento, com bibliotecas, laboratórios, uma sala de tutoria, um auditório, encontro semanal com o tutor presencial e a possibilidade de interagir com os tutores à distância através da internet e de um telefone (0800). O aluno que não dispuser de computador pode utilizar o laboratório de informática do pólo regional.

Otto Peters prediz que “a universidade do futuro usará e integrará uma grande quantidade de formas de apresentação, face a face, a distância e informatizada, e irá assim desenvolver novas configurações pedagógicas que não se parecerão mais com as formas tradicionais de ensino.”⁵⁹ Neste mesmo caminho, é válido lembrar que o consórcio oferece duas mídias, Internet e material impresso, que, agrupadas, facilitam o processo comunicativo e relacional.

Para Maia, uma saída viável é a formação de parcerias que, por reunirem diversas instituições, diminuem os investimentos individuais, criando uma força que potencializa o alcance e concretiza ideais. A autora chega a afirmar que esta é a 4ª. Geração em EAD,

⁵⁷ IDEM, p.20

⁵⁸ IBIDEM, p. 19

⁵⁹ PETERS, O. 2004, p.65

por utilizar as NTICs como apoio e plataforma de interatividade. Para a autora, “o único problema é que não estamos acostumados a compartilhar, a repartir, a somar, a multiplicar, a contribuir.”⁶⁰

A parceria estabelece funções para cada instituição participante. Sendo assim, o planejamento didático, a elaboração das disciplinas, a avaliação dos alunos, a capacitação dos tutores presenciais e à distância e a coordenação do acompanhamento dos alunos fica a critério das universidades conveniadas. O provimento e a manutenção do espaço físico para o funcionamento dos pólos regionais, a aquisição de acervo bibliográfico e audiovisual, o provimento de tutores e funcionários técnicos-administrativos é de responsabilidade das Prefeituras.

Cabe aos pólos organizar a infra-estrutura de atendimento e estudo para que o aluno tenha sua referência institucional, desenvolvendo cursos de extensão, atividades culturais e experimentais. É responsabilidade das universidades, estruturar, desenvolver e produzir o material didático, administrar a vida acadêmica dos alunos, o processo de avaliação presencial e a avaliação dos procedimentos pedagógicos adotados na educação à distância, contando para isso com o apoio financeiro do CEDERJ.

O acompanhamento do processo de aprendizagem dos estudantes, a avaliação dos cursos e disciplinas por alunos e docentes, o estabelecimento da composição e manutenção do quadro técnico e docente necessário para o cumprimento das funções, a administração da logística do fluxo de material didático entre os discentes e docentes, o estabelecimento e o acompanhamento dos convênios com as Prefeituras para o perfeito funcionamento dos pólos regionais também são descritas como responsabilidade do CEDERJ.

⁶⁰ MAIA, C. 2003, p. 502

O processo de interiorização abre cursos em pólos regionais e em postos de atendimento para estudantes que terão sua titulação fornecida por uma das universidades do convênio. Até o momento, o consórcio disponibiliza os seguintes cursos:

- Licenciatura em Física - oferecido pela UFRJ, atende aos pólos de Volta Redonda, Macaé, Itaperuna, Três Rios, Angra dos Reis, Paracambi e Zona Oeste.
- Licenciatura em Matemática, oferecido pela UFF, nos postos de Itaocara⁶¹, Santa Maria Madalena⁶² e nos pólos de Volta Redonda, Petrópolis, Piraí, Cantagalo, Macaé, São Pedro da Aldeia, Angra dos Reis, Saquarema, São Francisco de Itabapoana, Itaperuna, Paracambi, São Fidélis, Três Rios e Bom Jesus de Itabapoana.
- Licenciatura em Ciências Biológicas - oferecido pela UENF - no posto de Itaocara e nos pólos de Itaperuna, Macaé, Paracambi, Petrópolis, São Fidélis, São Francisco de Itabapoana; e pela UFRJ, nos pólos de Angra dos Reis, Três Rios, Volta Redonda, Piraí, Bom Jesus de Itabapoana e Zona Oeste.
- Tecnologia em sistemas de computação à distância, oferecido pela UFF nos pólos de Volta Redonda, Piraí, Três Rios e Angra dos Reis.
- Pedagogia das Séries Iniciais, oferecido pela UERJ, nos pólos de Nova Friburgo, Maracanã, São Pedro da Aldeia, Paracambi e Petrópolis; e pela UNIRIO, nos postos de Itaocara e de Santa Maria Madalena, bem como nos pólos de Cantagalo, Bom Jesus de Itabapoana, Piraí, São Fidélis, São Francisco de Itabapoana, Saquarema, Três Rios e Volta Redonda.

⁶¹ vinculado ao pólo de São Fidélis

⁶² vinculado ao pólo de Cantagalo

O foco de estudo deste trabalho é o curso de Pedagogia das Séries Iniciais oferecido pela UERJ. Este curso teve a sua primeira turma em 2003, e ainda não possui alunos concluintes. O grupo selecionado para este estudo pertence à segunda turma do curso, que tem início no primeiro semestre de 2004. Consta no Edital do Concurso que prestaram:

Os candidatos ao curso de Pedagogia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental deverão entregar também fotocópia autenticada em cartório do Diploma de Conclusão de Ensino Médio em Curso de Formação de Professores de 1^a a 4^a série do Ensino Fundamental e fotocópia autenticada em cartório do contra-cheque que comprove estar o candidato em efetivo exercício, em estabelecimento educacional das redes públicas, de âmbito municipal, estadual ou federal no Estado do Rio de Janeiro. - 4o. vestibular do Consórcio CEDERJ/2004 – período de ingresso dos alunos analisados nesta pesquisa- 2^a seleção pública para Pedagogia das Séries Iniciais – item 3.3.1.4

O critério adotado no concurso evidencia que o curso de Pedagogia das Séries Iniciais é, antes de mais nada, um curso de formação continuada, preferencialmente para professores em exercício na rede pública. Hoje, embora permaneça a exigência do diploma de conclusão do Ensino Médio em Formação de Professores de 1^a. a 4^a. Série do Ensino Fundamental não há mais a obrigatoriedade de que os alunos estejam exercendo a profissão.

Vislumbrando um caminho cabe seguir as recomendações de Villardi e Oliveira quando afirmam que :

Torna-se necessário, agora, sistematizar esses estudos e definir um conjunto de elementos que, de forma articulada, permitam que o binômio sistema/material didático forneça as condições necessárias – embora não suficientes, é bom lembrar – para promover a aprendizagem colaborativa à distância.⁶³

⁶³ VILLARDI e OLIVEIRA, 2005, p. 60

3.1.1 – O sistema

A filosofia adotada pelo curso serve como fonte primária para o estabelecimento da estrutura em que o sistema será desenvolvido. É preciso adotar um sistema que esteja de acordo com os objetivos e enfoques desejados.

Pensando nisto foi montada uma comissão formada pelos representantes das universidades consorciadas – professores especialistas em EAD e no desenvolvimento de softwares para educação à distância – que analisou as plataformas existentes no mercado, optando por um sistema desenvolvido pela empresa SEMEAR.COM Consultoria e Soluções Ltda.

A concepção pedagógica, o quadro institucional e a escolha da mídia influenciam bastante o custo total de um sistema de ensino à distância. No caso do CEDERJ, a licença de uso do sistema Quantum foi cedida gratuitamente para todas as universidades públicas.

Em sua segunda versão, o Quantum V2 se constitui num sistema para aplicação de cursos através da Web, o qual permite que professores e alunos estejam em constante contato. Embora ainda limitado, em termos de interação entre grupos de alunos, a escolha desse sistema baseou-se em critérios de confiabilidade e de segurança, aliados à qualidade com que o conteúdo educacional é apresentado, o que inclui recursos multimídia, hipertexto e links diversos.

Os participantes do curso precisam estar cadastrados no sistema, sendo necessário, para acessá-lo ter um login e uma senha pessoal. Isto assegura a privacidade e marca o lugar do usuário, bem como os serviços que pode ou não utilizar. Por exemplo, os tutores têm acesso apenas às disciplinas em que eles atuam.

A plataforma possui uma série de recursos: a criação de um curso, adição de conteúdo, edição de conteúdo, modificação do ambiente, ferramentas de colaboração, ferramentas de comunicação e de apoio. Além disso, os conteúdos podem ser adicionados nos formatos HTML, ASP, Java, Flash e Scripts, além de também poderem ser incluídos ícones e logomarcas. Há uma imagem da plataforma em anexo que pode tornar esta explicação mais clara.

As ferramentas de administração e de controle podem ser vistas em ações práticas de cadastro, controle dos cursos, tutoria, relatórios, controle de avaliações, controle das ferramentas de colaboração, de comunicação, de apoio. Estas ferramentas são fundamentais para que os alunos sejam agrupados por turmas e cursos diferentes. A própria plataforma, de acordo com o login, seleciona as funções de cada um (tutores, professores, alunos), disponibiliza as avaliações, oferece informações, horário dos chats, quadro de avisos- e possibilita a moderação dos fóruns de discussão, a atualização da agenda, e-mails, download, biblioteca, glossário e um sistema FAQ⁶⁴ em que aparecem as perguntas mais freqüentes.

Um ponto positivo é a utilização de uma plataforma específica, que garante privacidade, agilidade no processo e impede que o usuário fique sujeito a todo tipo de propaganda que aparece, com freqüência, nos provedores gratuitos. Pode, ainda, guardar dados pessoais importantes, registrar informações, disponibilizar ou não conteúdos.

A modelagem do sistema apresenta um problema que está sendo revisto⁶⁵ e, provavelmente será organizada uma nova versão de plataforma⁶⁶ para dar conta da

⁶⁴ FAQ – Freqüência de Aparecimento de Quadros

⁶⁵ As sugestões feitas por tutores e alunos têm diversos itens, entre eles, a introdução de fotos.

interação aluno-aluno. Os alunos não podem trocar e-mails pela plataforma, podendo, apenas, verificar aquilo que os outros questionaram na sala de tutoria.

⁶⁶ A possibilidade de uma reformulação da plataforma vem sendo discutida nas reuniões institucionais do CEDERJ como forma de minorar este tipo de problema.

3.1.2. O material didático

No caso da EAD, o material didático(MD) é um elemento

Cooperação	Favorecer e estimular o trabalho grupal e colaborativo
Compreensão	Estimular o raciocínio lógico, a compreensão e a memorização crítica, a análise e síntese, entre outras habilidades cognitivas
Auto-educação	Desenvolver a motivação epistêmica, a autocrítica e a atividade metacognitiva.

O material didático do curso apresenta-se de duas formas: impresso e on line. A impressão prévia do material permite que o estudante manuseie melhor o impresso, sem que precise ler no monitor. Isso garante a associação entre tecnologia independente e dependente, favorecendo o acesso ao conteúdo. No material impresso acontece uma recapitulação integradora, que é capaz de retomar temas abordados anteriormente.

A apresentação das aulas é feita pelos conteudistas, que, ao introduzirem as aulas, esclarecem os objetivos e propõem atividades em um pequeno vídeo. Este vídeo objetiva aproximar o aluno do professor, retornando algumas características das aulas expositivas orais, como o timbre de voz de cada autor, as pausas e hesitações, o movimento de braços e mãos.

A divisão do material didático impresso é feita por aulas. No início de cada aula aparecem seus objetivos e os pré-requisitos necessários ao acompanhamento do conteúdo. No final da aula apresenta-se um resumo, uma avaliação, seguida, em alguns casos, de respostas comentadas.

Segundo Villardi e Oliveira⁶⁸, é necessário que a elaboração do material didático para a EAD atenda a quatro condições básicas, por parte de quem vai utilizá-lo:

- a) intelectuais , relativas à etapa de desenvolvimento cognitivo;
- b) psicológicas, quando procuram despertar interesse e motivação;

⁶⁸ IDEM, p. 96

c) do contexto, ao vincular o conteúdo à realidade sócio-histórica em que ocorre a aprendizagem; e

d) específicas do aprendente, já que embora não seja um material individualizado, deve apresentar diversos estilos de aprendizagem, aumentando assim as possibilidades de compreensão.

Ainda segundo as autoras, “o material didático para a Educação à distância precisa dar suporte a um rico processo de motivação epistêmica- ação-conhecimentos-reflexão-transposição do aprendido para o mundo social, alterando, substantivamente, a realidade dos sujeitos que a ele têm acesso.”⁶⁹

O material didático impresso toma por empréstimo características que o aproximam do livro. Num sentido, cabe lembrar Freitag, que afirma

a era informacional não é inimiga do livro, pelo contrário, dispõe da tecnologia para universalizá-lo, democratizá-lo. A tecnologia da informação é mais do que qualquer outra (estou pensando naquelas que Walter Benjamin tinha em mente), a que garante a “reprodutibilidade técnica” da palavra escrita, do som falado, da imagem ilustrada, separadamente e sob forma sintética.⁷⁰

A elaboração de um material polifônico deve abrir espaço para um diálogo com o leitor, permitindo que este contribua, com suas experiências anteriores, disponibilizando um conteúdo modular. É preciso esclarecer que um material modular apresenta pequenas células de conteúdo encadeadas entre si, mas permite uma organização não-sequencial do conteúdo.

⁶⁹ IBIDEM, p.104

⁷⁰ FREITAG, B. 2003, p. 139

3.2. O curso de Pedagogia das Séries Iniciais e o Sociointeracionismo em Língua Portuguesa

O curso de Pedagogia das Séries Iniciais oferecido pelas instituições do Consórcio CEDERJ foi modelado como uma graduação plena, semi-presencial, de formação continuada com o objetivo de capacitar os professores do Estado, com atenção especial para os das redes públicas.⁷¹

A proposta é que o aluno/profissional “imerso em sua prática, busque confrontá-la com a teoria, e ao cotidiano retorne revigorado pela reflexão e pela dúvida – movimentos indispensáveis à constituição de um pensamento crítico e criativo, portanto transformador.”⁷²

Nesta direção, Scala afirma que

O professor em atividade profissional possui um conhecimento subentendido, implícito, advindo de sua prática docente, e que muitas vezes dele não se dá conta. O processo educativo continuado e sua discussão claramente ajudam a desvendá-lo. Este processo permite que o próprio professor reflita sobre seus pressupostos, suas convicções e sintonize-os em sua ação.⁷³

Nas séries iniciais do ensino fundamental, o professor é responsável por grande parte da formação de seus alunos, iniciando-os nos saberes historicamente elaborados pela humanidade, os quais podem, didaticamente, ser divididos em quatro grandes áreas: linguagem, ciências sociais, exatas e da natureza.

⁷¹ Este objetivo embora ainda apareça no guia do aluno CEDERJ online tem sofrido algumas modificações que aparecem nos editais dos vestibulares, ou melhor dizendo nos parâmetros para o ingresso nas instituições. No início, era exigido que o candidato ao curso de Pedagogia das Séries Iniciais fosse professor regente do Estado ou município com o curso normal concluído. No segundo vestibular, a exigência foi modificada para professor com matrícula ativa no estado ou município e no terceiro vestibular há apenas a exigência pela titulação de curso normal não havendo necessidade de estar ou não em serviço.

⁷² GUIA DO ALUNO, 2004, p.5 – em anexo 3

⁷³ SCALA, 1995, p. 41

Neste curso são previstas cinco etapas fundamentais para o desenvolvimento do aluno: a reflexão sobre a prática, a articulação das quatro grandes áreas do conhecimento, a reformulação das práticas cotidianas, a formulação de um projeto político-pedagógico e a participação ativa na rede virtual de formação continuada.

Nos aspectos operacionais do curso estão presentes o material didático, as tutorias e os pólos regionais, que têm a função de fornecer uma identidade do aluno com a instituição. No caso analisado, a UERJ é responsável por cinco pólos: São Pedro da Aldeia, Maracanã, Petrópolis, Nova Friburgo e Paracambi. As tutorias presenciais e as avaliações presenciais são realizadas nos pólos regionais.

Com carga horária mínima de 2805 horas, a proposta curricular se articula sobre três núcleos: o núcleo de formação específica, com uma dimensão teórico-prática; o núcleo de formação complementar (formação em serviço), com 420 horas de prática de ensino e 420 horas de estágio; e o núcleo teórico-prático, que integra pesquisa e prática pedagógica, apresentado desde o início do curso.

Na aula inaugural, os alunos conhecem coordenadores, tutores presenciais, tutores à distância, técnicos de apoio e seus colegas, facilitando, dessa maneira, futuros contatos à distância.

O foco preferencial desta análise é a disciplina Língua Portuguesa, oferecida nos dois primeiros períodos do curso – Língua Portuguesa 1 e 2. A escolha se deveu ao caráter fundador dessa disciplina, tanto para os professores em formação, quanto no que tange ao trabalho que será realizado com suas crianças. Assim sendo, o foco será a LP: o conteúdo ministrado, os meios que permitem a comunicação e a avaliação feita pela disciplina.

de lidar com um conteúdo que estaria pronto e acabado. Educação seria um processo em que a ação discursiva, o texto, seria construído pelos falantes e escritores através da interação.

O material didático impresso apresenta algumas questões que fazem com que o aluno reflita sobre a sua realidade: "A que conclusões você pode chegar? Que condições você possui para transformar seu cotidiano escolar, principalmente no que se relaciona ao ensino de língua materna?"⁷⁵

Na abordagem lingüística, não existe uma variedade única, correta e infalível. A norma constrói-se no uso, na interlocução, nos diversos contextos de utilização da fala ou da escrita. O MD aborda assuntos polêmicos da gramática tradicional, como, por exemplo, as classes de palavras, enfatizando a necessidade de lidar com a carga semântica durante todo o processo de compreensão da LP, incitando o leitor a mudar sua prática.

Durante o estudo do módulo, são solicitadas tarefas relativas ao aprofundamento dos conteúdos e ao estabelecimento de relações com sua prática pedagógica no cotidiano de seu trabalho escolar. Alguns exemplos disto aparecem no volume 1 de LP 1:

Agora, vamos estabelecer um primeiro desafio conjunto: para você e para nós...
Realize uma atividade de produção de texto com sua turma.
Escolha uma dessas produções e realize uma correção coletiva desse mesmo texto
Leve ao pólo essas duas produções e procure discuti-las com seus colegas, bem como com o tutor de Língua Portuguesa 1.
Envie para a universidade essas duas produções para que, juntos, possamos avaliar os avanços e recuos nesse trabalho.⁷⁶

⁷⁵ IDEM, p. 49

⁷⁶ IBIDEM, p. 57

Além disso, a relação do conteúdo com as demais instâncias do curso como plano de estudos, outras matérias, conhecimentos prévios, grupo social e comunidade científica é bastante clara. Um exemplo prático da relação do conteúdo com o conhecimento prévio está no módulo I de LP 1, aparecendo como o primeiro contato do autor com o leitor:

Aprendemos que a melhor maneira de se conhecer o significado de uma palavra é procurar sua definição no dicionário. Nossa primeira aula tem, no título, duas palavras-chave: poder e língua. Sabemos o que ambas significam? O que o dicionário nos dirá?⁷⁷

É possível também exemplificar a relação do conteúdo com outras matérias:

Para ampliarmos e aprofundarmos nossa reflexão sobre a definição de poder, seria interessante você verificar o material da disciplina *Fundamentos da Educação 1* lá, trabalha-se também esta categoria de análise. **Que relações você poderá encontrar entre as reflexões realizadas neste material e o material de Fundamentos da Educação 1?**⁷⁸

As habilidades predominantes nas atividades são de síntese, compreensão, análise, ampliação, aplicação e reflexão. Há uma quantidade significativa de atividades que enfatizam os tópicos mais relevantes, apresentando coerência com o conteúdo, a exeqüibilidade, o retorno e o estabelecimento das propostas, de modo a atender aos objetivos estipulados

O conteúdo é disposto nos módulos de forma contínua, partindo dos conteúdos mais simples para os mais complexos, criando elos discursivos em que ficam evidenciados aspectos de coerência e coesão textual. Diante disto, é comum a retomada

⁷⁷ IBIDEM, p. 7

⁷⁸ IBIDEM, p. 12

de assuntos tratados anteriormente. Esta continuidade aparece explicitamente no texto quando, por exemplo, no módulo II de LP 2, as autoras afirmam :

Na perspectiva de leitura que adotamos ao longo do Módulo 3 de Língua Portuguesa na Educação 1, o leitor não se situa fora do texto, mas se introduz nele no processo de análise, a partir de uma compreensão responsiva e das relações dialógicas que, então, são empreendidas.⁷⁹

É possível verificar que o MD de LP 2 aprofunda as questões discutidas em LP 1, centrando-se no trabalho com textos que fazem parte do cotidiano: letras de música, poesias, recortes de jornal e textos de Internet, procurando refletir a respeito da aquisição das habilidades lingüísticas, como forma de reivindicar a cidadania e conquistar um espaço na sociedade.

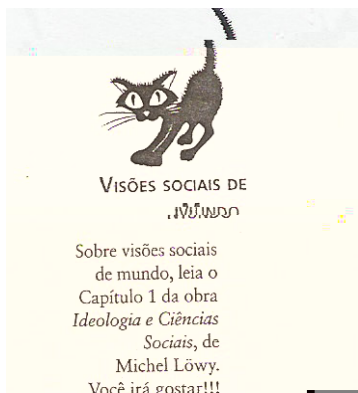
A bibliografia, que surge como acréscimo de informações e sugestão de novas relações, aparece de duas maneiras no material didático: ao final das aulas como parte das referências utilizadas pelo autor para redigir o texto, ou dentro do texto, em caixas ou janelas hipertextuais, de modo a ampliar o conhecimento sobre aquele assunto.

No material didático de LP, há uma riqueza de aspectos gráficos e visuais que auxiliam na compreensão do texto, transformando, complementando e dialogando com ele. Alguns ícones aparecem de forma recorrente, como, por exemplo, os boxes *explicativos*, que aparecem na cor cinza e introduzem textos que abrem novas janelas, possibilitando outras leituras.

Os boxes referenciais sugerem a leitura de clássicos como e servem como fonte biográfica de alguns autores, como por exemplo, Guimarães Rosa.

⁷⁹CAPELLO & FRANÇA, 2003, p.12

Figura 1- O gato arrepiado



Há, ainda, um box com um ícone exclamativo, que introduz questionamentos e abre a possibilidade hipertextual sendo um agente instigador e provocador presente no processo educativo.

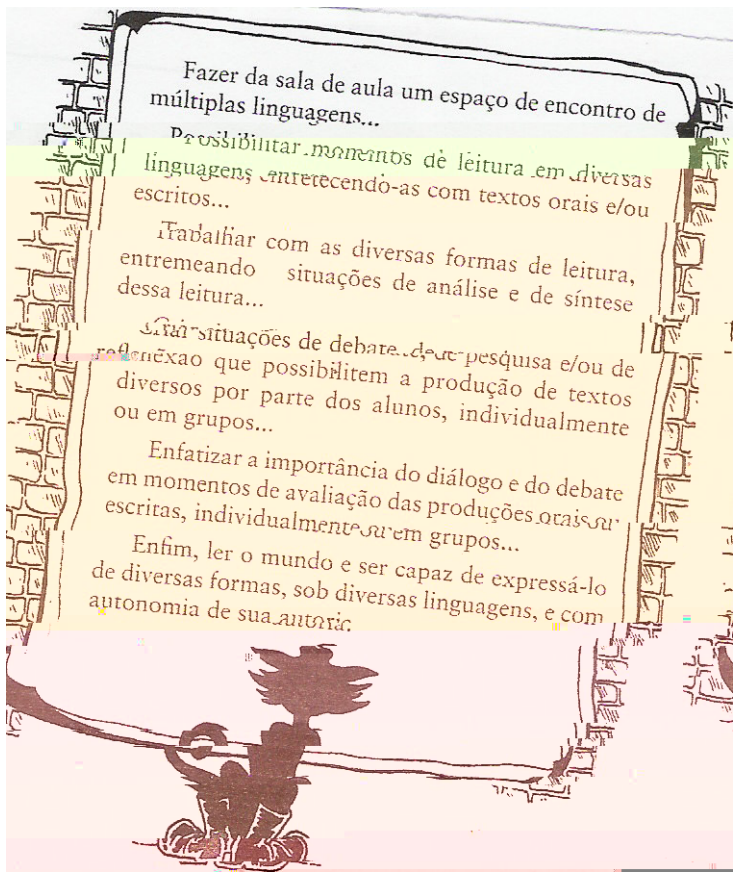
Um outro ícone é o gato, que, normalmente, insere a função “para saber mais”, de forma instigadora e interessante.

Além disso, o gato varia de modo a expressar diferentes emoções, podendo arrepiar-se, dançar, saltar e ir construindo e costurando conhecimentos.

A imagem do gato é uma alusão ao Gato de Botas, personagem-título da obra de Charles Perrault. É possível observar este sentido dentro do próprio texto ilustrativo que antecede esta afirmação. Esta intertextualidade traz à tona a idéia de que o convencimento do outro é construído através de argumentos reflexivos, ao mesmo tempo em que colabora com a quebra do paradigma da verdade. A história pode ser resumida da seguinte forma: um gato é deixado pelo pai como herança para o filho mais novo, que, de início, não lhe atribui nenhuma utilidade. Então, o gato começa a falar e pede um par de botas e um saco, partindo para desbravar florestas, presenteando o rei com o produto de suas caçadas e atribuindo a seu dono o mérito de seus feitos. Além disso, confere uma titularidade nobre ao dono, transformando-o em marquês. Um dia, convence o amo a banhar-se num lago, finge que este está se afogando e chama o rei para auxiliá-lo. Segue adiante em seu caminho e diz a todos os passantes que se declarem servos do marquês. Chegando a um castelo, descobre que o dono do castelo, um gigante, pode transformar-se em qualquer animal. Valendo-se de sua vaidade, convence o gigante a transformar-se

num rato que é comido por um gato. Dessa forma, toma o castelo para o seu dono e consegue que ele se case com a mulher mais bonita do reino.

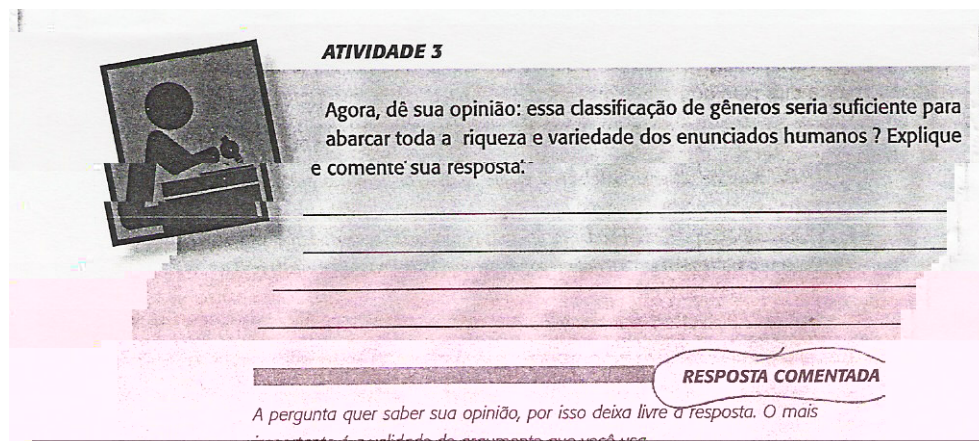
Figura 2 – O Gato com Botas



Existem vários indícios que deixam clara a escolha desta história. É preciso que o Gato de Botas realize sua viagem, levando o leitor a lugares em que ele nunca sonhou estar. Ele inicia o módulo de Língua Portuguesa com uma ilustração muito significativa e intertextual.

Em LP 2, aparece um novo ícone, um bonequinho estilizado, sentado numa cadeira, com uma caneta, como se estivesse escrevendo. E, neste momento, mais uma vez, fica evidenciado o compromisso das autoras com a visão sociointeracionista quando apresentam uma resposta comentada que não traz nenhum vínculo com o tradicional gabarito.

Figura 3 – o novo ícone



O conteúdo disponibilizado online apresenta um dinamismo próprio da mídia em que é veiculado, proporcionando a busca por outros sites e favorecendo assim uma leitura hipertextual.

3.2.2. Meios

Edgar Morin afirma que “a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o ensino,”⁸⁰ enquanto Arendt nos ensina que “a condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem.”⁸¹ Tudo o que toca à vida humana transforma-se na sua condição ou no pressuposto da sua existência. Com isto é possível afirmar que estes meios, em EAD, têm tocado a vida destes estudantes, que, inseridos numa comunidade, podem mudar sua maneira de se relacionar com o mundo.

A tutoria presencial é uma garantia de espaços presenciais que favorecem a troca de experiências e a construção coletiva. Quanto à tutoria à distância, esta é fundamental

⁸⁰ MORIN, 2003 ,p.15

⁸¹ ARENDT, 1985

para a diminuição da dependência da presença física do professor e da sala de aula convencional como condição para uma educação de qualidade.

Schimd defende que existem determinadas competências que um tutor deve possuir para conseguir um bom desempenho. Especialmente devem conhecer em profundidade

la disciplina que va a tuturar, pero también las características de intervención didáctica em la modalidad a distancia como las estrategias de aprendizaje y enseñanza; las diferentes tecnologías com las que la institución ha diseñado el servicio de información y el proceso de comunicación, su utilización, posibilidades y limitaciones.⁸²

Os orientadores, no curso em análise, são professores com formação em Pedagogia ou licenciatura da disciplina que acompanham, recebendo a denominação de tutores. A seleção é feita prioritariamente através da abertura de um processo seletivo que inclui prova de conhecimentos específicos e entrevista.

O tutor tem de construir um vínculo afetivo com o aluno, saber de suas dificuldades, gostos e objetivos, transmitindo sentimentos de confiança e segurança, de modo a criar um ambiente de interação, compreendido como processo de afetação mútua. Seu contato permanente com o aluno deve ser feito através de todos os meios disponíveis, o que é garantido pelo cadastro, com informações gerais dos alunos.

O hipertexto eletrônico permite que o percurso realizado pelo leitor para construir o seu conhecimento seja registrado, acompanhado e estudado, possibilitando, ainda, que o organizador do site verifique sua frequência, seus desvios, suas confirmações e seus caminhos.

⁸² SCHIMD, A. 2004, p. 279

3.2.3. Avaliação

As avaliações da aprendizagem propostas pelo curso têm como característica um acompanhamento contínuo que engloba: os exercícios avaliativos (EAs), as avaliações à distância (ADs) e as avaliações presenciais (APs).

As ADs são um importante instrumento de avaliação não só para que coordenadores e tutores verifiquem o desenvolvimento do aluno, mas principalmente por possibilitarem que o aluno pesquise suas respostas, interagindo com colegas e tutores, aprendendo a pensar coletivamente e, ao mesmo tempo, produzindo um texto final individual.

Na disciplina de LP, é possível verificar que o conteúdo do texto introdutório, colocado como folha de rosto em todas as suas ADs, enfatiza o posicionamento sociointeracionista.

Caro(a) aluno(a),

Antes de responder as questões, observe as seguintes instruções:

- discuta suas dúvidas com os tutores presenciais e com os a distância;
- preste atenção ao que é solicitado no enunciado das questões;
- responda com calma e atenção;
- procure não deixar nenhuma questão em branco;
- todas as questões devem estar respondidas à caneta azul ou preta;
- apresente respostas com consistência teórica e busque apoio e referências no seu material didático e nas obras citadas nele;
- utilize a modalidade padrão da língua, reconhecidamente a mais adequada a textos científicos, em textos claros, coerentes e coesos;
- Apresente um texto visualmente limpo, bem organizado, com poucas rasuras na parte discursiva e nenhuma na objetiva e boa caligrafia, se for o caso.

IMPORTANTE

Embora discutidas no grupo de estudo e na tutoria, **as respostas devem ser individuais e de autoria do aluno que assina a prova.**

Os exercícios avaliativos que aparecem no MD de LP são importantes para que se mapeie o desenvolvimento do curso. Naquele momento, quando o aluno já tem um panorama do que é mais relevante, dentro do conjunto de informações, sugere-se que ele compartilhe suas respostas procurando a tutoria ou trocando com seus colegas. Um exemplo disto aparece no módulo 1 de LP 1:

Este é um desafio que fazemos a você: se a língua é poder, pense sobre situações vivenciadas em sala de aula onde essa relação se fez presente. Discuta sobre elas, com os demais colegas, no encontro semanal do pólo. E guarde esta resposta, para acioná-la à próxima que virá...⁸³

A categorização da dúvida é um assunto interessante. Muitos teóricos afirmam que a dúvida é fruto de um esforço interno em associar o conhecimento novo ao conhecimento anteriormente adquirido, sendo este seu caráter benéfico e construtivo. Contudo, ao lidar com os alunos, é possível diagnosticar um outro tipo de dúvida: a dúvida generalizada, em que as palavras não têm o menor sentido, que ocorre quando a pessoa não teve qualquer contato com aquele assunto, e simplesmente não entendeu *nada*. É preciso, principalmente em EAD, contextualizar a dúvida, cercá-la e organizá-la, para que ela seja compreendida pelo interlocutor, assumindo uma perspectiva construtiva.

Nas avaliações à distância de Língua Portuguesa, tomando como ponto de partida os cartazes de divulgação do curso que afirmavam seu carát

Estas deveriam apresentar um quadro significativo sobre a participação dos alunos no curso.

No início, isto foi um fator gerador de muita polêmica, mas a coordenação, fundamentada nos pressupostos metodológicos do curso, trouxe à tona, o pensamento de Demo, para quem a “participação não é ausência, superação, eliminação de poder, mas outra forma de poder”⁸⁴; além do de Luckesi, segundo quem “a avaliação é um ato de investigar a qualidade dos resultados intermediários ou finais de uma ação, subsidiando sempre sua melhora”⁸⁵; devolvendo o questionamento para o grupo.

É válido também lembrar o que afirma Pacheco:

Num tempo em que se fala em aprendizagem continuada e educação permanente, assumir a avaliação como um processo do qual o aprendiz se vale para rever suas diretrizes e corrigi-las, parece o mais adequado, especialmente para tornar a aprendizagem um processo lúdico e prazeroso.⁸⁶

A auto-avaliação, para Peters, é um exercício, uma parte relevante do processo de auto-aprendizagem. É necessária para fazer com que os estudantes ponderem sobre o que aconteceu com eles, o que vivenciaram, o que aprenderam. Pede-se que se lembrem de suas atividades de auto-aprendizagem, como nos exemplos de Peters,

o que leram, refletiram, por onde navegaram e procuraram na Internet, as mensagens que escreveram, os diálogos de que participaram, que contribuições “ouviram” dos outros participantes, as discussões de que participaram como membros de diferentes grupos; problemas que resolveram sozinhos ou em conjunto com outros; as decisões a que chegaram sobre caminhos de aprendizagem; que tentem relatar as contribuições relevantes dos participantes; e, finalmente que escrevam um artigo que

⁸⁴ DEMO, P. 1987, p. 69

⁸⁵ LUCKESI, C. 2003 p.165

⁸⁶ PACHECO, S. 2002

espelhe seu desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento de sua estrutura cognitiva durante o período.⁸⁷

Para o autor isto criaria uma familiarização com um novo conceito de “resultado de aprendizagem”, que teria como referência, além da construção de novos conhecimentos e habilidades, a aplicação de abordagens metodológicas, através da reflexão sobre o caminho de aprendizagem escolhido, o modo individual de auto-aprender, colaborar, adotar novas atitudes, chegar a novas avaliações, através de uma postura crítica. Neste sentido, a auto-avaliação adotada pela disciplina é bastante válida e pertinente, tendo sido construída sobre uma base argumentativa sólida que indicou duas dimensões a serem focalizadas na proposta de avaliação: uma que diz respeito ao aluno; outra que se refere ao curso como um todo, incluindo os profissionais que atuam neste processo.

Neste canal aberto os alunos podem dialogar com coordenadores e tutores, de modo a construir seu conhecimento, ultrapassando problemas técnicos, afetivos, financeiros e educacionais, e, acima de tudo, considerando a dimensão humana presente no processo de aprendizagem.

⁸⁷ PETERS, O. 2004, p.159

4. DIALOGANDO COM OS ALUNOS-PROFESSORES

*O dialogo e uma exigencia existencial.*⁸⁸

Esta pesquisa investiga em que medida o investimento em formação continuada de professores pela EAD os torna aptos a atuar no trabalho com o desenvolvimento da linguagem de seus alunos, formando usuários proficientes. Diante deste questionamento é pertinente averiguar o que, de fato, é oferecido pelo curso de Pedagogia das Séries Iniciais nas disciplinas de Língua Portuguesa 1 e 2.

O ponto de partida foram os questionários de auto-avaliação utilizados no curso de formação de professores em Pedagogia das Séries Iniciais da UERJ. Estes são registros de observações bastante válidos, na medida em que contemplam tanto os conteúdos quanto as demais facetas do processo pedagógico. Contribuem também para uma possível reconstrução do processo de aprendizagem, tendo em vista os problemas apontados.

Compõem esta amostra todos os alunos da segunda turma do Curso de Pedagogia das Séries Iniciais, regularmente matriculados na UERJ. Os dados iniciais foram coletados em agosto de 2004, a partir do questionário de auto-avaliação que consta da AD dos alunos. Ao questionário é atribuído um valor percentual na prova, o que torna seu preenchimento obrigatório por todos os alunos que fizeram a avaliação. Ficam isentos de responderem ao questionário apenas os alunos que, por algum motivo, não tenham realizado a avaliação à distância.

⁸⁸ FREIRE, P. 1999, p. 80

Neste primeiro momento, houve um mapeamento do problema e os resultados do método quantitativo serviram de base para o planejamento do emprego do método qualitativo que o segue, complementando-o. Isto seria o que Morse⁸⁹ definiu como triangulação. Dessa maneira, a abordagem qualitativa permite a utilização de uma série de instrumentos de coleta de dados, imprescindíveis para o estudo do problema. Sua pluralidade de processos, técnicas e procedimentos permite que sejam abordadas diversas dimensões do fenômeno pesquisado.

Os questionários de auto-avaliação selecionados para a pesquisa foram os que seguiram junto com a AD 2, a última avaliação à distância obrigatória da disciplina de LP 2. Em função disso, oferecem uma visibilidade dos avanços conseguidos pelos estudantes, dos problemas que persistem, das insuficiências, das lacunas, das necessidades de reajustes das ações educativas.

De acordo com esse entendimento, foi preciso dar voz aos protagonistas envolvidos na questão, os alunos-professores, a fim de verificar as mudanças ocorridas no processo educativo. Foram analisados documentos – projetos, propostas, guia do aluno, guia do curso, guia da disciplina, avaliações, sistema, material didático impresso e online – que tiveram função completiva na leitura do fenômeno pesquisado.

Neste sentido, a abordagem qualitativa apresenta-se como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e das características situacionais reveladas pelos alunos na abordagem quantitativa. A complementaridade entre essas duas abordagens pode ser definida também pela atuação de cada uma. Enquanto a abordagem quantitativa atua em níveis de realidade, trazendo à tona tendências e indicadores observáveis, a

⁸⁹ MORSE, J. 1991

abordagem qualitativa realça os valores, as crenças, as representações, as opiniões e atitudes.

4.1 – Questionários de auto-avaliação

Em Língua Portuguesa, o uso dos questionários de auto-avaliação que segue junto com as ADs tem o objetivo maior de possibilitar que o aluno compare-se com ele mesmo, em diferentes momentos, e que divida com coordenadores e tutores a enorme sobrecarga e responsabilidade de definir sua vida. Avaliar é registrar informações diretamente relacionadas ao processo de aprendizagem levando em conta não apenas os aspectos intelectuais, mas buscando saber sobre os interesses, as motivações, as contextualizações e os modos de aprender de cada aluno.

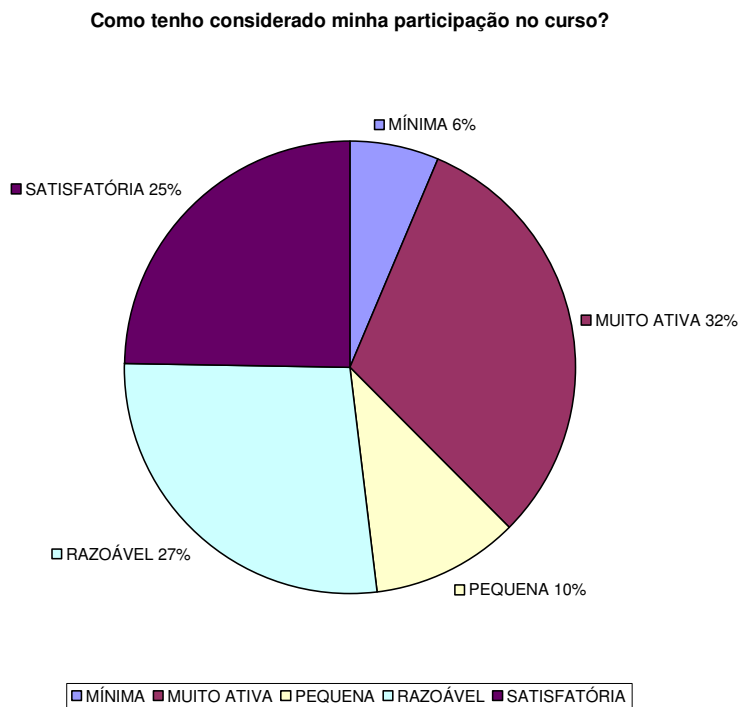
O questionário sendo composto por oito perguntas fechadas que pedem uma justificativa para a resposta assinalada encontra-se em anexo⁹⁰. Estas perguntas permitem que sejam conhecidos alguns aspectos da relação do aluno com o curso, a saber: sua participação no curso, na tutoria presencial e à distância, o uso de ferramentas, a realização de atividades, a troca de experiências, o sociointeracionismo e as melhorias pessoais. Neste sentido, a partir das respostas dos alunos foram gerados gráficos que facilitam a visualização de suas respostas.

Além disso, após a utilização desses questionários e de sua análise, ficou evidente que alguns itens não apresentavam diferenças gradativas relevantes. Foi sugerido, então, que eles fossem agregados para tornarem-se indicadores mais expressivos numa próxima análise. Esta sugestão propõe que apenas haja três itens a serem assinalados em cada resposta. (mínima, muito ativa e satisfatória). Tal fato ocorre na primeira pergunta - “Como

⁹⁰ Anexo 7

tenho considerado minha participação no curso?” - e os itens que não apresentam diferença significativa são *satisfatória* e *razoavel*. Contudo, é preciso lembrar que esta sugestão não invalida a utilização do instrumento, segue apenas como mais uma proposta apresentada por este trabalho para otimizar o instrumento.

Gráfico 1 – Participação no curso



A maioria considera sua participação ***muito ativa*** e a gradação no nível de participação é dada pela freqüência no pólo, ou melhor dizendo, o foco é a tutoria presencial. Ilustram esta afirmação as falas:

- *Estou participando de todas as tutorias, bem como palestras, oficinas e outras atividades organizadas pelo polo.*(E 79)

- *Porque participo de todas as tutorias principalmente as presenciais, grupo de estudos, tutoria a distancia e ferramentas da plataforma.(E 2)*

Em contraposição a estas afirmações há apenas uma fala:

- *Optei por um curso a distancia porque ele me proporciona que de casa, nas horas poss veis, eu participe atraves da plataforma.(E 107)*

Outros avaliam sua participação como **razoável**, situações em que se ressaltam a falta de tempo:

- *Ao me inscrever não imaginei que precisasse de tanto tempo para ir a faculdade.(E 97) e A minha participação no curso continua razoavel, pois acesso a plataforma do CEDERJ todos os dias no laboratorio de informatica, meu local de trabalho. Em casa, apos os afazeres domesticos, leio as aulas dos cadernos didaticos e realizo os exerc cios dos mesmos. Porem, não ha possibilidade f sica para comparecer as tutorias presenciais.(E 69)*

Outros aproveitam este espaço para parabenizar o curso:

- *O curso esta superando minhas expectativas, estou feliz e participar deste modelo de educação a distancia. (E 108).*

Ainda considerando sua participação como razoável alguns estudantes denunciam suas dificuldades:

- *Pela minha dificuldade de não entender a forma dos textos das apostilas. (E 120) e Tem muito conteúdo para estudar em pouco tempo e com isso acabo não me dedicando como gostaria. Tem que ser tudo corrido, para poder dar conta.(E 115)*

Dos estudantes que consideram sua participação **satisfatória** destacam-se as falas:

- *Porque estou aprendendo muito e já consigo perceber esta mudança.*(E 11)
- *Tenho consciência que até o início do mês de novembro mantive uma conduta como aluna absolutamente participativa e integrada aos trabalhos propostos e disponibilizados pelo polo Nova Friburgo. Contudo, ao iniciarmos o último bimestre para encerrarmos o ano letivo 2004 e simultaneamente realizar as atividades relativas ao Estágio I, fiquei sobrecarregada de afazeres que impossibilitaram-me manter o comportamento inicial neste último momento.*(E 9)

Os estudantes que consideraram sua participação **pequena** continuam seguindo como critério a presença física no pólo e isto pode ser reafirmado na fala:

- *Estou em casa, mas não participo das tutorias.*(E 88).

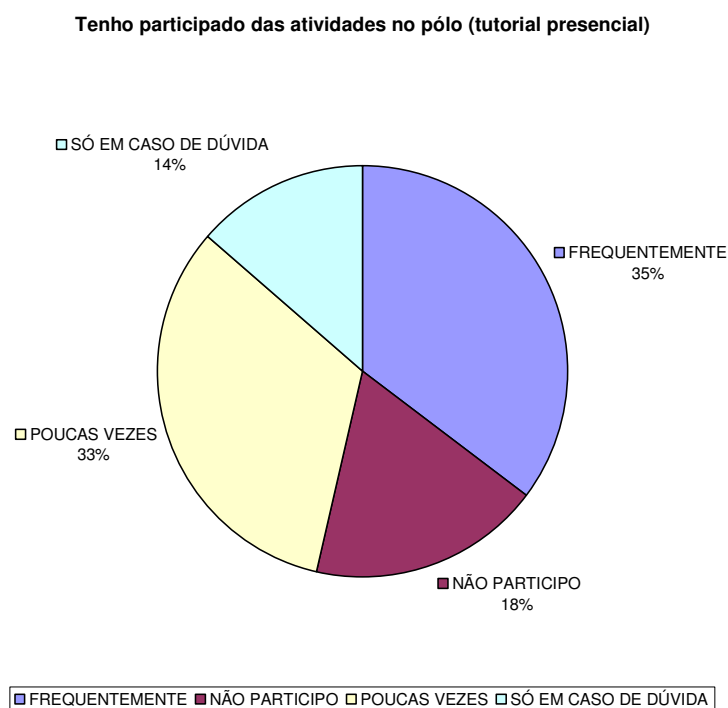
Outro estudante revela a dificuldade de encontrar todas as aulas disponíveis na plataforma e justifica sua pouca participação através da seguinte resposta:

- *Não pude fazer AP 1 por problemas de saúde e estou com dificuldade na AD 2, pois não tenho o módulo 2 e ele não se encontra disponível na plataforma.*
(E 123)

É possível destacar, neste sentido, as justificativas apresentadas pelos estudantes que afirmam ter uma participação **mínima**.

- *Na medida em que não participo dos encontros presenciais, porém participo individualmente (E 117)*
- *Porque tenho comparecido ao polo apenas para comprar os cadernos didáticos, entregar as avaliações a distância e realizar as avaliações presenciais.(E 87)*

Gráfico 2 – Participação das atividades no pólo (tutoria presencial)



Por ser o viés a partir do qual os estudantes consideram sua participação efetiva ou não e que cabe indicar que este item apresentou um percentual parcialmente dividido entre **poucas vezes** e **freqüentemente**, embora a maioria tenha considerado ser freqüente a sua participação. As respostas dadas pelos estudantes que assinalaram **freqüentemente** podem ser justificadas pelas seguintes falas:

- *Penso ser important ssimo não so para tirar duvidas, mas tambem pela interação com colegas e tutores.(E 3)*
- *São fontes preciosas de esclarecimento dos conteúdos estudados. O enfoque do tutor e fundamental enquanto elemento facilitador da aprendizagem, pois apresenta os conceitos trabalhados de maneira mais clara e objetiva. (E 33)*

Quanto aos estudantes que marcaram como opção **poucas vezes** é possível ilustrar a justificativa com as falas:

- *Meu ritmo de leitura não acompanha a velocidade do polo. (E 64)*
- *Não disponho de tempo e considero que a tutoria a distancia e muito eficiente.(E 103)*

As causas mais freqüentes da não-participação nas atividades presenciais são: a falta de tempo para ir ao pólo, doença e excesso de trabalho. A opção **não participo** aparece nas falas:

- *E distante do local onde moro. Alem disso, quando tenho duvidas, primeiro tento soluciona-las revendo o material didatico ou pesquisando na internet ou em outros livros. Se não funcionar, anoto e pergunto ao tutor que estiver presente nos dias em que vou ao polo. Geralmente, na entrega das ADs.(E 123).*

Um outro estudante traz um dado novo:

- *porque acontecem aos sabados, dia em que curso pos-graduação. Única disponibilidade que tenho, pois leciono todos os dias, nos dois turnos.(E 6)*

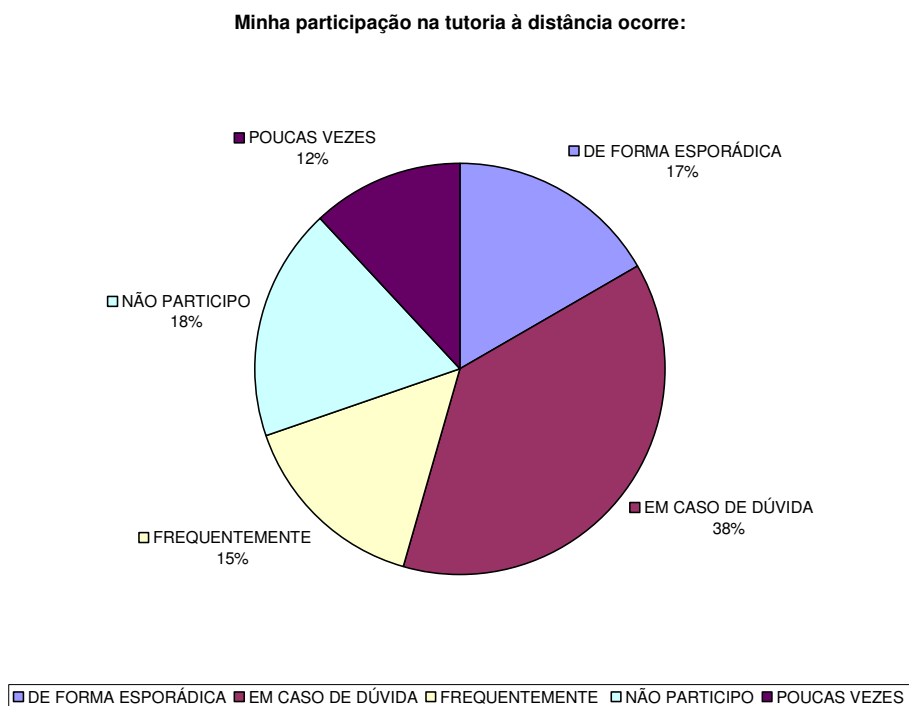
Quanto ao grupo que afirma participar só em **caso de dúvida** é possível exemplificar com o que afirmam os estudantes :

- *Tenho ido em caso de duvida e sempre que necessario, pois o acesso ao polo e complicado.(E 122)*
- *Ha momentos em que e preciso estar frente a frente com o professor para efetivar a aprendizagem. (E 19)*

Um caso que se destaca:

- *Uma das metas traçadas no inicio do curso era a autonomia crescente por parte dos alunos. (E 97)*

Gráfico 3 – Participação na tutoria à distância



A esmagadora maioria participa da tutoria à distância apenas em **caso de dúvida** o que caracterizaria este tipo de tutoria como um recurso de apoio emergencial.

- *Acredito ser esse o objetivo.*(E 27)
- *Ainda não faço parte da inclusão digital.* (E 77)
- *Alem de ficar muito distante de onde moro, o preço das passagens influencia. Minha participação e por telefone, nesses casos.* (E 106)

Alguns estudantes participam **de forma esporádica** e esclarecem:

- *Não consigo acessar a plataforma com frequência.*(E 42)
- *Não me sinto a vontade para perguntar minhas duvidas.*(E 5)
- *Porque acho mais facil tirar as duvidas na tutoria presencial.*(E 21)

Aqueles que colocam sua participação como inexistente na tutoria à distância, e que assinalaram o item **não participo**, afirmam:

- *Ainda não pude participar, pois somente a pouco tempo pude comprar um computador.*(E 53)
- *Quando o grupo sente necessidade, um dos membros liga e tira nossas duvidas* (E 1)
- *Todas as vezes que procurei fiquei com mais duvidas.*(E 34)

Nestas respostas ficam evidentes três razões distintas: a aquisição do recurso tecnológico, a formação de um grupo de estudos e a busca incessante por uma resposta correta.

Tentando compreender melhor o que afirmou o estudante 34 é importante lembrar o que ensina Cunha:

Inicialmente é necessário incorporar ao processo ensino –aprendizagem a categoria da dúvida como algo desejável. As certezas congelam a capacidade de reflexão. Como na pesquisa, o ensino que tem a dúvida como projeto de partida é capaz de trabalhar o conhecimento na sua provisoriedade, factível sempre de novas interpretações e acréscimos. É preciso ensinar o aluno a compreender que todo o conhecimento é uma produção histórica, produzida na contradição das relações humanas.⁹¹

No caso do estudante 34 não fica claro se ele fica com mais dúvidas porque o tutor não tem clareza para lhe fornecer uma explicação ou se aparecem mais dúvidas porque ele está buscando apenas um caminho possível.

Os estudantes que participam **freqüentemente** esclarecem que a tutoria à distância tem uma forma de participação compensatória:

- *É uma forma de tentar compensar a não-participação na tutoria presencial, além de ser um importante elo para os nossos estudos.(E 68)*
- *Tenho a oportunidade de fazer “trocas” não so com o tutor, mas com outros colegas que visitam a plataforma. (E 87)*

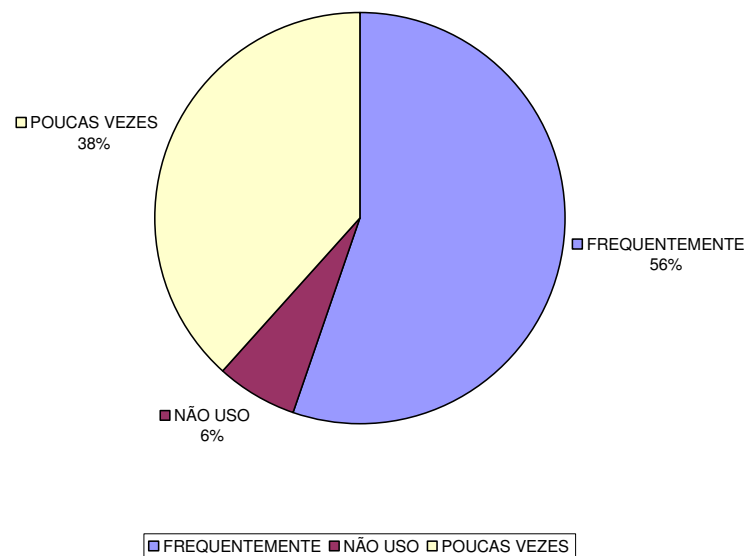
Há ainda os que assinalaram como opção **poucas vezes**. E, as respostas selecionadas para ilustrar esta alternativa são:

- *O único meio de comunicação de que disponho é o telefone, e através dele não consigo sanar minhas duvidas claramente.(E 10)*
- *Prefiro o contato direto com o tutor.(E 51)*

⁹¹ CUNHA, M. 1999, p 3-4

Gráfico 4 – Uso das ferramentas da plataforma do CEDERJ na Internet e outros meios de contato (telefone, fax)

Uso as ferramentas da plataforma do CEDERJ na internet e outros meios de contato (telefone, fax):



Nessa questão, a maioria dos estudantes afirma acessar os meios de contato **freqüentemente**.

- *As ferramentas da plataforma do CEDERJ na internet são utilizadas freqüentemente. É através dela que atualizo as informações sobre o curso, as notas, os exercícios.(E 104)*
- *Procuro estar sempre olhando as dúvidas de meus colegas que, as vezes, são também as minhas e quando necessário faço meus próprios questionamentos.(E 106)*

Boa parte assinalou como opção **poucas vezes, alegando falta de domínio dos recursos tecnológicos.**

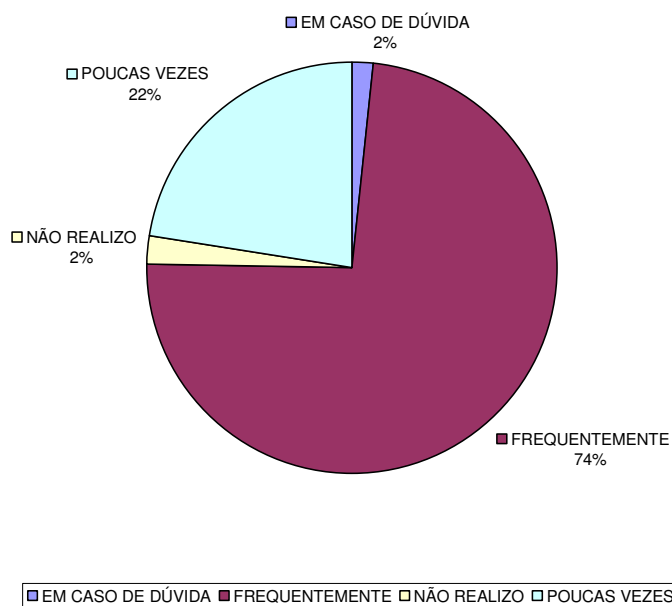
- *Ainda não tenho acesso ao computador. Meu contato é apenas por telefone, ou pessoalmente nas tutorias.(E 64)*
- *por não dominar muito bem o computador.(E 27)*

Os que afirmam não utilizar, alegam:

- *Não senti necessidade, realmente o material é muito bom e, como já disse, consigo tirar ou amenizar as minhas dúvidas na tutoria presencial.(E 112).*
- *Não tenho computador, e telefone ou fax é inviável.(E 123)*

Gráfico 5 – Realização das atividades e exercícios propostos nos módulos do material impresso

Realizo as atividades e exercícios propostos nos módulos do material impresso:



Um número expressivo de respondentes afirmou que **freqüentemente** faz as atividades.

- *Às vezes, não apresento esses registros no polo. Não acho que haja realmente espaço para isso, mas sempre discuto as questões com uma colega que trabalha na mesma escola e faz esta faculdade.(E 42)*
- *São importantes para complementar e orientar meus estudos e para a auto-avaliação.(E 22)*

O grupo que optou pela alternativa **poucas vezes** afirma:

- *Ainda não consigo fazer.(E 3)*
- *Tenho pouco tempo para estudar e prefiro ler as apostilas. Sei que os exerc cios também me auxiliarão nos estudos, mas ainda não me organizei para fazê-los sempre.(E 44)*
- *Desinteresse e falta de disciplina.(E 107)*

Dos poucos que afirmam **não realizar** a tarefa apenas um dos estudante justifica-se dizendo que

- *O tempo que tenho para ler o material didático e m nimo, então prefiro ler todo o material. (E 6).*

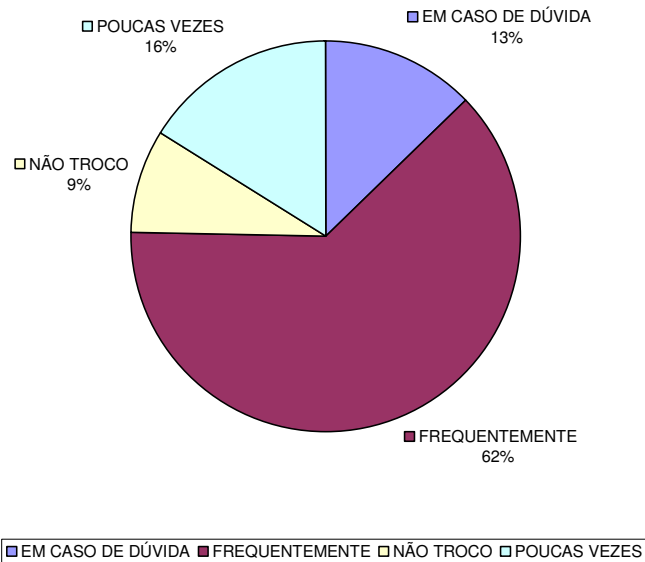
O mesmo acontece com os que assinalaram a opção **em caso de dúvida**:

- *Não tenho tempo de dedicar-me da forma que gostaria, mas acho muito importante os exerc cios.(E 65).*

Esta ausência de justificativas é plena de significados, na medida em que pode explicitar que não há justificativas ou até mesmo um temor em fazê-las.

Gráfico 6 – Trocas propostas pelo curso

Troco experiências, respostas, pesquisas, atividades e exercícios propostos pelo curso com meus colegas e com o tutor:



A maior parte respondeu **freqüentemente**:

- *A troca com os colegas durante as tutorias presenciais tem enriquecido minha aprendizagem.(E 63)*
- *A troca é um momento de expor nossas experiências e de conhecer algo novo, levando-nos a refletir sobre nossa pratica.(E 91)*
- *Acrescenta informações e detalhes antes não percebidos pelo estudo individual.(E 14)*

No grupo que respondeu **poucas vezes** é possível detectar a seguinte fala:

- *Durante as avaliações presenciais houve oportunidade de conhecer os colegas melhor. Antes da realização das provas, estudamos juntos um*

pouco. Contudo, como não consigo comparecer as tutorias presenciais não acontecem trocas com eles e com o tutor.(E 124)

Um outro grupo alega só buscar a trocar em **caso de dúvida**::

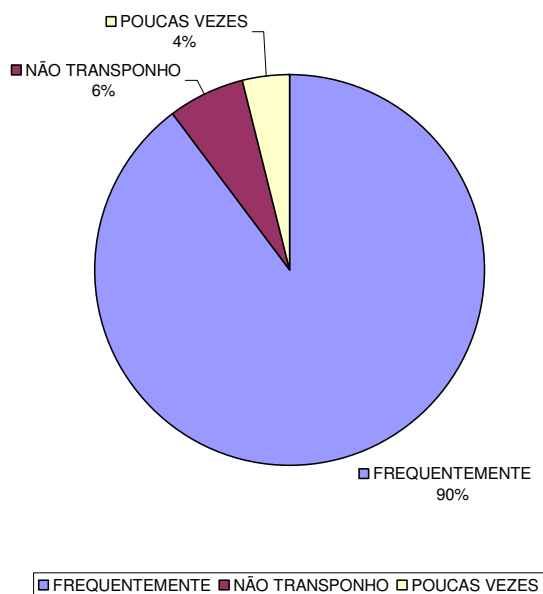
- *Prefiro trocar experiencias nos casos de duvidas.*
- *Afinal, e a partir do conflito que ha o avanço.(E 42)*

E quanto aos que afirmam não trocar, destacam-se duas causas:

- *Estou impedida de contata-los por falta de telefone em casa.(E 17)*
- *Não tenho tempo.(E 2)*

Gráfico 7 – Transposição da aprendizagem para as atividades escolares

Transponho minha aprendizagem de uma visão sociointeracionista das atividades escolares com língua portuguesa para a minha prática profissional



A maioria afirma transpor e assinalou a opção **freqüentemente**:

- *Acredito no principio da construção do conhecimento por meio da veiculação dos saberes dos meus alunos em classe, de modo a ser comparado aos saberes instituídos, formando o individuo critico que sabera obter sucesso com um ou outro, dentro de suas interações sociais.(E 2)*
- *Aprendizagem e mudança de comportamento.(E 6)*
- *Considero minhas aprendizagens relevantes para uma nova pratica no ensino da lingua portuguesa. (E 27)*
- *Estou sentindo bastante diferença e me interessando muito mais. Modificando ate conceitos (exemplo sobre o erro).(E 104)*
- *Segundo Vigotsky, a mudança individual tem sua raiz nas condições sociais de vida, e a interação e imprescindivel.(E 124)*

Aqueles que afirmaram **não transpor** tiveram como motivação um afastamento da sala de aula, ou seja, por não estarem atuando como professores:

- *Não trabalho(E 88).*

Num outro sentido, um dos estudantes justifica dizendo:

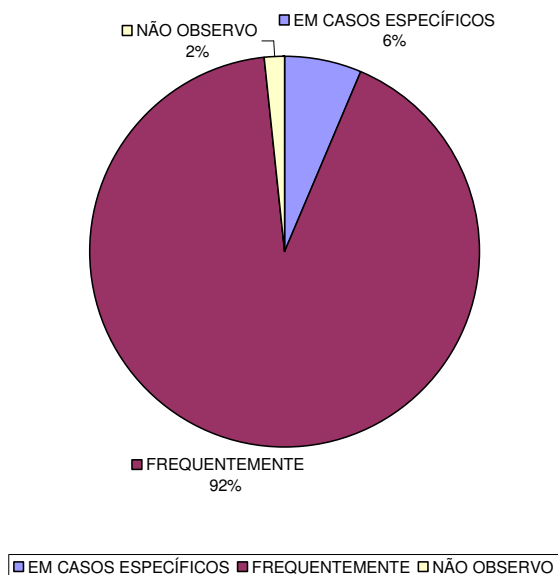
- *Apesar do curso me fazer refletir muito sobre a minha pratica profissional, ainda não posso afirmar que estou transformando-a. Mas as sementinhas estão sendo plantadas.(E 16)*

E há ainda os estudantes que afirmam transpor **poucas vezes**:

- *O número de alunos e a realidade da escola onde trabalho não permitem muitas situações propícias.(E) e Sim. Apesar de não atuar como professora.(E)*

Gráfico 8 – Observação de melhorias pessoais

Observo melhorias pessoais (acadêmicas e profissionais) quanto ao uso que faço da língua portuguesa:



Os estudantes que respondem **freqüentemente** apresentam motivos que podem ser representados pelas seguintes falas:

- *As pessoas ao meu redor comentam e estão reconhecendo o meu esforço.(E 30)*
- *Percebo que minha capacidade de expressão oral e escrita foi otimizada. Atualmente, me expresso com mais clareza, objetividade e coesão na*

elaboração de planos escritos. (Planos de curso, relatórios de avaliação, projetos escolares etc). (E 52)

- *Estou sempre me policiando quanto ao uso da língua portuguesa e sobre o que tenho aprendido no livro.(E 1)*

Quanto aos estudantes que **não observam**, não aparece nenhuma justificativa desta alternativa. Os que colocam que esta melhoria é observada **em casos específicos** justificam-se dizendo:

- *Tem sido uma excelente oportunidade de aprender a redigir textos científicos e de aprender a respaldar, teoricamente, as afirmações que faço.(E 32)*
- *Tenho apresentado dificuldade na utilização da língua portuguesa. Percebo que meus textos não possuem a mesma clareza e objetividade de outros tempos. Acredito ser um problema passageiro e pessoal que deverá ser sanado no decorrer do curso.(E 10)*

4.2 – Entrevistas

A entrevista tem uma possibilidade interativa que proporciona uma atmosfera de influência mútua entre quem pergunta e quem responde. Neste sentido, é possível destacar a entrevista semi-estruturada como aquela que não apresenta uma ordem rígida de questões embora haja uma organização esquemática inicial.

É preciso que o entrevistador tenha um esquema básico de perguntas para que tenha todas as suas solicitações atendidas. Contudo, é fundamental que exista um clima de confiança em que o entrevistado possa sentir-se à vontade e garanta uma certa

liberdade de percurso. Sendo assim, é possível verificar pelas transcrições em anexo que nem sempre os entrevistados responderam linearmente ao que era desejado, mas que foram criando espaços para oferecerem suas valiosas respostas.

Era preciso conhecer a realidade dos estudantes diante de seu cotidiano, de seu trabalho e aprofundar questões sobre a disciplina que é o foco de nossa investigação: Língua Portuguesa. Os estudantes foram entrevistados em seus pólos, por muitos não possuírem outros horários para a realização das entrevistas. A visitação aos cinco pólos que atendem ao Curso de Pedagogia das Séries Iniciais da UERJ trouxe também uma dimensão das possibilidades de democratização do ensino superior oferecidas pelo convênio.

As entrevistas têm três blocos de perguntas. O primeiro trata dos dados pessoais, o segundo, do curso à distância; e o terceiro trabalha a relação entre a Língua Portuguesa e o trabalho do entrevistado.

Foram realizadas dez entrevistas, com dois alunos de cada um dos cinco pólos da UERJ: Maracanã, Petrópolis, Nova Friburgo, São Pedro d'Aldeia e Paracambi. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra. (em anexo 8)

O grupo de entrevistados é formado, majoritariamente, por professores em exercício de sua profissão, diferenciando-se apenas pelo tempo em que cada um leciona: isto varia de seis a 28 anos de magistério. Quanto à carga horária, a maior parte trabalha durante quatro horas por dia, lecionando em uma escola.

Todos os entrevistados são professores, tendo apresentado, recorrentemente, seus alunos e a comunidade com que trabalham como carentes. Alguns exemplos podem ser destacados das falas dos estudantes:

- *A - A comunidade é carente demais, muito carente, mas é boa de lidar, muito boa a turma também.*
- *C- São crianças assim carentes de carinho. Assim, as mães deixam lá e você que se vire para dar todo o tipo de educação, desde comer, sentar, ir ao banheiro, lavar a mão, essas coisas, mas são crianças carinhosas.*
- *D - Problema de carência que eles têm são de um modo geral do brasileiro. Eu não posso dizer que é uma comunidade carente, não é:*
- *I - As crianças são carentes. E você vê casos de família, nunca tem uma família inteira. Geralmente, a mãe é separada do pai ou a criança mora com a tia ou a criança mora com a avó.*
- *J - A comunidade com que eu trabalho, ela é bem carente. Então, meus alunos são aquele tipo de aluno que, na sua maioria, não tem apoio familiar.*

Outro ponto é a *questão familiar* que aparece como um fator negativo nas falas dos estudantes:

- *B – São alunos muito agitados em decorrência de uma má educação que vem da família*
- *H - São crianças que vêm assim apresentando mais dificuldades familiares, entendeu Problemas familiares que vêm interferindo muito até na frequência.*

E como um fator diferencial na fala da estudante

- *E – Acho que ali é uma comunidade diferente e como se eu nem tivesse no município porque é difícil de você ver isso numa escola municipal, é muito difícil e ali acontece. É um ambiente muito bom.*

Mesmo elogiando, a estudante *E* evidencia uma expectativa negativa quanto ao público das classes populares, típico da escola pública.

No que tange as suas *condições de trabalho*, aparecem denúncias que marcam os fatores de caráter estrutural. Neste sentido, o estudante *G* denuncia *Falta estrutura. A minha sala chove dentro. Não só a minha, umas três ou quatro salas. E a parte elétrica é toda gato. É assim, puxa um fio para cá, um fio para lá. A , chove aquilo começa a gotejar. A o pessoal da prefeitura foi lá e falou que não tem jeito, é derrubar e fazer outra.* Tem também o caso do estudante *B* que conta *A minha escola cresceu muito nos últimos anos por causa de um convenio com a prefeitura. Em dois anos, ela saltou de 150 alunos para 410 este ano. (...) A escola é da Asa-Rio, que tem um orfanato também no mesmo local, e recebi um pedido para acolher (um) adolescente. Então, numa sala com vinte e seis alunos de sete / oito anos, eu recebi um menino de dezesseis anos.* O estudante *E* continua a crítica: *A minha escola de Cabo Frio, ela é assim um espaço que não é adequado para uma escola de educação infantil, porque é uma casa.*

Um outro entrevistado, o estudante *D*, tem uma boa avaliação da escola: *Ela é grande, as salas de aula são enormes com dois janelões grandes. (...) E é uma zona rural que foi assim, o progresso foi chegando. Então, as pessoas ainda tem uma visão da professora como a segunda mãe. O ambiente é agradável e a escola é boa em todos os sentidos.* Ficava uma interrogação: será que o entrevistado crê que ser a segunda mãe é um fator positivo? Nesse caso, houve uma retomada do contato com o entrevistado desta vez bem mais breve e pelo telefone. Este contato ocorreu apenas

para checar esta informação. O estudante D afirmou então que: *É importante que o aluno, a comunidade escolar, veja o professor como alguém que se quer bem. A carga afetiva que é transferida auxilia muito na adaptação da criança a escola.*

A ausência de recursos materiais aparece na fala do estudante F: *Uma escola pequena com poucos recursos materiais não tem laboratório de informática, não tem assim grandes áreas de lazer para as crianças. Além disso, há problemas também concernentes à falta de professores, como lembra o estudante G: A minha escola, ela está passando um problema muito sério de estrutura. Agora a gente está sem professores.*

A perspectiva positiva aparece na fala do estudante H: *A escola em que eu trabalho é uma escola muito comprometida com a educação, né. A gente tem assim o privilégio de toda a equipe ser formada por professores graduados, entendeu. Algumas situações de parceria que a escola instituiu, com sala de recursos, com a Universidade Estácio de Sá, com formandos de Psicologia que estão nesta fase de estágio.*

Um problema para os professores é a relação com as outras instâncias de poder presentes no espaço escolar, como sustenta o estudante I: *Não tem apoio pra nada, não tem OP. A única que tem vem a noite. A menina que tem, que faz as vezes de OP, serve para olhar caderno de plano de aula. Ela carimba, põe um adesivo e te devolve o caderno. Não tem biblioteca. A televisão que tem não está podendo usar, porque fica numa sala em que também não cabem as crianças. O vídeo está escangalhado e não tem outros recursos, retroprojetor, essas coisas, também não tem.*

Uma outra denúncia que demonstra uma queda no status da profissão é a questão salarial e o estudante D relata como uma condição de trabalho ruim. *O salário do professor tá uma coisa que o mundo inteiro conhece. Como a escola é longe do centro, as*

novidades costumam a chegar, as informações da Secretaria de Educação costumam a ser captadas. Prossegue falando da ausência de recursos materiais: Nos não temos biblioteca. Nos não temos uma sala específica. Então, essas condições eu acho que atrapalham um pouco o trabalho. Poderiam ser melhores. E o estudante J faz eco a estas reclamações: o que a gente sente mais falta lá é recurso material. Você tem uma visão real, construtivista, que na verdade você não pode exercer, porque você não pode fazer com que a criança coloque a mão na massa.

Quando questionados do motivo de estarem fazendo um curso de graduação à distância muitas apontam a *gratuidade* como um fator relevante. O estudante A afirma estar *sem condições de pagar faculdade* por sua vez e a estudante B afirma: “*é público e eu não tinha condição de pagar, né*”, enquanto a estudante H revela: *Eu comecei uma graduação em matemática uma vez e não continuei por questões financeiras porque era uma faculdade privada e eu tive que interromper.*

A titulação aparece como um quesito fundamental para o estudante E: *Eu tenho licenciatura curta em Educação Artística. Então, eu precisava ter a minha graduação.*; e também para o estudante F: *A gente precisa de ter o curso superior. Então, surgiu a oportunidade do CEDERJ, um curso gratuito, a distância, que favorece a questão de horário e tal.* E o estudante J, por sua vez, aponta: *Eu, na verdade, sou graduada em nível superior, só que eu fiz Administração. Então, por motivos já passados. Mas a eu sempre quis ser professora. (...) Daí eu tentei, mas eu tentei mesmo, sem a menor noção do que era, entendeu? Tentei pelo desejo de fazer uma Faculdade de Educação, para ver se melhorava. Aí eu vim assim para saber. Eu nunca tinha ouvido falar em CEDERJ e nem tinha conhecimento que existia na UERJ esta educação a distância.*

Os entrevistados *H* e *I* confessam que *não queriam fazer Pedagogia*. O estudante *H* revela que *Não era pedagogia o que eu pensava pra mim. Não era*. O desenrolar desta resistência é bastante positivo e *fiz um vestibular, prestei um concurso, passei e vim resistente, não era exatamente, não era a minha opção. Mas a , realmente, a medida que eu iniciei o curso, tomei uma outra visão, uma outra dimensão, perspectiva inclusive profissional. Porque eu literalmente me apaixonei pelo curso, entendeu Sou muito envolvida e, quer dizer, não foi por opção, foi por acaso e acabou acontecendo da gente se afinar, eu e a Pedagogia.”* E o estudante *I* prossegue afirmando *“Na verdade, eu não queria fazer Pedagogia. Vai servir para engrandecer, na minha profissão, no meu currículo, vou tentar. A , eu fiz a prova e passei e estou fazendo.*

O fator que motiva a participação no curso de graduação à distância para o estudante *G*, é *Principalmente assim a distancia e não pagar*. Neste mesmo trajeto, o estudante *E* afirma *eu não tenho o comprometimento de freqüentar durante a semana*. Ou ainda é possível ouvir o estudante *D* revelar: *Eu venho tres vezes por semana e posso estudar em casa. Este foi o principal motivo.*

Ainda quanto a este aspecto, o estudante *C* diz que *A distancia do lugar onde eu moro, porque eu moro no munic pio de Itagua . (...) Eu posso estar olhando a minha filha, cuidando um pouco da minha casa e tirando um tempo para poder estudar os modulos*. E, para o estudante *E* é uma questão de ideal *u ja fiz faculdade de Educação Art stica então eu ja trabalhei com oitava, mas não e meu ideal.”*

A *freqüencia ao polo* é um fator que os entrevistados consideram como muito importante. O estudante *A* afirma que *Eu venho sempre que eu posso* e a estudante *D* complementa dizendo que *Tem coisas que eu aprendi que so com aquele contato direto eu poderia aprender, não esta escrito no modulo*. Em outro sentido, o estudante *G* relata:

Eu estou sempre me informando com o que está acontecendo, né. Mas quando eu tenho aquela necessidade extrema mesmo, eu dou um jeitinho de vir. E finda com a participação do estudante F Sabado eu venho sempre.

Os motivos que levam a esta frequência constante podem ser justificados pela fala dos estudantes C *pela facilidade de estar com uma pessoa que vai atender aos meus propositos com as dificuldades que eu tiver no modulo.* A estudante G traz outros aspectos: *Eu acho assim que, no inicio, eu tive um pouco de dificuldade por escrever texto cient fico. (...) A coordenadora da disciplina, quando esteve aqui - o tutor presencial tambem excelente -, a coordenadora mostrou para a gente, com aquele jeito carrancudo dela, que colocou todo mundo apavorado, mostrou que a gente era capaz, que a gente tinha mesmo que ler, se informar e não ter medo de escrever, sempre procurar escrever, escrever e justificar aquilo e de que maneira, de que forma, porque a gente estava escrevendo de forma muito vaga. É dif cil quando a gente não conhece. Ah, e tão diferente quando eu entrei na faculdade, minha lente abriu tanto! Muda seu jeito de trabalhar, de preparar uma atividade, e outro como muda! Meu Deus do Céu, oportunidade única que eu estou tendo nesta minha vida, e não abro mão dela de jeito nenhum.*

O contato com a tutoria à distância é visto como desnecessário, quando existe um grupo de estudos . O estudante C afirma : *Talvez porque tambem não tenha chegado ao extremo de precisar e logo formamos tambem um grupo de pessoas, que um tira duvidas com o outro, fora de sabado. (...)Aqui tem grupo de estudos e tem algumas meninas do meu grupo que ligam para o tutor a distancia e dizem pra gente: “- Olha, o tutor falou isso, isso e isso.” A , a gente tem algum contato atraves dessas pessoas que sempre entram em contato.* Neste mesmo caminho, o estudante D revela: *Com pouca frequência porque eu não gosto de falar ao telefone.* Ou ainda é possível exemplificar com a fala do

estudante *B* *Não tenho costume de falar com eles. Não tentei, só por e-mail, mas assim falar pelo telefone não.*

A questão da dúvida é muito relevante no momento em que é feito um contato entre estudante e tutor. O estudante *F* conta que *A*, *de repente, pinta ali aquela dúvida, as vezes, não tem mais tutoria e eu ligo para a tutoria a distancia. Geralmente, e época assim perto das APs ou dúvida mesmo. O estudante H confirma: Eu entro em contato com a tutoria a distancia pelo mesmo motivo para poder assim me certificar, né. Se é o que eu estou pensando, se eu estou indo pelo caminho correto, né. Para poder tirar dúvida mesmo.*

A falta de recursos tecnológicos também prejudica a comunicação com a tutoria à distância, como afirma o estudante *E* *Eu não tenho telefone, eu não tenho computador. Então, eu só entro na plataforma quando eu posso utilizar o computador de alguém para saber uma coisa, aqui no polo ou no escritório do meu sogro. (...) Vou ficar no orelhão fazendo consulta com o tutor a distancia. Não, eu não vou fazer assim. A agora é que eu fiquei sabendo do 0.90.”*

Quanto à avaliação do MD de LP, o estudante *A* afirma *Muito bom. timo. Só que no início eu levei assim muita “paulada” para poder entrar no ritmo, porque eu lia e não conseguia entender. É uma linguagem muito difícil. A tutoria me cobrava aquela linguagem bem rebuscada, e eu não tinha aquilo, ainda. Mas, excelente, muito bom para reflexão, para abrir os horizontes do conhecimento, excelente.”* E isto é reafirmado pelo estudante *C* *Não só o estudo disso, em Língua Portuguesa, mas o estudo disso em Fundamentos também porque a gente estudou isso. Talvez por eu estar esperando a gramática, né. E, de repente, chegar com aquilo. Eu tive um pouquinho de dificuldade, mas depois entrei no jeito e foi mais relax.*

Outras falas confirmam a importância do MD, bem como de sua dificuldade, como a do estudante H *Voce passa a enxergar a questão do poder da língua. (...) Eu me identifiquei muito com o tipo de questionamento que foi feito dentro da disciplina de LP, e assim não foi fácil, porque a gente tem um curso que é a distância, mas que acaba exigindo muito mais da gente, mas foi muito bom. (...) Todas as que foram possíveis. E ele (o tutor) me estimulou e me ajudou. Então, a gente trocou muito bem nossas figurinhas e eu trazia e ele via o resultado do que eu estava fazendo, e tudo o que foi possível a gente ia abarcando, e que surgia de possibilidade de sugestão dele. Espera aí, o que você está falando Mas, na aplicabilidade, como é possível fazer E ele dava um toque, eu ia lá, acabava de dar minha ajeitada, e tudo que foi possível. Eu apliquei tudo.*

Outro fator bastante relevante nestas entrevistas é a quebra da expectativa quanto ao conteúdo que iria ser ministrado em LP. Colabora com o seu relato o estudante D : *LP sabe o que eu pensei que fosse Que eu ia estudar gramática, as classes gramaticais, literatura, e quando eu vi, começou completamente diferente do que eu vi, começou completamente diferente. E a novidade presente nos conteúdos transmitidos é também observada pelo estudante J Para mim era o conhecimento, para você saber, para ler, escrever. Mas essa coisa do poder, do domínio, de como é importante esta diferença entre você se comunicar e você dominar a língua. Isso para mim foi uma visão completamente nova, que eu não tinha, e depois que eu passei pelo susto, para mim, como pessoa, como professora, foi importante.”*

A maioria já fez uso do MD na prática. É possível vislumbrar este uso nas falas dos estudantes F: *Essa parte de produção de textos sempre dá para gente aproveitar. Às vezes, você está trabalhando alguma coisa que está muito próxima, dá para aproveitar:*

E – Quando eu peguei o material que eu li, eu achei ótimo. Veio de encontro a tudo o que eu queria, mas que, geralmente, não é aceito, né. (...) Você, quando trabalha com texto automaticamente, usa muito o material.” e I ⁷ “Eu utilizo também recursos de valorizar o que ele traz. Trabalhei a música **Saudosa Maloca**, de Adoniran Barbosa. Eles adoraram, porque é um modo diferente de se falar. A primeira pergunta que eles fizeram quando acabou a música “_Tia, porque é que este homem está cantando tudo errado na música ” E, muitos deles falam como estava na música, né. Os homi com as ferramenta. Eles falam assim, mas eles perceberam que nas músicas que eles ouvem não tem essa formatação da língua. Eles participaram ele não deve ter estudado e tal, mas a minha mãe, a minha mãe está estudando a noite. E foi uma coisa assim, de não desvalorizar a linguagem. Explicar por que ele está falando, porque eu acho que muitas das práticas não dá para a gente utilizar, mas dá para tirar ideias de trabalho com os alunos.”

O estudante H justifica a nota máxima atribuída ao curso à distância: Sem pensar nas dificuldades, que nada pode ser perfeito, no nível do curso, na questão da preparação, né; para o profissional, sem sombra de dúvida, nota cinco. E o estudante E arremata Eu tenho uma amiga que já fez faculdade também, ela é Psicóloga. E ela falou que aqui, apesar de ser a distância, o currículo, as matérias e os assuntos tratados são muito melhores do que uma faculdade presencial. Eu tenho amigas que fazem o presencial de Pedagogia e não tem a mínima noção do que a gente trata. Ah, isso assim, assim, assim de educação especial não sabe. Então, com tudo, ainda acho que é bem melhor, né.

As dificuldades encontradas no curso pelo estudante I são vistas no seu discurso : Acesso a internet. Eu tenho computador, mas eu não estou com Internet, porque o meu

telefone estava vindo muito alto, e a gente fez esses planos a da Telemar que vai até tantos pulsos.(...) Quando você telefona, outra coisa, tem dia que o tutor não pode atender. Então demora a atender você fica lá um ano e está lá ouvindo aquela conversa. Ninguém te atende e quando te atende diz ah, mas isso está na plataforma. Você não viu na plataforma Não, estou sem internet. Fulano, ela está sem internet. E vão procurar. Você fica mais um ano no telefone para saber uma informação. Quando não tratam você mal também. Porque também tem isso. Como eu disse o atendimento da tutoria. Endossa esta opinião o estudante J: *Dialogo com o tutor. Uma vez eu liguei para ca para saber o que ia cair na prova, quais os capítulos e disseram ah, mas você ligou so pra isso Eu fiz tudo porque no primeiro período eu fazia aquele livro. Eu fazia tudo e estou até hoje esperando a resposta.*

Para o estudante G, existem outras causas: *Eu moro longe, com gasolina é um absurdo! Agora, aqui não tem xerox e a gente tem como recurso ir lá no centro da cidade para pegar xerox de AP, de textos, seja lá o que for de nota.* Sucintamente, o estudante F revela que são prejudiciais: *o horário de tutoria, informação de nota e calendário.*

Em um dos registros aparece como dificuldade a *falta comunicação com o tutor. Você, para participar, para fazer essa faculdade, precisa ter um computador com acesso a internet. Esse negócio do material didático não está bem dividido. Teria que estar dividido. É uma luta para arrumar o livro, por isso é que tem gente tirando um monte de xerox do livro.*- estudante I. Em outros casos, há uma mistura entre questões burocráticas, administrativas e de infra-estrutura, como relata o estudante E: *nota. A questão da xerox não tem como tirar. Dia de domingo, prova, não tem, é tudo fechado. Então, a gente não tem nem água para beber e a gente passa o dia inteiro aqui fazendo uma prova sem uma infra-estrutura. É a questão da vista de prova.* Para o estudante D

apenas duas questões o afligem: *nos não temos biblioteca que empreste livros e a distancia.*

E, também há relatos de pessoas que mesclam a reclamação das dificuldades com o relato das situações positivas. Assim posiciona-se o estudante H; *a gente enquanto profissional deve proporcionar isto ao nosso aluno, mas nos como alunas não temos, recebemos, o mesmo tipo de comportamento dos professores e coordenação pelo menos quanto ao calendario.(...) O espaço aqui é maravilhoso. A diretoria do polo aqui vem assim se esmerando em adequar da melhor forma poss vel o nosso conforto, vendo tudo para a gente aqui. Mas a gente tem um caminho para chegar ate aqui. Realmente um caminho, um percurso que tem que ser feito que é quase que inviavel, ne. O estudante E também afirma: *apesar de todas as dificuldades que a gente tem dos erros que eu acho que acontecem as notas que não chegam a tempo, de uma maquina de xerox que não tem, de tudo isso, e acho que ele ainda vale cinco.**

Para os entrevistados J e F é fundamental que os seus alunos tenham: *O dom nio da lngua, ele tem que ter aquela diversidade cultural, aquele conhecimento, mas eu ainda sou a favor ter o dom nio mesmo, não so na troca cultural, mas para que a lngua não morra, entre aspas. Eu sou a favor do construtivismo, de voce partir da vivencia da criança, das experiencias que ela traz, mas voce colocar aquele ensinamento dentro de uma sistematica. E ainda: *Eu acho que ele consiga se expressar bem oralmente que ele consiga organizar seu pensamento, que ele consiga escrever, passar aquilo pro papel, que ele consiga ler um enunciado e entender aquilo ali, a parte de interpretação e a parte de gramatica que a gente vem estudando ao longo do tempo.**

O estudante I pretende mais do seu aluno. É preciso que ele seja capaz de *dominar a lngua que ele fala, para ele e se considerar mesmo um cidadão, e exercer a cidadania*

dele com plenitude para a criança poder fazer uma leitura de qualquer coisa, de jornal. Entender o que ele está lendo. Ele tem que dominar a gramática, ele tem que dominar a linguagem oral para ele exercer a cidadania dele. Ele pode cobrar os direitos dele e entender quais são os direitos dele, e isso.

Quando questionados se as suas aulas permitiam que o aluno se desenvolvesse nessas áreas, a resposta aparece como uma possibilidade: *Eu acho que sim.* O estudante A complementa: *Eu priorizo a escrita e a leitura e o desenvolvimento do raciocínio dele. O que ele tem e o que eu tenho que passar para ele, o que ele precisa para lidar no mundo, para conviver no mundo.* O estudante H aparece inseguro: *E, eu não sei se as aulas permitem, mas eu procuro organizar, para que as aulas estejam enveredando por isto a. (...) Tomar conhecimento sobre um determinado fato ou possibilidade, e essa chance de poder fazer diferente, experimentar, está na sua mão, e você não quer usar isso.(...) E essa troca, essa negociação que é feita dentro de aula. Ela realmente está toda voltada para a questão da formação de pessoas, do elemento humano.*

A questão do auxílio prestado pelo curso à distância foi respondida pela maioria como um auxiliar fundamental na mudança de postura e de comportamento. Isto é reiterado na fala do estudante A *Eu aprendi muito e tento passar o que eu aprendi para eles.(...) Eu já acho que ele tem a necessidade de colocar o pensamento dele e eu tenho a obrigação de aceitar também a opinião dele, eu gostando ou não.”* O estudante I afirma: *Eu acho que ajudam bastante. Eu comecei a ter uma visão assim mais crítica até sobre a história mesmo da educação porque que isso acontece, porque que essas crianças chegam assim na escola sem embasamento nenhum. Tentar dar a ele condição de aumentar, desenvolver melhor aquilo que ele já trouxe.*

Um relato fundamental é o do estudante D: *Eu acho que eu mudei muito, muito, muito mesmo o modo de ensinar a LP. Acho que antes eles talvez não fossem capazes disso e a eles gostam dessa nova maneira de estudar e aprender, eles gostam. Comparar textos, por exemplo, eles gostam. No modulo tem uma gravura, uma imagem dos retirantes de Portinari. Eu usei aquela imagem para trabalhar com os alunos e relacionei a musica, a tela de Portinari e depois outro texto escrito, né. E eles viram que ha varias maneiras de dizer a mesma coisa. Pode dizer cantando, pode dizer pintando, escrevendo, entendeu Então, o curso esta valendo.*

Quanto à modificação sofrida pelas aulas, é possível ilustrar com o discurso do entrevistado G *Essa correção mesmo. Como se elabora uma prova, as questões, como aceitar a resposta do aluno, de que maneira voce ve isso, porque aquela coisa de dar a resposta completa, porque as vezes a criança não bota tudo. Mas ele foi objetivo ali, entendeu o que tinha sido pedido e aquela subjetividade do aluno também.* O estudante H completa: *Eu me lembro que uma época em que a gente trabalhou com o texto imagético. Foi um momento único na minha turma. Quando se ia ler uma produção escrita, eles mesmos identificando o que voce escreveu, não da para gente entender direito, esta faltando alguma coisa. Apesar da gente não ter trabalhado em cima da nomenclatura da gramatica, de toda estrutura de redação, esta coisa toda, (...) as crianças conseguiram montar uma redação com os contos de Andersen, e ela estava maravilhada, porque todo aquele caminho, aquela questão deles passarem a pesquisar, a ir atras da informação, para poder colocar o conteúdo, era uma coisa que não era novidade para eles. Aquele processo ja foi mais natural para eles. Então, o processo de criação ja tinha se iniciado. Esta sendo muito legal, porque esta dando para a gente*

perceber. Claro que não é assim a perfeição e tal, mas já somos uma turma que está fazendo a diferença na escola, entendeu. E está sendo muito legal.

Outro fator importante é a convivência com o outro, relatado pelo estudante E: *Na medida em que você troca experiência quando você convive com outras pessoas, quando você tem um material que te dá ideias e que mexe com a sua cabeça. E, faz com que você pense. Da mesma forma, sobressai a importância do modo de trabalhar com texto, como cita o estudante D: *Eu sempre partia em aula de português do texto. Eu nunca partia de alguma coisa para chegar ao texto. Eu já trabalho outra coisa, outras modalidades de texto. Era sempre texto do livro didático. Agora eu já trabalho charge, texto imagético, linguagem de jornal. Trabalho com o texto dos próprios alunos até já essa semana eu fiz isso com a minha turma. Eles é que fizeram o texto, e do texto eu fui tirando a gramática.**

A valorização do contexto em que a criança vive aparece no relato do estudante J: *Mudou sim, no sentido de valorizar a riqueza que a criança traz. Trazer a realidade da criança como algo bom.* Outro ponto positivo é apresentado pelo estudante F: *Ajudam muito porque me formei professora em 3 e não lecionava, eu trabalhava em outra área. Essa visão, então, eu comecei, e parece que os meus olhos se abriram.*

A questão da atualização também foi mencionada pelo estudante G: *Você começa a ver a coisa de outro jeito, de outra maneira, a gente fica defasado, tem que estar estudando, e o curso é muito bom, muito bom. Eu quero ver a compreensão que ele teve daquilo ali, e se ele conseguiu ler nas entrelinhas, de repente, de um texto. Ampliar o conhecimento que ele já tem. Eu estou avaliando lógico, tem que escrever corretamente, sim, mas isso não é o que eu privilegio. Vejo a ideia dele, ele quis falar da*

fam lia dele, se tem seqüencia logica naquilo ali, e a opinião dele sempre e o que a gente tem que valorizar.

E, a possibilidade de adaptação do material aparece na fala do estudante C *Mesmo eu estando com o pre, algumas coisas que eu aprendi nos modulos eu utilizei em aula com eles, entendeu*

As avaliações aparecem como tendo sido também modificadas pelo olhar sociointeracionista proposto pelo curso. Segundo o estudante H, ele espera que os seus alunos sejam capazes de *se comunicar de forma mais clara e correta poss vel e saber utilizar todas as formas de comunicação poss vel.* O estudante D afirma; *eu vou fazendo as avaliações assim eu faço muita observação, eu vou dando textos para eles irem escrevendo, exerc cios que eu dei, ate exerc cios orais mesmo.*

A marca da modificação aparece na fala do estudante A *Conforme eu disse, mudou muito, principalmente as minhas avaliações. Priorizo, hoje o conhecimento que ele traz consigo, juntamente com o que eu tenho que colocar pra ele, passar pra ele no dia a dia. A troca entre professor e aluno, princ pio do dialogo.* A freqüência da avaliação também é um aspecto relevante. Segundo o estudante F, *é preciso que Todo dia a gente esteja avaliando, olhando o aluno, vendo ali o interesse, a dificuldade. Eu acho que a avaliação tem que ser direta.* É preciso educar para descobrir os motivos, como afirma o estudante B *Não ficar so naquela coisa mecanicista de copiar e ter que fazer, mas saber por que estão fazendo.* E até mesmo traçar prioridades, como diz o estudante I: *Eu priorizo o desenvolvimento do aluno e o racioc nio logico.*

As dificuldades dos alunos aparecem na fala da estudante F - *Eles ja sentem um pouco de dificuldade, não so de ler e interpretar, mas tambem de se expressar. Eu sinto que eles tem assim muito bloqueio quando voce tem questoes, atividades para fazer*

com suas palavras. E. Tudo eles perguntam “Esta no texto ” E assim fez, copia fez, copia eles tem meio esse sistema e eu não trabalho assim.

A avaliação da participação aparece como importante para o referencial teórico sociointeracionista, e é louvável quando a estudante G diagnostica que ela já tem *uma turma mais cr tica, mais participativa. Eles ja entraram naquele clima do ciclo.*

Outro ponto bastante citado pelos entrevistados e que aparece como empecilho é a *quantidade de alunos em sala.* O estudante A explicita que *Tem 32 alunos para alfabetizar.* Em contrapartida, há na turma da estudante E *poucos alunos dentro de sala. A aprendizagem flui que e uma maravilha, porque não tem muitos alunos. A maior turma tem vinte e um alunos, que e a minha, por um acaso, porque eu estou na maior sala.* Isto é também citado pelo estudante I : *Eu tenho 42 alunos. Então, e muito dif cil, porque e assim. São alunos analfabetos mesmo. Alguns ainda fazendo garatujas, na segunda serie. A o resto se divide a metade esta lendo, lendo muito bem.*

Um problema que aparece no relato do estudante J é o funcionamento da plataforma. *Então, eu acho que voce entra na plataforma, voce tenta acessar um negocio, o negocio não entra. Ah, ela estava com problema, ela estava fora do ar. Então, eu acho que esta certo, que eles dizem que e um curso semi a distancia, mas voce não tem um respaldo tecnico que garanta esta distancia. Eu não tenho todas as informações que eu preciso a distancia.* Para o estudante H isto se deve à novidade do curso à distância: *O ensino a distancia e uma coisa extremamente nova, ne. Para gente e muito novo e a gente fica assim, a gente não tem ainda, toda segurança de que se a gente esta raciocinando exatamente dentro daquela expectativa da linha, da proposta da universidade.*

Em outro sentido, o estudante *H* recorda que há um volume grande de informações: *Eu acho que assim o período de três anos para o volume de informação que a gente tem eu as vezes fico com a sensação de que a gente passa meio que muito rápido por certas coisas, entendeu* A necessidade de organizar as informações de forma que esta pressão seja minimizada é evidente.

4.3 – Análise dos dados

O ponto de partida foram os questionários de auto-avaliação utilizados no curso de formação de professores em Pedagogia das Séries Iniciais da UERJ. Estes são registros de observações bastante válidos, na medida em que contemplam tanto os conteúdos quanto às demais facetas do processo pedagógico. Contribuem também para uma possível reconstrução do processo ensino/aprendizagem tendo em vista os problemas apontados. Compõe esta amostra todos os alunos da segunda turma do Curso de Pedagogia das Séries Iniciais regularmente matriculado na UERJ pelo convênio CEDERJ. Os dados foram coletados em agosto de 2004 e fazem parte da AD dos alunos. Ao questionário é atribuído um valor percentual na prova, o que torna seu preenchimento obrigatório por todos os alunos que fizeram a avaliação. Ficam isentos de responderem ao questionário apenas os alunos que, por algum motivo, não tenham realizado a avaliação à distância.

Neste primeiro momento, houve um mapeamento do problema e os resultados do método quantitativo serviram de base para o planejamento do emprego do método

qualitativo que o segue, complementando-o. Isto seria o que Morse⁹² definiu como triangulação. Dessa maneira, a abordagem qualitativa permite a utilização de uma série de instrumentos de coleta de dados que são imprescindíveis para o estudo do problema. Sua pluralidade de processos, técnicas e procedimentos permite que sejam abordadas diversas dimensões do fenômeno pesquisado.

Villard e Oliveira apresentam categorias para o MD que podem ser utilizadas para a análise das variáveis encontradas como capazes de interferir no processo ensino/aprendizagem na EAD: o desenvolvimento cognitivo que garante o aspecto intelectual; o interesse e a motivação, a relação entre o conteúdo e a realidade fornecidas pelo contexto e os estilos de aprendizagem selecionados pelo aprendente.

Algumas variáveis que interferem na participação do estudante no curso e apareceram no questionário de auto-avaliação são: a participação na tutoria presencial, a ida ao pólo, o uso da plataforma, a troca/interação com os colegas de curso e tutores, leitura do módulo, pesquisas, cumprimento do que é solicitado, grupo de estudos, saúde, recursos materiais (telefone, fax, computador), trabalho, falta de tempo/ cronograma, organização pessoal, desinteresse e morar distante.

A participação na tutoria presencial tem como finalidade tirar dúvidas, facilitar a aprendizagem, possibilitar a interação/ troca com colega e tutores, trocar idéias, receber a orientação dos tutores. Apareceram como empecilhos para o seu pleno desenvolvimento o excesso de trabalho, a falta de tempo, morar longe do pólo, o horário da tutoria, a dificuldade de acesso ao pólo, alguns fatores pessoais e até mesmo a busca da autonomia.

⁹² MORSE, 1991

A procura pela tutoria é maior no período de proximidade das avaliações, o que justificaria a reclamação do estudante G: *Isso é uma dificuldade muito grande ocupado, ocupado, ocupado e você não pode ficar pendurado o dia inteiro no telefone. Aquela coisa, é difícil mas quando consigo eu sou bem atendida, consigo tirar minhas dúvidas. O pessoal é bem legal.*

A participação na tutoria presencial ocorre principalmente para tirar dúvidas, podendo ser feita através do uso do telefone, do 0800 e do computador. Um problema para os alunos seria o horário da tutoria. São utilizados como recursos auxiliares na aprendizagem: o fórum, o e-mail e a sala de tutoria, que é especialmente vista como um espaço que possibilita o acompanhamento das mensagens dos colegas. Uns afirmaram não dispor deste recurso, por utilizar um colega como fonte de informações, outros por terem dificuldade com o computador; e um outro, ainda, por crer que o material didático é suficiente.

As ferramentas da plataforma possibilitam a síntese, a fixação da matéria, a auto-avaliação, o exercício, a compreensão, o acesso freqüente, a verificação da aprendizagem, a pesquisa, a atualização e o acesso a informação, bem como fornecem novos questionamentos, complementando o estudo através dos meios de comunicação ou do acesso ao computador. Os estudantes sentem-se prejudicados pela falta de tempo e ausência de recursos materiais (linha telefônica, computador, fax). Alguns simplesmente não vêem necessidade em buscar a tutoria. Verifica-se, também, o uso de um recurso em detrimento do outro. Assim sendo, o tutor presencial aparece freqüentemente como sendo posto em oposição ao uso das ferramentas da plataforma.

Quanto à realização das atividades e dos exercícios propostos nos módulos, embora eles acreditem na importância de fazê-los, indicam o fator tempo como responsável pelo não cumprimento da tarefa.

A troca de experiências com os colegas e com o tutor foi dita como sendo capaz de acrescentar informações e detalhes, ser esclarecedora, enriquecedora, interessante, ampliando, superando e aproximando os estudantes que passam a formar grupos de estudos, preferencialmente, por trabalharem na mesma escola ou residirem em regiões próximas. Aqueles que não o fazem justificam isso devido à falta de oportunidade de fazê-lo, a não ida ao pólo, a falta de tempo e de recursos.

A transposição para a visão sociointeracionista é considerada como relevante para uma nova prática, por enriquecer, acrescentar, auxiliar, contribuir, observar aspectos que antes não pareciam relevantes, levar à reflexão, ao questionamento. Muitos, ainda, afirmam que há um benefício dado pela valorização do aluno e de seus conhecimentos, podendo assim ajudar no trabalho. Fundamentalmente, apenas o fato de não trabalhar prejudica a transposição.

As melhorias pessoais são observadas na redação de textos científicos, no policiamento da escrita, na elaboração de textos, na variedade de textos, na ampliação do vocabulário, na capacidade de compreensão, no uso da língua, na comunicação, na prática docente crítica e provocativa, reflexiva, consciente, na adoção de perspectiva sociointeracionista, no aumento da leitura de mundo, na atribuição de notas, no aumento da confiança e da segurança.

As entrevistas se organizaram em três blocos de perguntas. O primeiro trata dos dados pessoais, o segundo, do curso à distância; e o terceiro trabalha a relação entre a

língua portuguesa e o trabalho do entrevistado. Esta divisão possibilitou uma organização bastante pertinente.

Alguns aspectos chamam a atenção: alguns estudantes já tem ou já tiveram a possibilidade de cursar o nível superior. Alguns decidiram pelo curso de Pedagogia tomados pela paixão, outros vieram por uma imposição do que estava disponível no momento, e outros para assegurarem-se de que teriam uma titulação melhor. A gratuidade é um fator levado em consideração, bem como a possibilidade de estar realizando outras tarefas em comunhão com o curso. Existem denúncias explícitas da falta de estrutura, de ausência de recursos materiais e de condições de trabalho desfavoráveis, marcadas pelo sentimento de carência, e ampliado por evidentes problemas familiares.

A frequência ao pólo é considerada muito importante, e o tutor presencial é visto

Persistem como dificuldades o acesso à Internet, a falta do computador, o atendimento da tutoria, a locomoção, a falta de xerox, o horário da tutoria, a informação de nota, o calendário, a divisão do MD de acordo com as avaliações, e o empréstimo de livros. Aparecem também críticas ao funcionamento da plataforma, a falta de informações à distância, o que dificultaria muito devido ao grande volume de informações.

Quanto ao saber que deve ser atribuído aos alunos fica como resposta o domínio da gramática, a expressão oral e escrita e o domínio da língua. Os estudantes desconfiam que suas aulas permitem melhorias. Colocam como uma contribuição do curso para seu trabalho docente uma aceitação maior do pensamento do outro, o que caracteriza o diálogo real: uso do MD para ilustrar a aula; as estratégias de correção; o trabalho com o texto imagético; a valorização do contexto das crianças; a atualização pessoal e a troca de experiências.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS - DA TEORIA À PRÁTICA

As bases metodológicas do trabalho de pesquisa qualitativa permitiram investigar diversos aspectos da proposta metodológica do curso de Pedagogia das Séries Iniciais à Distância da UERJ, e estabelecer possíveis indicadores de ruptura com as formas tradicionais de organizar e estabelecer a educação à distância. A mistura de procedimentos criou uma complementaridade entre as abordagens.

Este universo contou com 125 estudantes – uma clientela de professores que estaria regularmente matriculada em um dos cinco pólos da UERJ, geograficamente espalhados pelo Estado do Rio de Janeiro. O questionário de auto-avaliação já fazia parte das atividades da disciplina que serve como objeto de estudo. Outro motivo é que, por fazer parte da avaliação do curso, havia a garantia de que todos os alunos responderiam ao mesmo, excluindo apenas aqueles que, por algum motivo, não fizessem a prova. E um terceiro motivo foi que ele fornecia uma dimensão quantitativa que permitiu mapear o universo da pesquisa.

Neste sentido, foi possível perceber que os estudantes estavam cientes da matriz epistemológica que esteve presente na proposta da disciplina. O crescimento proporcionado por este curso está diretamente ligado ao modo como os estudantes vêm aprendendo. O diálogo surge como princípio ativo da cooperação e aparece tanto na formação de grupo de estudos quanto na relação do estudante com seus tutores, por um lado, e com seus alunos, por outro.

É fundamental um projeto político pedagógico em que o uso da palavra é valorizado e estimulado. Deixando que se vislumbre uma educação que não tem a pretensão de deter e transmitir verdades, buscando relativizar este conceito através da inclusão de

contradições e tensões apresentadas por seus textos heterogêneos. Estes muito mais do que afirmar uma direção, apresentam caminhos, correntes epistemológicas que apontam em diferentes sentidos, abrindo-se assim para a intertextualidade. Esta não-linearidade propõe a necessidade premente de diálogo e a interação freqüente entre todos os envolvidos no processo de aprendizagem.

Sem dúvida, o professor mais qualificado tem mais competência para o embate com os diversos saberes da escola, tornando-se um professor pesquisador, aberto à dialogicidade. Foi possível verificar que os estudantes foram capazes de se apropriarem da informação, convertendo-a em conhecimento.

Esta proposta apresentou-se bastante válida por trazer uma mudança consciente, sentida, fruto de reflexão, assumida e que, ousamos dizer, é fruto da maturidade destes alunos que por estarem mais preparados e seguros estão aptos a manter uma permanente interlocução com a prática, incorporando inclusive dimensões que transcendem o nível meramente cognitivo. Afinal, eles estão mais conscientes do que estão fazendo e buscando saber mais o que querem.

A nota máxima atribuída ao curso leva em consideração alguns aspectos, como o conteúdo, a qualidade do processo e a metodologia, mas é preciso lembrar que sua avaliação durante o percurso denuncia também a necessidade de melhorias no que tange às tutorias e ao acesso às tecnologias. O reconhecimento destas limitações trazem-nos de volta ao compromisso com esta reflexão, com a busca de novos caminhos que falem sobre essa proposta em curso.

Um dos aspectos apontados na pesquisa é a crença de que o curso à distância apresenta qualidade, por motivar os estudantes na articulação das dimensões teórica,

prática e experiencial. As dificuldades de ordem material e de condições precárias de trabalho prejudicam o trabalho do estudante e do docente.

É evidente que a tecnologia afeta a vida das pessoas, mas, quando estamos falando sobre professores, o nosso olhar perpassa, fundamentalmente, pelo poder de vetar, sabotar ou promover o seu uso no ambiente escolar. Seguindo o pensamento de Vygotsky, se quisermos ultrapassar a prática cultural da negação da tecnologia nas escolas é preciso ampliar a compreensão dos mecanismos pelos quais a cultura se apropria dos sujeitos e de como os sujeitos se apropriam dela.

O tutor aparece como figura imprescindível no processo de capacitação, devendo, inclusive, sentir-se como responsável pelas possíveis falhas na clareza, na comunicabilidade e interação, para que possa vir a minimizá-las.

Um fator a ser considerado, e que ainda é a marca de participação ou não segundo o critério estabelecido pelos alunos, é a presença na tutoria presencial. Isto reforça a idéia de que este grupo de tutores ainda é o maior responsável pelo contato do aluno com o curso. Em contrapartida, é preciso que a tutoria à distância estabeleça novas formas de ação que promovam uma maior participação destes alunos através de outros meios.

A finalidade desta pesquisa foi verificar a contribuição da abordagem sociointeracionista num curso de formação continuada à distância e mapear novas possibilidades de caminho para pensar e fazer educação. Diante do manancial de informações suscitado pelo questionário e pela entrevista, desejamos que este não seja de fato o porto da chegada, mas o princípio, a partida, de uma nova caminhada.

Ainda é preciso lembrar que a Universidade Pública traz para este processo uma contribuição incomensurável no que concerne a sua competência técnica e científica, o que tem nutrido este projeto institucional, centrando-o cada vez mais na possibilidade

benéfica de mudança. Ainda precisamos caminhar em alguns aspectos que se referem às políticas públicas para a Educação: computadores subsidiados, banda larga e o acesso gratuito para estudantes de Universidades Públicas, mas já temos certeza de que é possível educar à distância com qualidade e compromisso. Esta certeza vai ser a nossa bússola para que continuemos firmes, prontos para lidar com qualquer tempestade.

6. Bibliografia:

ALVES, Lynn, org. **Educação a distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade.** São Paulo, Futura, 2003.

AMARAL, Ana Lucia e VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Formação de professores: políticas e debates.** São Paulo: Papyrus, 2002.

ARENDT, Hannah. A política como espaço de liberdade e de igualdade .IN: _____ . **O que é política.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p.590

_____. **A condição humana.** Rio de Janeiro: Forense universitária, 1985.

BARBOZA, Marcus Vinicius Grandão e HAGUENAUER, Cristina. **Desenvolvimento e implantação de plataforma de ensino à distância.** WWW.abed.org.br/congresso2002/trabalhos/texto26.htm

BARRETO, Raquel Goulart. **Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas.** Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância.** Campinas: autores associados, 2001

BETTEGA, Maria Helena. **Educação continuada na era digital.** São Paulo: Cortez, 2004

BRANDÃO, Zaia. **A crise dos paradigmas e a educação.** São Paulo: Cortez, 2002

BRASIL. **Decreto no. 2494,** de 10 de fevereiro de 1998.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei no. 9394 de 23 de dezembro de 1996.

_____. **Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: 1997.

CAPELLO, Claudia & COELHO, Ligia Martha. **Língua Portuguesa na educação 1.** Rio de Janeiro: Consórcio CEDERJ, 2003.

CAPELLO, Claudia & FRANÇA, Maristela Botelho. **Língua Portuguesa na educação 2.** Rio de Janeiro: Consórcio CEDERJ, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura.** São Paulo: Paz e terra, 2003.

CASTRO, Cláudio de Moura. **Educação brasileira: consertos e remendos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

COLL, C. et alli. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1996.

CORREA, Juliane. **Curso de especialização a distância**, São Paulo: SENAC, 2000.

CUNHA, Maria Isabel. A avaliação no ensino superior. IN: **Educação em debate. Cadernos de graduação**. PUC-PR, jun., 1999

DEMO, Pedro. **Educação e qualidade**. Campinas, Papirus, 1993.

_____. Conhecimento e aprendizagem na nova mídia. IN: Oliveira, Elsa G. **Educação à distância na transição paradigmática**. São Paulo: Papirus, 2003.

ECKERT-HOFF, Beatriz Maria. **O dizer da prática na formação do professor**. Chapecó: Argos, 2002.

ELIOT, T. S. **Notas para uma definição de cultura – debates filosofia**. São Paulo: Perspectiva, [s/d].

ESTEVES, Antonia Petrowa. **Educação a distância : experiências universitárias**, Rio de Janeiro: UERJ - Centro de tecnologia educacional, 2001.

FERNANDEZ, Marcela Afonso. **Ressignificando o conceito de educação a distância na formação continuada de professores**. Dissertação de mestrado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003

FERREIRA, Rodolfo. **O lugar social do professor: entre o sagrado e o profano**. São Paulo: Quartet, 1998.

_____. **O professor invisível: imaginário, trabalho docente e vocação**. São Paulo: Quartet, 2003.

FIORENTINI, Leda Maria Rangearo. **Linguagens e interatividade na EAD**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 2003 (27ª. Ed)

FREITAG, Barbara. Era informacional e uso do livro. IN: PORTELLA, Eduardo. **Reflexos sobre os caminhos do livro**. São Paulo: Moderna, 2003.

GAGNÉ, R. **Educational technology as technique**. British: Educational technology, 1968.

GIUSTA, Agneta da Silva e FRANCO, Iara Melo. **Educação a distância: uma articulação entre a teoria e a prática**. Belo Horizonte: PUC Minas Virtual, 2003.

HANNOUN, Hubert. **Educação: certezas e apostas**. São Paulo: UNESP, 1998.

JICK, Todd D. Mixing qualitative methods: triangulation in action, In **Administrative Science quarterly**, vol. 24, no. 4, december 1979, pp. 602-611

LÉVY, Pierre. **Cybercultura**. São Paulo: 34, 1999.

_____. **O que é o virtual ?** São Paulo: 34, 1996.

_____. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: 34, 2004

LITWIN, Edith.(org) **Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: artmed ,2001

LIBÂNEO, José. **Adeus professor, adeus professora: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.(5ª. Ed)

LOBO NETO, Francisco José da Silveira. Educação à distância: Planejamento e avaliação. Rio de Janeiro: **Revista Tecnologia Educacional – ABT**, 1988.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2003

MAIA, Carmem. De faculdade isolada à universidade virtual: o caso do IUV.br – Instituto Universidade Virtual Brasileira. IN: SILVA, Marco. **Educação on line**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.(p.501-512)

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação da Antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 2004.

MEC. **Metodologia para avaliação de materiais de ensino**. Brasília. MEC/BRASIL, 1999.

MORSE, J. **Approaches to qualitative-quantitative methodological triangulation nursing research**, USA: Educational Technology, 1991, (p. 120-132)

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos T. e BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2003.

MORETTO, Vasco Pedro. **Construtivismo: a produção do conhecimento em aula**. Rio de Janeiro: DP&A , 2002

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2002.

MOURÃO SÁ, Márcia Souto Maior. Mecanismos e dispositivos da exclusão/inclusão – em uma perspectiva da psicologia da educação. IN : SILVEIRA, Cláudio de Carvalho et al. **Fundamentos da Educação 3**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ – Consórcio CEDERJ. Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação do Rio de Janeiro, 2004.

NOVOA, Antônio. **O futuro presente dos professores: o novo milênio ainda demora muito tempo?** Palestra proferida no I Seminário Internacional de Educação, Cianorte, Paraná, 21 set. 2001.

NOVOA, Antonio (Org). **Profissão professor**. Portugal: Porto Editora, 1995.

_____. **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 1995.

PACHECO, Samuel Bueno. O jogo da imitação: o problema da avaliação da aprendizagem em ambientes virtuais. IN: **Tecnologia educacional – Revista Brasileira de Tecnologia Educacional** – ano XXX – no. 157/158. Rio de Janeiro, dezembro-2003.

PARÁ, Telma, HAGUENAUER, Cristina e RIVERO, Marco Ramiro Sejas. **A influência da plataforma de gerenciamento de EAD no desenvolvimento de programas de ensino via Web: uma experiência do LASTEC/UFRJ** – WWW.abed.org.br/congresso2002/trabalhos/texto30.htm – 25/01/2005 – 10.00

PETERS, Otto. **A educação a distância em transição: tendências e desafios**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2004.

6-4(co)-4(A)3.00195()94f 10-

REGO, Marta Cardoso de Lima da Costa. **Tutoria em processos sócio-interacionistas de Educação à Distância: caminho para uma prática alegórica.** Dissertação de Mestrado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Estudos sociológicos.** Rio de Janeiro: Forense, 1973.

_____. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade.** São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Um discurso sobre as ciências.** Porto: Afrontamento, 1997.

_____. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.** São Paulo: Cortez, 1996.

SAMPAIO, Marisa Narcizo e LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor.** Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SCALA, Sergio Brasil N. Ensino a distância para o professor do ensino fundamental em exercício. IN: OLIVEIRA, Elsa. **Educação a distância na transição paradigmática.** Campinas: papirus, 2003.

SCHIMD, Ana Maria. **Tutorias: los rostros de la educación a distancia. In: Educação e contemporaneidade. In: Revista da FAEEBA.** V.13, n 22, jul/dez, 2004.

SCHIMDT, L.M. & CARVALHO, M. A. de. A prática pedagógica como fonte de conhecimento. **IN: O trabalho docente – teoria & prática. ALONSO, Myrtes, org.** São Paulo: Pioneira Educação, 2003.

SILVA, Marco. **Educação online.** São Paulo: Edições Loyola, 2003.

_____. **Sala de aula interativa.** Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

Skinner, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

THIAGARAJAN, S E PASIGNA, A. **Literature review on the soft Technologies of learning.** IN: Basic research and implementation in developing educational systems. Cambridge Harvard university, 2, July, 1988.

VALENTE, José Armando (org). **Educação a distância via Internet: formação de educadores.** São Paulo: Avercamp, 2003.

VILLARDI, Raquel. Educação à distância: entre a legislação e a realidade. IN: Souza, Donaldo Bello de. **Desafios da Educação Municipal**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

_____ Development of Interactive System for Formation of Teachers: a perspective construcionista in Distance Educacion. In: **Annual Conference of the european net of Educations at Distance** (EDEN), 2002, Granada. Annual Conference of the european net of education at distance, 2002, pp. 178-185. (2002a)

_____ O leitor de hipertextos. In **Actas Del Congreso Internacional La ciência ante el Público: Cultura Humanista y Desarrollo Científico-Tecnológico**. Salamanca: Editora Universidad de Salamanca, 2002, pp. 13-28 (2002b)

_____ & OLIVEIRA, Carlos Alberto. A política de educação à distância e profissionalização: desafios. **Revista de Administração Educacional**, Recife, v.2, n.6, p-37-47, jul./dez.2000

_____, OLIVEIRA, Eloiza & GAMA, Zacarias. Educação a distância: possibilidades e entraves à democratização do acesso à educação superior pública, gratuita e de qualidade no Brasil. In: Revista **ADVIR**, v.14, pp. 31-37, setembro de 2001 (número especial dedicado à Educação à Distância)

_____ et al. *Desafios na Formação de Tutores Socio-interacionistas para EAD*. In: **Informática na Educação: Teoria & Prática**. Porto Alegre, Programa de Pós-graduação em Informática na Educação – UFRGS, maio de 2002, v.5, pp. 41-46

_____ & OLIVEIRA, Eloiza Gomes de. **Tecnologia na educação: uma perspectiva sócio-interacionista**. Rio de Janeiro: Dunya, 2005

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Bloco I – Dados Pessoais

Nome Estudante A

Há quantos anos você leciona? 6 anos

Que disciplina(s) você leciona? Em que série(s)? Português, matemática, história, geografia e ciências. Na 1^a. Série elementar

Qual a sua carga horária como professor(a)? Carga horária de 4 horas diárias

Que avaliação você faz da sua escola? Boa. A comunidade é carente demais, muito carente, mas é boa de lidar, muito boa a turma também.

E de seus alunos? São agitados, porém eu acho devido assim a idade deles, mas são bons alunos pegam as coisas com muita facilidade e tem facilidade de aprendizagem, mas são muito assim ainda pequenos então não tem aquela coisa de você impor limites. Às vezes não aceitam isso. Tem seis anos de idade acham que podem botar fogo na sala.

Fale um pouco sobre as suas condições de trabalho? A sala é ampla. A escola é como eu falei boa só que a turma é muito cheia. Tem 32 alunos para alfabetizar. É muito complicado, é muito difícil mesmo para uma pessoa só trabalhar. Você, às vezes, quer trabalhar determinadas coisas, mas, às vezes, você não consegue. Porque até o final do ano você tem que dar conta de todos lendo e lendo bem para ir para uma primeira série forte, e é muito difícil. Às vezes, você tem as idéias, mas não pode colocar em prática.

Bloco II – Sobre seu curso

O que o levou a fazer um curso de graduação à distância? Primeiro, foi a dificuldade financeira sem condições de pagar faculdade. Nenhuma, nenhuma, nenhuma. Se eu não tivesse passado eu acho que eu não teria entrado ainda. Segundo foi a sorte de eu ter passado, com certeza.

Com que frequência você vai ao pólo? Por quê? Eu venho sempre que eu posso. É claro porque eu gosto é muito bom tipo assim eu acho que eu aprendi. Eu aprendo muito. Acho que cada semana que eu venho aqui eu aprendo uma coisa diferente, nova e os tutores são excelentes.

Com que frequência você entra em contato com os tutores à distância? Por quê? Às vezes, na época assim de AP porque às vezes eu leio alguma coisa e não consigo entender.

Como você avalia o material didático de língua portuguesa? Muito bom. Ótimo. Só que no início eu levei assim muita “paulada” para poder entrar no ritmo porque eu lia e não conseguia entender. É uma linguagem muito difícil, tá. A tutoria me cobrava assim aquela linguagem bem rebuscada e eu não tinha aquilo ainda. Mas, excelente, muito bom para reflexão abrir os horizontes do conhecimento, excelente.

Você já utilizou, na prática, alguma das atividades propostas no material didático? Já, já usei sim.

Numa escala de 0 a 5, que nota você daria para o seu curso? 5. É maravilhoso.

Liste, em ordem de prioridade, as dificuldades encontradas no curso. Ter que ficar assim o dia todo e não ter assim nenhuma tutoria de repente que para a gente conseguir hoje várias tutorias. Foi uma luta nós tivemos que impor, pedir e implorar. Porque existem tutorias nossas que são no meio da semana e nós não temos condições, por exemplo, como outras pessoas que moram distante de estar aqui à noite ainda por cima. Então, nós tivemos que pedir, implorar e eles cederam para vir aos sábados ficar até cinco horas.

Bloco III – Língua portuguesa e trabalho

Em língua portuguesa, o que você considera ser fundamental que seu aluno saiba? Eu acho que eu priorizo a escrita e a leitura e o desenvolvimento do raciocínio dele tipo assim o que ele tem e o que eu tenho que passar para ele, o que ele precisa para lidar no mundo, para conviver no mundo.

Suas aulas permitem que seu aluno se desenvolva nessa área? Bastante. Porque como eu disse, eu aprendi muito e tento passar o que eu aprendi para eles.

As aulas do seu curso à distância ajudam você a desenvolver seu aluno? Em que medida? Como isso acontece? E suas avaliações? O que você prioriza, hoje, ao avaliar seu aluno? Minhas avaliações se modificaram bastante porque antigamente a gente assim antes de entrar no curso, eu percebia que assim coisas bobas que a gente priorizava, eu priorizava coisas assim que não valia a pena. Como é que era errado, então eu dava errado, marcava em vermelho. Hoje, eu acho que não. Eu já acho que ele tem a necessidade de colocar o pensamento dele e eu tenho a obrigação de aceitar também a opinião dele eu gostando ou não.

Suas aulas se modificaram depois do curso? Por quê? Conforme eu disse mudou muito, principalmente as minhas avaliações. Priorizo, hoje o conhecimento que ele traz consigo juntamente com o que eu tenho que colocar pra ele, passar pra ele no dia a dia.

Bloco I – Dados Pessoais

Pólo Estudante B

Há quantos anos você leciona? Seis anos

Que disciplina(s) você leciona? Em que série(s)? Qual a sua carga horária como professor(a)?

Segunda série. Todas as disciplinas, né? Português, matemática, história e geografia e ciências. Quatro horas por dia, só à tarde.

Qual a sua carga horária como professor(a)? A minha escola cresceu muito nos últimos anos por causa de um convênio com a prefeitura. Em dois anos, ela saltou de 150 alunos para 810 este ano. Então, ela está com uma estrutura defasada assim muita coisa está sendo vista inclusive o PPP⁹³ que não tem, né? E eu vejo assim que é uma escola que está crescendo, mas que ainda tem que caminhar muito.

Que avaliação você faz de seus alunos? São alunos muito agitados em decorrência de uma má educação que vêm da família. Muitos com falta de limite, mas são capazes de estarem na segunda série, mas são muito agitados. E, muitas vezes eu não consigo fazer o que eu preciso com eles e os conteúdos que eles precisam por causa desta agitação.

E de sua escola? Em primeiro lugar, trabalho numa sala pequena. Tenho vinte e sete alunos, essa semana recebi um aluno de dezesseis anos, porque a escola é da Asa-Rio que tem um orfanato também no mesmo local e recebi um pedido de acolher a este adolescente. Então, numa sala com vinte e seis alunos de sete / oito anos, eu recebi um menino de dezesseis anos. Ele parou na segunda série, mas eu fiz uma avaliação e acho que ele já pode ir para a terceira série. Vai passar pela professora da terceira série para ver se ele vai para a quarta série. É uma sala muito quente, muito apertada. Eu queria mais espaço para contar, para fazer um monte de coisa, não tenho.

Fale um pouco sobre as suas condições de trabalho? Em primeiro lugar porque é público e eu não tinha condição de pagar, né? Pela qualidade também que eu acho que é muito melhor pelos cursos que tem aqui, pelas faculdades particulares em Petrópolis hoje muito melhor e por mais assim à distância e não ter que freqüentar todos os dias.

Bloco II – Sobre seu curso

O que o levou a fazer um curso de graduação à distância? Em primeiro lugar porque é público e eu não tinha condição de pagar, né? Pela qualidade também que eu acho que é muito melhor pelos cursos que tem aqui, pelas faculdades particulares em Petrópolis hoje muito melhor e por mais assim à distância e não ter que freqüentar todos os dias.

⁹³ Ppp – projeto político pedagógico

Com que frequência você vai ao pólo? Por quê? Todo sábado. Este semestre tenho vindo todo sábado. Porque este contato com os professores, tutores é muito bom para gente enriquece muito. No primeiro período a gente tem uma não muito diferente. A gente quer se virar sozinho, mas nunca dá resultado. Agora quem vem ao pólo sempre a gente vê resultados muito melhores.

Com que frequência você entra em contato com os tutores à distância? Por quê? Semanalmente. Não falo com os à distância. Só presencialmente. Não tenho costume de falar com eles. Não tentei, só por e-mail, mas assim falar pelo telefone não.

Como você avalia o material didático de língua portuguesa? Muito complexo. Material muito bom. Fala muito do social, busca muito a realidade social do país, muito bom.

Você já utilizou, na prática, alguma das atividades propostas no material didático? Já, sim. Principalmente as atividades que utilizam texto e interpretação.

Numa escala de 0 a 5, que nota você daria para o seu curso? 5

Liste, em ordem de prioridade, as dificuldades encontradas no curso. As vindas ao pólo, disponibilidade de sábados e os horários da tutoria porque para pegar todo mundo tem que ficar o dia inteiro no sábado. Aí fica pesado.

Bloco III – Língua portuguesa e trabalho

Em língua portuguesa, o que você considera ser fundamental que seu aluno saiba? Interpretar o que lê.

Suas aulas permitem que seu aluno se desenvolva nessa área? Acho que sim. Me esforço para isso.

As aulas do seu curso à distância ajudam você a desenvolver seu aluno? Em que medida? Como isso acontece? Porque eu tento sempre trabalhar com texto agora eu trabalho com música e quero que eles entendam o que estão fazendo, o que estão lendo e o porquê. Não ficar só naquela coisa mecanicista de copiar e ter que fazer, mas saber porque estão fazendo.

Suas aulas se modificaram depois do curso? Por quê? Modificaram. Também o trabalho diante deste contexto aí, deles interpretarem.

E suas avaliações? O que você prioriza, hoje, ao avaliar seu aluno? Eu priorizo a interpretação que ele tem, que ele faz, não só durante as provas, mas assim a cada dia se ele está conseguindo acompanhar o conteúdo. Se ele está conseguindo entender o que eu estou falando mesmo nos momentos mais estáticos. Assim, eu estou sempre querendo ver isso porque a prova não prova nada na verdade, né? Só papel mesmo.

Bloco I – Dados Pessoais

Pólo Estudante C

Há quantos anos você leciona? 18 anos

Que disciplina(s) você leciona? Em que série(s)? Qual a sua carga horária como professor(a)?

Professora de primeira a quarta série. Atualmente, estou com dois prézinhos⁹⁴ e com 44 horas semanais⁹⁵.

Que avaliação você faz da sua escola? Da manhã, a sala é grande e o mobiliário não é para pré-escolar, tá. A gente tem que se virar pra poder, falta até material didático para trabalhar. É certo, falta um pouco de tudo, né? Então, eu tenho que levar para a escola o brinquedo, massinha, né? Essas coisas... E a outra, não. A outra escola é menor, a sala é menor, um mobiliário para pré-escolar tem tudo, tem livro, vídeo, CD de todos os tipos, estorinhas, almofada. Tem uma realidade diferente da outra, né? E como eu disse é um espaço menor, mas bem mais equipado assim.

E de seus alunos? Da manhã, são crianças assim carentes de carinho. Assim, as mães deixam lá e você que se vire para dar todo o tipo de educação desde comer, sentar, ir ao banheiro, lavar a mão, essas coisas, mas são crianças carinhosas. Quando você está desempenhando bem seu trabalho, eles dão um retorno rápido. Aprendem com facilidade as coisas. Então, são boas crianças as da tarde. Elas têm um poder aquisitivo um pouco mais alto, né? A maioria também são crianças ótimas de se trabalhar, de bom caráter. É fácil trabalhar com eles e eles se desenvolvem com bastante facilidade também.

Fale um pouco sobre as suas condições de trabalho? A escola da manhã, eu trabalho desde a inauguração. É uma escola tipo Brizolinha, grande, na zona rural, tá. Tem tudo lê direitinho é uma boa escola, um bom lugar de trabalho. Atende do pré escolar ao EJA.⁹⁶ À tarde, é uma escola pequenininha que só tem três salas com quatro turmas, quatro de manhã e quatro de tarde e é um local adorável de trabalhar com pessoas maravilhosas com todo o aparato para pré-escolar e também dá para desenvolver um excelente trabalho lá. As duas são públicas.

Bloco II – Sobre seu curso

O que o levou a fazer um curso de graduação à distância? A distância do lugar onde eu moro porque eu moro no município de Itaguaí. Então, para eu me deslocar, chegar á noite de qualquer local fica difícil porque não temos condução, transporte, e a facilidade de se poder vir só uma ou duas vezes por semana. Poder vir no sábado que é o tempo que eu

⁹⁴ Prézinhos – pré-escola

⁹⁵ 44 horas semanais = manhã e tarde

⁹⁶ EJA =Educação de Jovens e adultos

tenho disponível e daí poder estudar horas em casa no período em que eu estaria numa faculdade presencial á noite,né? Eu posso estar olhando a minha filha cuidando um pouco da minha casa e tirando um tempo ara poder estudar os módulos.

Com que freqüência você vai ao pólo? Por quê? Bem, eu venho sempre aos sábados porque dia de semana não dá mesmo por causa do transporte á noite né? Só se eu ficar por Paracambi porque não tem como eu voltar, né? Então, sábado é um dia que eu tenho livre. Então, eu venho praticamente aos sábados porque sempre é uma idéia que o tutor tem ou uma dúvida que eu tenho eu tiro com ele. Então, pela facilidade de estar com uma pessoa que vai atender aos meus propósitos com as dificuldades que eu tiver no módulo.

Com que freqüência você entra em contato com os tutores à distância? Por quê? Nunca entrei talvez por sei lá quem será que vi me atender do outro lado, eu não gostar muito também de falar no telefone. É inibição, vergonha, timidez, seja lá o que for, mas nunca entrei. Talvez porque também não tenha chegado ao extremo de precisar e logo formamos também um grupo de pessoas que um tira dúvidas com o outro fora de sábado. Porque tem matéria que a gente não tem aos sábados e relendo o módulo e conversando um com o outro chega a tirar algumas dúvidas. Aqui tem grupo de estudos e tem algumas meninas do meu grupo que ligam para o tutor à distância e dizem pra gente: “- Olha o tutor falou isso, isso e isso.” Aí, a gente tem algum contato através dessas pessoas que sempre entram em contato.

Como você avalia o material didático de língua portuguesa? É, eu achei bom né? Porém, assim, às vezes eu achei meio complicado, tem algumas aulas que eu me perdi, mas eu lia e relia e ia conversando ali. As piores são as primeiras do poder da língua. Não só o estudo disso em língua portuguesa, mas o estudo disso em fundamentos também porque a gente estudou isso. Talvez por eu estar esperando a gramática, né? E, de repente, chegar com aquilo. Eu tive um pouquinho de dificuldade, mas depois entrei no jeito e foi mais relax. Gostei fora o susto, iniciei e fui assim tomando gosto.

Você já utilizou, na prática, alguma das atividades propostas no material didático? Eu não posso nem dizer porque eu trabalho com prézinho aí ficou meio difícil, maio vago para mim.

Numa escala de 0 a 5, que nota você daria para o seu curso? 5, com certeza. Eu acho o curso por ser à distância, e eu até falei isso para as meninas que entraram este ano, que por ser à distância, às vezes a gente pensa assim: “_ Pôxa, será que é bom mesmo? Será que vamos dar conta? Será que é uma coisa fria e não é uma coisa fria, né?” Aqui com os tutores, com os colegas, é uma coisa que a gente se relaciona bem um com o outro, com o pessoal dos outros períodos também e é a hora que a gente está precisando, telefonando, tem sempre alguém do outro lado falando legal com você, ninguém exasperado. Todo mundo falando legal com você, todo mundo bem. Não sei nos outros pólos, mas no meu pólo é assim e os tutores estão sempre prontos a voltar com você a te explicar legal, entendeu? E a coisa em si, o que tem no módulo, as aulas em si é muito bom mesmo. Tô gostando.

Liste, em ordem de prioridade, as dificuldades encontradas no curso. Só a distância mesmo porque eu levo duas horas para chegar aqui. E fico sem poder vir no dia de semana à noite. Eu gostaria de estar mais presente.

Bloco III – Língua portuguesa e trabalho

Em língua portuguesa, o que você considera ser fundamental que seu aluno saiba? Ler e interpretar. Principalmente. E base de escrever também. E ter uma grafia legal, não errar tanto, mas principalmente leitura e interpretação que é a base para fazer qualquer coisa.

Suas aulas permitem que seu aluno se desenvolva nessa área? Pra mim já fica difícil de falar isso porque eu já estou com o pré a muito tempo, mas assim a gente conta muita estória. Fazemos produção de textos com os pequenininhos, eles bolam a estorinha deles e eu passo pro papel e, assim, é bem válido assim. Dá pra tirar sempre alguma coisa, eu tiro sempre alguma coisa de proveito. É naquilo que eu te falei. Ajuda sim na hora de falar, de se expressar, de conhecer, de várias coisas, ajuda sim.

As aulas do seu curso à distância ajudam você a desenvolver seu aluno? Em que medida? Como isso acontece? Sim. Porque mesmo eu estando com o pré, algumas coisas que eu aprendi nos módulos eu utilizei em aula com eles, entendeu?

Suas aulas se modificaram depois do curso? Por quê? Como eu disse antes, mudaram muito.

E suas avaliações? O que você prioriza, hoje, ao avaliar seu aluno? O dia a dia dele. O desenvolvimento do dia a dia por ser pré. Pensei basicamente nisso aí.

Bloco I – Dados Pessoais

Nome Estudante D

Há quantos anos você leciona? 28 anos

Que disciplina(s) você leciona? Em que série(s)? Qual a sua carga horária como professor(a)? Atividade de primeira à quarta série. 22 horas semanais em cada matrícula. Atualmente, trabalho só de manhã porque em uma matrícula eu já me aposentei.

Que avaliação você faz da sua escola? A minha escola, eu faço uma avaliação boa. Eu estou na mesma escola desde que ela inaugurou e nunca vou sair de lá e nem pretendo sair. Sinal de que gosto da escola, né? Eu faço uma boa avaliação da minha escola. Ela é grande, as salas de aula são enormes com dois janelões grandes. Ela tem um pátio também grande só não tem quadra coberta, o que falta lá é isso. Mas as salas de aula são agradáveis, são boas de trabalhar, bem ventiladas. A comunidade é boa, fica fora do centro. Fica a uma hora de distância da minha casa e eu gosto e prefiro porque é uma zona rural. E é uma zona rural que foi assim, o progresso foi chegando. Então, as pessoas ainda tem uma visão da professora como a segunda mãe. O ambiente é agradável e a escola é boa em todos os sentidos.

E de seus alunos? Os meus alunos são crianças que eu não tenho problema. Eu vejo que violência eles não têm. Problema de carência que eles têm são de um modo geral do brasileiro. Eu não posso dizer que é uma comunidade carente, não é. Os pais são operários, donas de casa, empregadas domésticas, mas ninguém tem aquela coisa. Ninguém vive na rua, não tem menino de rua, não tem favelas por perto, sabe? Eu acho que é uma comunidade normal, são meninos normais que não me dão muito trabalho, não.

Fale um pouco sobre as suas condições de trabalho? Aí começam as reclamações: o salário do professor tá uma coisa que o mundo inteiro conhece. Como a escola é longe do centro as novidades custam a chegar as informações da Secretaria de Educação custam a ser captadas. Agora é que a escola está se informatizando e as condições, nós não temos assim verba para material pedagógico diferentes. Agora a uns três anos atrás é que a escola ganhou televisão, tem vídeo cassete. Mas, durante anos não tivemos nada disso. Nós não temos biblioteca. Nós não temos uma sala específica. Então, essas condições eu acho que atrapalha um pouco o trabalho. Poderiam ser melhores.

Bloco II – Sobre seu curso

O que o levou a fazer um curso de graduação à distância? Eu não daria detalhes, mas forma problemas pessoais, problemas que forma acontecendo na família e eu fui adiando esta decisão de fazer faculdade sempre querendo, mas nunca tendo. Eu trabalhava também, de manhã, de tarde, à noite, não sobrava tempo para fazer nada. Aí eu tomei conhecimento que existia o CEDERJ. Aí eu falei, agora é minha oportunidade, né? E pra completar, pra ajudar estava faltando um ano para eu me aposentar. Eu ia me

aposentar com 43 anos eu comecei com 18 anos e veio a reforma da previdência, né? Que alterou isso tudo. Aí não dava fui adiando, e quando eu consegui conciliar tempo, problemas pessoais com essa lei, eu descobri o CEDERJ pra mim foi ótimo porque eu não tenho que vir todos os dias. Eu venho três vezes por semana e posso estudar em casa. Este foi o principal motivo.

Com que frequência você vai ao pólo? Por quê? Venho sempre a todas as tutorias desde o primeiro período. Só não venho se estiver doente. Primeiro porque estou afastada do ensino formal muito tempo, mas adoro ler. Estou sempre me atualizando desta forma. Segundo, porque eu tenho necessidade então eu comecei eu vim para conhecer as tutorias e conforme eu fui vendo que aquilo estava me ajudando aí que eu não deixei de vir mesmo porque eu acho que os módulos são muito bons, mas a presença do tutor é indispensável. Tem coisas que eu aprendi que só com aquele contato direto eu poderia aprender, não está escrito no módulo.

Com que frequência você entra em contato com os tutores à distância? Por quê? Com pouca frequência porque eu não gosto de falar ao telefone. Eu gosto de falar olho no olho e porque eu tenho muita dificuldade de acessar a plataforma. Não é dificuldade técnica, não, é dificuldade de horário porque eu trabalho de manhã depois vou para outro trabalho a tarde. E, quando chego o horário do tutor não combina com o meu horário disponível, então só por isso. Só tenho tempo final de semana por mil motivos pessoais.

Como que avciliação.00342(m4()-112(t)8(o)-4(r)3(p)6(a)-47)-4()-112(4()-á12(e)-4(n12(f)4(o)-4(ss)10

mim é esse aqui. E, mesmo assim eu levo quase duas horas. Então, a maior dificuldade é a distância. Falta tempo para me dedicar mais porque acho que se eu tivesse mais tempo eu estaria melhor ainda. As leituras que são sugeridas também. Outra falha que eu acho é nós não termos biblioteca que empreste livros. Aqui no pólo existem os livros, mas eles não podem ser emprestados e eu não disponho de tempo para fazer uma pesquisa aqui. Vir para cá ficar à noite inteira estudando. Tem um ambiente, um espaço físico legal, mas nós não temos tempo para isso. O dia em que eu venho pra cá, eu tenho que conversar com o tutor. Eu não posso ficar sentada lá, lendo e eles não emprestam os livros. Eu acho que isso aí poderia ser revisto.

Bloco III – Língua portuguesa e trabalho

Em língua portuguesa, o que você considera ser fundamental que seu aluno saiba? Escrever com coerência e com clareza. E outra coisa que ele seja capaz de ler e de agir em função daquela leitura. Ele deve ser letrado, claro, fundamentalmente, dentro da fase em que ele está. Eu gosto muito de colocar sem explicar o que é que eu quero. E perguntar o que é que eu quero aqui? O que você leu? Mas o que é para fazer ali? Ah, mas está escrito! Buscando sempre entender o que é que eu estou querendo dizer com aquele texto. Isso é fundamental se não ele não está caminhando.

Suas aulas permitem que seu aluno se desenvolva nessa área? Suas aulas se modificaram depois do curso? Por quê?

Permitem sim. Eu acredito que antes não. Eu acho que eu mudei muito, muito, muito mesmo o modo de ensinar a LP. Acho que antes ele talvez não fossem capazes disso e aí eles gostam dessa nova maneira de estudar e aprender, eles gostam. Comparar textos, por exemplo, eles gostam. E, no módulo tem uma gravura, uma imagem dos retirantes de Portinari. Eu usei aquela imagem para trabalhar com os alunos e relacionei a música, a tela de Portinari e depois outro texto escrito, né? E eles viram que há várias maneiras de dizer a mesma coisa. Pode dizer cantando, pode dizer pintando, escrevendo, entendeu? Então, o curso está valendo.

As aulas do seu curso à distância ajudam você a desenvolver seu aluno? Em que medida? Como isso acontece? Sim, muito mesmo. Como eu disse, né?

E suas avaliações? O que você prioriza, hoje, ao avaliar seu aluno? Nós temos alguns critérios estabelecidos para avaliar o aluno. Então, a gente não pode fugir muito daquilo que é estabelecido, mas na hora de avaliar porque a avaliação na minha escola é feita sem provas, não tem provas, é relatório descritivo, aluno por aluno, relatório anual. Então, eu vou fazendo as avaliações assim: eu faço muita observação, eu vou dando textos para eles irem escrevendo, exercícios que eu dei, até exercícios orais mesmo. Para quando chegar o final do ano fazer aquela avaliação fundamentada em alguma coisa senão fica muito perdido, né? E, ano passado eu trabalhei com a quarta série e peguei os alunos que eram capazes de ler e interpretar, né? Agir em função daquilo que estão lendo e dar as quatro operações basicamente isso que é dado para ir para a quinta série, né? E, na terceira série a avaliação é feita, mas o aluno não é retido. Então, é isso que eu espero deles na quarta série.

Bloco I – Dados Pessoais

Nome Estudante E

Há quantos anos você leciona? 20 anos.

Que disciplina(s) você leciona? Em que série(s)? Bom, eu já fiz faculdade de educação artística; então eu já trabalhei com oitava, mas não é meu ideal. Eu prefiro trabalhar com o primeiro segmento. Eu prefiro trabalhar com criança e eu trabalho com alfabetização.

Qual a sua carga horária como professor(a)? O dia inteiro de manhã e à tarde com alfa.

Que avaliação você faz da sua escola? A minha escola de Cabo Frio, ela é assim um espaço que não é adequado para uma escola de educação infantil porque é uma casa. Mas dentro do que a escola se propõe eu acho ela assim excelente, muito bóa. Para atender ao que ela está se propondo as crianças. Eu acho que ela ta fazendo um ótimo trabalho, mas o espaço físico não é lá essas coisas.

E de seus alunos? Bom, a comunidade é uma comunidade excelente que dá um apoio muito bom a escola. Então, eles participam de tudo, eles estão sempre querendo ajudar os pais. São participativos isto torna as crianças interessadas. Então, eles participam de tudo que você propõe. As crianças querem participar, querem passear. O que você propõe na sala eles querem fazer, eles querem ajudar. Estão sempre fazendo grupo. Acho que ali é uma comunidade diferente é como se eu nem tivesse no município porque é difícil de você ver isso numa escola municipal, é muito difícil e ali acontece. É um ambiente muito bom de se trabalhar, eles participam são bons alunos são interessados também. Não sei se é porque a escola só atende educação infantil até o nível dois. Porque acho que o interesse dos pais só acontece nessa primeira fase. Depois eu acho que eles acham que os alunos não precisam mais de apoio. Ninguém aparece mais na escola. Então, eu acho que talvez por isso a participação seja boa e eles são ótimos.

Fale um pouco sobre as suas condições de trabalho? São poucos alunos dentro de sala. A aprendizagem flui que é uma maravilha porque não tem muitos alunos. A maior turma tem vinte e um alunos que é a minha por um acaso porque eu estou na maior sala. As outras têm 16/15 alunos. Então, acontece assim eu não tenho um aluno que chegue na minha sala sem saber o nome, as letras do alfabeto. Então quando você tem isso, você ta com a faca e o queijo na mão para você alfabetizar é muito rápido, entendeu? É uma escola ótima .

Bloco II – Sobre seu curso

O que o levou a fazer um curso de graduação à distância? Bom, eu tenho licenciatura curta em educação artística. Então, eu precisava ter a minha graduação. Eu queria ter

como eu fiz muito nova uma faculdade. Eu entrei com 16 anos. Eu fiz porque eu gosto de desenhar. Então, eu não fiz porque eu quero complementar a minha parte pedagógica, eu fiz porque eu gostava. Então, como eu ia precisar refazer porque o currículo foi mudado e eu sou formada em desenho geométrico que agora não existe mais.

Com que frequência você vai ao pólo? Por quê? Eu só vou ao pólo aos sábados, todos os sábados, eu estou aqui. Durante a semana, não tenho como sair. Essa foi minha opção também por ter essa, ser mais elástico, eu não precisar vir durante a semana. Eu estudo em casa durante a semana, faço meus resumos, faço os trabalhos, mas eu não tenho o comprometimento de freqüentar durante a semana. Aos sábados, eu estou aqui todo sábado. Todo mundo sabe que eu fico aqui direto. Fico de oito até as cinco da tarde.

Com que frequência você entra em contato com os tutores à distância? Por quê? Nenhuma. Eu não tenho telefone, eu não tenho computador. Então, eu só entro na plataforma quando eu posso utilizar o computador de alguém para saber uma coisa, aqui no pólo ou no escritório do meu sogro. É um escritório de contabilidade e eu não vou ficar usando o computador para mim, né? Geralmente, aos sábados, que eu dou uma fugidinha e vejo alguma coisa o que eu uso muito é a plataforma. Todas as minhas ADs são retiradas da plataforma, sabe? Todos os bilhetes, a questão do portfólio que foi colocado na plataforma, tudo, os textos para estudar, os exercícios propostos, tudo eu tiro da plataforma. Raramente eu utilizo a secretaria para xerocar. A questão do tutor à distância realmente não. Agora é que eu vim saber semestre passado que eu poderia ligar do meu celular. Para mim só podia ser de telefone fixo. Vou ficar no orelhão fazendo consulta com o tutor à distância. Não eu não vou fazer assim. Aí agora é que eu fiquei sabendo do 0800.

Como você avalia o material didático de língua portuguesa? Muito bom, gostei muito, gostei muito mesmo. No princípio foi um choque assim, né? Porque você vem com toda concepção e você cai, vê outra coisa diferente, outra proposta, né? Então você vê tudo. Estou num meio que diz não, você tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, que você acha que não está certo, mas que você... Quando eu peguei o material que eu li, eu achei ótimo. Veio de encontro a tudo que eu queria, mas que, geralmente, não é aceito, né? Que todo mundo acha que está errado. Eu achei ótimo, gostei muito.

Você já utilizou, na prática, alguma das atividades propostas no material didático? Eu uso sempre porque com alfa eu trabalho com texto, né? Caro, que não da maneira que foi proposta no livro porque ali não se deteve a alfa. Ali, as atividades foram mais para primeira a quarta série, mais para séries mais altas, mas são todas adaptadas. Você quando trabalha com texto automaticamente usa muito o material.

Numa escala de 0 a 5, que nota você daria para o seu curso? Olha, apesar de todas as dificuldades que a gente tem dos erros que eu acho que acontecem; as notas que não chegam a tempo, de uma máquina de xerox que não tem, de tudo isso. Eu acho que ele ainda vale cinco.

Liste, em ordem de prioridade, as dificuldades encontradas no curso. Como eu já tinha falado eu acho que a questão da nota porque querendo ou não aluno é movido à nota. Vir para a faculdade cria aquela ansiedade muito grande de você estar a dias de fazer uma AP e você não ter suas notas e você não saber quanto você precisa tirar numa AP. Então, eu acho que isso demora muito. A questão dessas notas não aparecerem porque em matemática eles já sabem as notas logo. E a gente fica e fica e fica.

A questão da xerox não tem como tirar. Você quer trocar um exercício, uma informação, tem alguma coisa que uma colega tem e quer passar para você um texto e não tem como trocar porque não tem como tirar xerox.

Dia de sábado, a gente ainda tem esse banheiro lindo e maravilhoso para usar água para beber. Dia de domingo, prova, não tem, é tudo fechado. Então, a gente não tem nem água para beber e a gente passa o dia inteiro aqui fazendo uma prova sem uma infra-estrutura.

A questão da vista de prova. Acho que tinha que ter porque eu acho injustiça isso até mesmo para saber o que eu estou errando, o que eu tenho que estudar mais e o que eu errei na prova não que eu não queira brigar. Porque eu quero tirar dez não é isso, não é essa a questão. Porque eu estou achando que eu estou beleza, que eu estou sabendo de tudo, mas não. Ah, então, eu não estou sabendo isso aqui então eu tenho que voltar lá em tal assunto. Então, eu acho que a vista de prova é importante por causa disso.

Bloco III – Língua portuguesa e trabalho

Em língua portuguesa, o que você considera ser fundamental que seu aluno saiba? Eu acredito que a língua materna seja mais importante nesse caso. Eu acho que ele precisa mais desse ensinamento, a construção da palavra, entender o que ele está construindo, né? E não deter em outras coisas que não vão levar muito a frente. Acho que este momento para ele é o trabalhar com o texto, é ele conhecer todos os tipos de texto, as gravuras. Trabalhar com foto eu acho que na alfabetização eu devo pedir isso. Eu não posso exigir que ele venha escrever corretamente porque ele está construindo a escrita dele. Então, ele tem que descobrir os sons das letras que ele vai descobrir ali. Eu auxiliando, claro. Mas ele vai descobrindo por ele mesmo.

Suas aulas permitem que seu aluno se desenvolva nessa área? Com certeza.

As aulas do seu curso à distância ajudam você a desenvolver seu aluno? Em que medida? Como isso acontece? Dessa maneira que eu te falei. Eu acho que foi um encontro muito bom. Eu fiquei até conversando uma vez. Eu tenho uma amiga que já fez faculdade também e ela é psicóloga. E ela falou que aqui apesar de ser à distância, o currículo, as matérias e os assuntos tratados são muito melhores do que uma faculdade presencial. Eu tenho amigas que fazem o presencial de pedagogia e não tem a mínima noção do que a gente trata. Ah, isso assim, assim, assim de educação especial não sabe. Então, com tudo ainda acho que é bem melhor, né?

Suas aulas se modificaram depois do curso? Por quê? Olha, elas sempre foram meio diferentes eu nunca fui muito igual aos outros não. Por isso, eu sofro um bocado, mas

tudo bem. Mas modificaram sim na medida em que você troca experiência quando você convive com outras pessoas, quando você tem um material que te dá idéias e que mexe com a sua cabeça. E, faz com que você pense. Não posso fazer isso assim mudar aqui então a partir do momento em que vão colocando minhoquinhas que dão para você mudar mais do que você já faz.

E suas avaliações? O que você prioriza, hoje, ao avaliar seu aluno? Se ele está construindo a escrita dele, se ele está sendo uma criança que tem o direito de participar das atividades em sala. Se ele está, não se ele sabe ler e escrever para ir para uma primeira série. Isso não. Eu tenho alunos que não estão escrevendo, mas que merecem estar numa primeira série e merecem ter a ajuda da outra professora para que consigam terminar o processo deles. Eu não fico medindo se sabe ler e escrever. Eu fico medindo se ele cresceu como criança se ele sabe dividir, se ele sabe os direitos dele, se ele empresta, se ele é amigo, se ele está num processo de construção. Ele está prestando atenção? Ele está relacionando ? É com S, com C ou com Z? Acho que é a avaliação como um todo, é ele ser cidadão. Não é só ele pegar as letras e colocar num papel.

Bloco I – Dados Pessoais

Nome Estudante F

Há quantos anos você leciona? 10 anos.

Que disciplina(s) você leciona? Em que série(s)? Qual a sua carga horária como professor(a)? Português, matemática, ciências, história e geografia. Atualmente na quarta série num horário só este ano, à tarde, mas já teve anos de trabalhar integral. Semestre passado, por exemplo, eu trabalhava integral.

Que avaliação você faz da sua escola? Uma escola pequena com poucos recursos materiais não tem laboratório de informática, não tem assim grandes áreas de lazer para as crianças. Tem só o básico mesmo: quadro, giz, carteira, livros. E, esse ano não tem para distribuir para as crianças. A gente só tem para usar em aula e nem tem assim para todos os alunos, tem para metade dos alunos, tem que sentar de dois em dois. Quando quero trabalhar alguma atividade do livro. Caiu a qualidade com relação ao ano passado.

E de seus alunos? Eu comecei tem pouco tempo, tem só três semanas que eu estou com eles. A primeira semana foi mais uma semana de adaptação, né? Mas, a partir desta semana eu já comecei a fazer uma sondagem e tal. Achei eles fracos de leitura e assim. Aí eles chegam a ter dificuldade para interpretar aquilo que o enunciado está pedindo e as atividades que a gente vai fazer. Principalmente, atividades assim que envolvem mais pensamento assim de interpretação, história e geografia. Em trabalhar aquilo ali eles já sentem um pouco de dificuldade não só de ler e interpretar, mas também de se expressar. Eu sinto que eles têm assim muito bloqueio quando você tem questões, atividades para fazer com suas palavras. É, tudo eles perguntam: “Está no texto?” É assim fez, copia, fez, copia, eles têm meio esse sistema e eu não trabalho assim.

Fale um pouco sobre as suas condições de trabalho? Olha, eu trabalho bastante em cima desses livros porque eles têm muito assim essa parte de reflexão, história e geografia. Tem lá um conteúdo, né? Que a gente vai trabalhar mas na hora das atividades não é assim resposta tal, tal e tal. Sempre aquela coisa é pra chegar fez a pergunta e tem a resposta prontinha no texto. Os livros que eu uso tem aquela coisa pra analisar, pra comparar, pra ir buscar em outros materiais. Então, é basicamente assim que eu trabalho português também. Muita interpretação, muita produção de texto de várias maneiras, né? E esse ano eu sinto que as crianças têm bastante dificuldade, receio de ler, né? Aquela parte oral de ler na frente, tem vergonha das outras crianças também pela idade. A gente sabe que eles têm 10/12 anos e eles têm aquela coisa de pagar mico, mas tem dificuldade. Acho que eles têm assim, são um pouco fechados. Eu estou com eles pouco tempo ainda não abordei vários assuntos, mas você vê que não é assim, não tem assim muitas idéias para mostrar ou não conseguem se expressar.

Bloco II – Sobre seu curso

O que o levou a fazer um curso de graduação à distância? Primeiro foi assim a gente precisa de ter o curso superior. Então, surgiu a oportunidade, né, do CEDERJ, um curso

gratuito, à distância, que favorece a questão de horário e tal. A gente faz o nosso horário. Então, o motivo principal foi esse de ter o acesso ao curso superior porque a gente só tinha essa opção de pedagogia foi meio que assim empurrado, né? Mas, chegando aqui eu vi que foi assim é muito mais interessante do que estar em um outro curso superior.

Com que frequência você vai ao pólo? Por quê? Olha eu só falto mesmo quando eu tenho alguma outra coisa para fazer assim que eu tenha que viajar, sair ou que esteja atrasada com algumas coisas lá do colégio, né? Sábado eu venho sempre. É difícil de eu faltar e dia de semana quando dá, eu venho. Mas às vezes você tem prova para corrigir, né? Esse ano é capaz de eu freqüentar mais porque eu estou com horário vago. Eu venho porque é bom, porque a gente coloca sempre uma discussão e daquilo ali a gente abre o vocabulário do material e, às vezes, é meio rebuscado e conforme a gente vai conversando aquilo ali as idéias vão clareando. Você troca experiência do dia a dia mesmo, gosto muito.

Com que frequência você entra em contato com os tutores à distância? Por quê? Só em época de AP porque às vezes você vem na tutoria e o tutor ali e chega na hora em que você vai fazer aquela revisão e geralmente a gente faz resumos, né? E a gente vai tirando os tópicos mais importantes. Aí, de repente, pinta ali aquela dúvida, às vezes, não tem mais tutoria e eu ligo para a tutoria à distância. Geralmente, é época assim perto das APs ou dúvida mesmo.

Como você avalia o material didático de língua portuguesa? É assim surpreendente porque quando eu peguei o material eu pensei assim que era gramática, como se trabalhar assim. Aí você pega e vem uma outra coisa, tudo diferente muito bom, mas me surpreendeu. Eu não esperava que fosse assim.

Você já utilizou, na prática, alguma das atividades propostas no material didático? Eu já tinha feito no ano passado um trabalho com literatura de cordel. Depois eu fui ler o material e tinha ali alguma coisa com cordel. Essa parte de produção de textos sempre o que dá para gente aproveitar. Às vezes, você está trabalhando alguma coisa assim que está muito próxima, dá para aproveitar.

Numa escala de 0 a 5, que nota você daria para o seu curso? Quatro e meio.

Liste, em ordem de prioridade, as dificuldades encontradas no curso. Puxa, é questão do horário de tutoria. Às vezes é meio confuso e a gente, às vezes, chega aqui sem saber que vai ter. Às vezes você pensa que tem e não vai ter. No outro semestre, a gente tinha só dia de semana depois mudou para sábado. Aí depois ficou sábado e um dia de semana. Aí você ficava um sábado e um dia da semana com aquele horário, depois ficava quinze dias sem ter. Não era assim. Mais de uma vez no semestre passado a questão do horário ficou meio confusa. Sinto falta de ter uma xerox aqui, você ter que ir lá longe tirar uma xerox. Às vezes, alguma informação de nota vem em cima da hora para você fazer AP 3, você saber se vai fazer ou não. E o calendário, acho terrível esse calendário de ter que estudar janeiro. O pessoal fala assim “-Pô, mas você já está cansada?” Estou sim estudei janeiro todo. Eu fiz minha última AP 3 agora de estágio.

Então, eu gosto de estudar, gosto de revisar. Então, janeiro eu fiquei estudando. Do calendário, eu não gosto.

Bloco III – Língua portuguesa e trabalho

Em língua portuguesa, o que você considera ser fundamental que seu aluno saiba? Eu acho que ele consiga se expressar bem oralmente que ele consiga organizar seu pensamento, que ele consiga escrever, passar aquilo pro papel, que ele consiga ler um enunciado e entender aquilo ali aparte de interpretação e a parte de gramática que agente vem estudando ao longo do tempo. Eu acho que é importante ele saber usar aquilo ali na hora em que ele precisar.

Suas aulas permitem que seu aluno se desenvolva nessa área? Suas aulas se modificaram depois do curso? Por quê? Eu procuro fazer que sim. A minha turma, eu trabalho numa comunidade muito carente e eu vejo assim que não tem motivação da família, tipo assim não dá aquele valor para a escola. Você sente que são aqueles pais que não tiveram essa oportunidade, né? Então, é às vezes você propõe umas coisas diferentes: produzir um texto parece que eles não enxergam o valor daquilo ali. Sabe, não chega a entender aquilo ali o que vai desenvolver. Eu gosto muito de trabalhar produção de texto e tal, mas eu vejo muita má vontade das crianças por não ter essa coisa, não tem acesso a livro, revista. Você sabe que não tem, não lê jornal. Então, eu procuro buscar um pouco dessas brincadeiras e tal para que eles possam escrever aquilo ali para ir abrindo essa visão de mundo deles, mas você que eles não têm motivação para isso tem que ir buscando assim mesmo. Às vezes, você tem que obrigar a fazer uma produção de texto e pra mim, é horrível, doloroso.

As aulas do seu curso à distância ajudam você a desenvolver seu aluno? Em que medida? Como isso acontece? Ajuda muito porque me formei professora em 93 e não lecionava, eu trabalhava em outra área. Aí quando eu entrei agora eu tava assim quase que zerada, eu não sabia nada as mudanças essa parte da construção, de você trabalhar o cotidiano do aluno, buscar o aluno para trabalhar, entendeu? Essa visão, então, eu comecei parece que os meus olhos se abriram. Então, falei: “- Poxa, o mundo mudou, né?” Então eu acho que bastante, muita coisa por eu estar muito tempo fora. Eu me formei e fui para outra área. Aí quando eu voltei pensei que estava tudo igual. É lógico que a gente vai trocando experiência com os colegas, mas o curso eu acho que eu comecei a crescer muito.

E suas avaliações? O que você prioriza, hoje, ao avaliar seu aluno? Avalio diferente tem a prova bimestral que a gente tem marcada no calendário para fazer de todas as matérias, mas eu não avalio só ali eu tenho outros tipos de avaliação. Tem a avaliação quantitativa também qualitativa, né? Comportamento, a participação daquilo que o aluno produziu. Isso tudo já proposta pela escola, mas tem todo, assim, outros tipos de trabalho que eu proponho de acordo com a seqüência que a gente vai fazendo e que eu proponho de acordo com a seqüência que a gente vai fazendo e que eu utilizo para avaliarem. Todo dia a gente está avaliando, olhando o aluno, vendo ali o interesse, a dificuldade. Eu acho que a avaliação tem que ser direta.

Bloco I – Dados Pessoais

Nome Estudante G

Há quantos anos você leciona? Que disciplina(s) você leciona? Em que série(s)? Qual a sua carga horária como professor(a)?

teria que pagar passagem, lanche. Teria que chegar muito tarde em casa, teria que ver com quem a minha filha iria ficar e aquela coisa toda. Fator tempo, por ser em casa e também por ser um recurso mais assim acessível porque o livro é a preço de custo.

Com que frequência você vai ao pólo? Por quê? Neste semestre, eu não estou freqüentando muito porque eu estou com uma dificuldade de locomoção. Eu não moro aqui no centro da cidade. Eu moro em outro distrito de Friburgo, mas eu estou sempre em contato. Ligo para cá, ligo para a tutoria à distância, para as minhas amigas. Eu estou sempre me informando com o que está acontecendo, Né? Mas quando eu tenho aquela necessidade extrema mesmo, eu dou um jeitinho de vir.

Com que frequência você entra em contato com os tutores à distância? Por quê? Quando surge dúvida, quando é aquela dúvida, dúvida muito grande e eu sozinha não estou conseguindo e aí eu tiro a dúvida com o tutor. Isso quando a gente consegue também. Isso é uma dificuldade muito grande: ocupado, ocupado, ocupado e você não pode ficar pendurado o dia inteiro no telefone. Eu já falei com o tutor à distância do meu trabalho na hora do recreio. Aí tem aquele barulho e você não consegue. Aí você chega em casa e passou a hora da tutoria e durante a manhã você não pode ficar pendurado no telefone porque tem almoço para dar para o filho. Aquela coisa, é difícil mas quando consigo eu sou bem atendida, consigo tirar minhas dúvidas. O pessoal é bem legal.

Como você avalia o material didático de língua portuguesa? Excelente. Eu acho assim que no início eu tive um pouco de dificuldade por escrever texto científico. Não foi a formação que eu tive na redação. Então, foi essa a maior dificuldade que eu tive, mas eu fui perdendo o medo. A coordenadora da disciplina quando esteve aqui, o tutor presencial também excelente. E a coordenadora mostrou para a gente com aquele jeito carrancudo dela, né, que colocou todo mundo apavorado. A coordenadora mostrou para a gente, né, que a gente era capaz que a gente tinha mesmo que ler, se informar e não ter medo de escrever, sempre procurar escrever, escrever e justificar aquilo e de que maneira, de que forma, se a gente estava escrevendo de forma muito vaga. E, em determinada maneira a gente não sabia escrever. Então, eu venci os medos. Ela chegou a me dar dez numa prova e eu fiquei pulando de alegria, quer dizer, eu superei aquele trauma que eu tinha, eu superei. E adorei!!! E acho que a disciplina é isso aí. É difícil quando a gente não conhece. AH, é tão diferente quando eu entrei na faculdade minha lente abriu tanto! Você morre de medo de vir, né? Ai meu Deus do Céu, eu não vou conseguir. Porque a realidade do curso normal que eu fiz foi de um jeito, entendeu? Eu vim para a faculdade, estou estudando, minha mente está abrindo. Você começa a ver as coisas de outro modo. Muda seu jeito de trabalhar, de preparar uma atividade e é outro como muda. Meu Deus do Céu, oportunidade única que eu estou tendo nesta minha vida e não abro mão dela de jeito nenhum.

Você já utilizou, na prática, alguma das atividades propostas no material didático? Já. Essa correção mesmo. Como se elabora uma prova, as questões e como aceitar a resposta do aluno, de que maneira você vê isso porque aquela coisa de dar a resposta completa porque às vezes a criança não bota tudo. Mas ele foi objetivo ali entendeu o que tinha sido pedido e aquela subjetividade do aluno também. De que maneira ele está pensando para não confundir a cabeça da criança porque às vezes dá uma resposta que

o que você fala está errado não é isso que está no texto, mas espera aí como é que estava a sua questão, né? Está errado do jeito que ele entendeu, pergunta. O professor é que não sabe formular a questão, né? É o jeito que ele tem é a vivência diferente. Ele vê uma coisa no comercial, na televisão, ele assiste a um comercial de TV e a realidade dele não é essa. Agora, a visão de mundo que ele tem e de acordo com a realidade que ele tem as outras crianças têm Internet, têm computador, outra realidade que vê as coisas de outra maneira, de outra realidade. O que não impede que ele cresça e veja de outra maneira, mas aí tem a questão da informação que ele tem que receber, discutir.

Numa escala de 0 a 5, que nota você daria para o seu curso? Tem que ser de 0 a 5? Que loucura! 5 Aqui a gente tem dificuldade de certas coisas. Acho que o acesso ao pólo este morro. A gente não tem transporte gratuito e mesmo que fosse pago Agente não tem uma vã que traga o pessoal. Acho que isso desmotiva também o custo no caso. Eu moro longe com gasolina é um absurdo! Agora, aqui não tem xerox e a gente tem como recurso ir lá no centro da cidade para pegar xerox de AP, de textos seja lá o que for de nota. Então, tem essas dificuldades. Agora aqui é muito bom a coordenadora daqui é excelente, Fátima. Nossa Senhora! O pessoal que ajuda na internet, os tutores. Temos problemas. A gente precisa de livro não tem para comprar.

Liste, em ordem de prioridade, as dificuldades encontradas no curso. A dificuldade é essa falta de material em termos de pesquisa. Indica a leitura e não tem acesso, não tem como. Agora, o acesso ao pólo é difícil e por essas dificuldades é que às vezes acontecem outras tipo assim para ter informação que não dão certas informações por telefone. Nota por exemplo. Se eu ficar em AP3 não passam a nota por telefone, na? Então as notas demoram a sair fica aquela coisa em cima da prova. Como é que eu vou estudar para quatro ou cinco matérias que eu acho que fiquei. Vou ler dois, três livros para estudar quando eu poderia estar estudando a matéria exata. Eu acho que a demora na nota tanto de AD quanto de AP, principalmente na AP 3.

Bloco III – Língua portuguesa e trabalho

Em língua portuguesa, o que você considera ser fundamental que seu aluno saiba? Interpretar o que lê. Independente de ser texto escrito, imagético uma arte, o que importa é a visão que ele tem daquilo. Ele sabe descrever, sabe relatar, mas de acordo com a vivência de cada um, né? Lê no dia a dia, uma notícia no jornal. Saber interpretar aquilo direito.

Suas aulas permitem que seu aluno se desenvolva nessa área? Permite porque a gente trabalha com projetos, né? Então, tudo é inserido dentro do projeto o que o aluno, a gente procura, pede ao aluno para pesquisar, para trazer notícia de jornal que ele de repente teve acesso para aquele tema, né? Leva também e sempre trabalha com a opinião do aluno, fazer o aluno falar estando certo ou errado, né? Estar sempre fazendo o que o aluno exponha suas idéias. No meu tempo não tinha isso, você tinha que ouvir e ficar quieto, concordar com tudo o que o professor dizia. A escola não estimulava a dar opinião crítica do aluno para ele perder esse medo de falar e de escrever.

As aulas do seu curso à distância ajudam você a desenvolver seu aluno? Em que medida? Como isso acontece? Ajudam porque você começa a ver a coisa de outro jeito, de outra maneira ajuda aí porque a gente fica defasado tem que estar estudando e o curso do CEDERJ é muito bom, muito bom. Você acha que está bom daí a pouco o CEDERJ busca está aparecendo outra coisa, muito bom mesmo. A maneira como você trabalha de repente matemática com o seu aluno eu já trabalhava um pouquinho com aquilo, um parquinho, mas não era o suficiente. A gente recebe muita informação, muita coisa que você diz poderia estar trabalhando desse jeito. Vou tentar trabalhar desse jeito. Com esse negócio de ciclo e projeto que a gente começou a trabalhar de oito anos para cá. Nossa! Tudo mudou muito. Não foi só o professor, né? Quem tinha que mudar era diretora, direção da escola porque antes você mudava a carteira de lugar, a sala ficava um pouquinho agitada e “olha lá, a professora... Que zorra que é a sala dela.” Mas mal sabia o que estava acontecendo ali dentro. Ela não tem controle de turma. Não é por aí. Hoje em dia, não! Na escola, ninguém trabalha com carteira enfileirada mais ou é em círculo ou em rodinha, mas nunca um atrás do outro.

Suas aulas se modificaram depois do curso? Por quê? Mudou o jeito de avaliar, o jeito de você dar as coisas. Eu sempre trabalhei muito assim com aula prática. Você mostra os jogos sem decoreba, sempre contextualizo, trabalho com um texto, mas com uma coisa diferente para o aluno.

E suas avaliações? O que você prioriza, hoje, ao avaliar seu aluno? O objetivo não é ver erros de grafia nada disso. Eu quero ver a compreensão que ele teve daquilo ali e se ele conseguiu ler nas entrelinhas de repente de um texto. Ampliar o conhecimento que ele já tem. Eu estou avaliando lógico tem que escrever corretamente sim, mas isso não é o que eu privilegio. Vejo a idéia dele, ele quis falar da família dele se tem seqüência lógica naquilo ali e a opinião dele sempre é o que a gente tem que valorizar.

Bloco I – Dados Pessoais

Nome Estudante H

Há quantos anos você leciona? 20 anos

Que disciplina(s) você leciona? Em que série(s)? Qual a sua carga horária como professor(a)? Agora de cinco anos para cá eu voltei para o ensino fundamental primeiro segmento do ensino fundamental. Eu já trabalhei de quinta a oitava série e tive uma experiência também no ensino médio. Eu comecei uma graduação em matemática uma vez e não continuei por questões financeiras porque era uma faculdade privada e eu tive que interromper. Até onde eu fui na faculdade me deu licenciatura para isso e eu depois complementei com aqueles estudos adicionais. Minha carga horária é de 22 horas.

Que avaliação você faz da sua escola? A escola em que eu trabalho é uma escola muito comprometida com a educação, né? A gente tem assim o privilégio de toda a equipe ser formada por professores graduados, entendeu? Literalmente assim da educação infantil até a sexta série que é o que tem na minha escola. Então, assim o nível de diálogo lá dentro já é outro e são pessoas que normalmente ainda continuam, mantêm uma formação continuada. Estão assim, é muito, a nossa equipe pedagógica é bastante atuante, né? Eu assim, eu fui pra essa escola no ano passado e realmente foi um privilégio porque as experiências anteriores forma mais complicadas.

E de seus alunos? A gente, por exemplo, este ano especificamente eu estou sentindo bastante é, estou bastante surpresa com a turma que eu peguei porque eu trabalho com o terceiro ano do primeiro ciclo, né? Eu estou bastante surpresa com essa turma porque estão assim apresentando um ritmo de trabalho bem menor. Quer dizer, eles estão com mais dificuldade para se adaptar, né? Ao ritmo que eu até então ano passado trabalhava. São crianças que vêm assim apresentando mais dificuldades familiares, entendeu? Problemas familiares que vêm assim interferindo muito até na frequência, por exemplo, assim eu tenho um aluno que a mãe dele acha um absurdo uma criança estudar cinco dias por semana. E aí ela manda o menino assim uma vez por semana, duas. E é um comportamento que vem se arrastando desde a escola infantil. E várias atitudes já forma tomadas e até em nível de conselho tutelar. Aí, ela disfarçadamente dá uma equilibrada, uma maquiada na situação e depois ela retoma o comportamento novamente. Então, ele é assim, é uma criança que chegou no terceiro ano do segundo ciclo sem ainda reconhecer a primeira sílaba do nome dele, entendeu? Então, está assim uma turma talvez muito defasada com situações muito particulares e diferenciadas que vêm interferindo assim com bastante severidade no desenvolvimento do trabalho, sem dúvida.

Fale um pouco sobre as suas condições de trabalho? As minhas condições físicas de trabalho elas são limitadas porque é uma escola pequena até porque é um prédio muito antigo. É um prédio que não foi construído para funcionalmente ter uma escola. É um prédio que foi cedido e a escola foi adaptada dentro desse prédio. Então, a gente tem a situação das salas superlotadas, né? E pouca ventilação e n período agora de calor a gente fica assim mais desgastado dentro de sala as crianças também ficam no

favorecimento de fazer uma, até uma arrumação na sala de aula devido assim. Tem que ficar naquela coisa da fila indiana porque o número de alunos não me permite fazer esta mobilidade porque até o ano passado eu podia fazer isso e agora eu não posso mais. A escola tem um espaço livre para recreação também um pouco limitado pelo número de turmas que tem você só pode sair uma vez por semana com as crianças, fazer uma atividade recreativa independente de você estar dando determinada disciplina ou não mas mesmo assim de vez em quando a gente tenta apelar. Eu já fiz atividade no meio da rua para poder trabalhar ADJETIVO ano passado eu fui para o meio da rua. Então, é a gente faz o que pode, ma o espaço físico da escola é bastante limitado. É bem conservada assim a escola está sempre muito limpinha. Eles pintam todo ano. O mobiliário é insuficiente, mas a gente vai fazendo aqueles malabarismos que o professor acaba tendo que fazer mesmo, né? Agora as condições pedagógicas elas são realmente muito favoráveis porque como eu já disse é uma equipe assim bastante comprometida. A orientada pedagógica é assim muito atuante está sempre deixando sugestão faz assim rigorosamente o acompanhamento do nosso planejamento. Uma orientadora educacional presentíssima, né? Qualquer situação que você tenha ela é atuante, corre atrás se tem vaga. Algumas situações de parceria que a escola instituiu assim com sala de recursos com a Universidade Estácio de Sá, com formandos de psicologia que estão nesta fase de estágio. Então, ela cava todas as situações possíveis para poder atender as necessidades das crianças, entendeu? Então assim pedagogicamente é uma escola privilegiada neste sentido. Uma equipe muito comprometida.

Bloco II – Sobre seu curso

O que o levou a fazer um curso de graduação à distância? O que me levou a fazer um curso de graduação sempre foi um desejo de melhorar minha condição enquanto profissional. Não era pedagogia o que eu pensava pra mim. Não era. Eu tinha até assim um pouco de resistência com relação a pedagogia porque especificamente Nova Friburgo nós temos sem citar, dar nome aos bois, nós temos uma faculdade aqui em que, infelizmente, acaba formando uma quantidade de profissionais em massa e a gente assim tem a oportunidade de estar trabalhando com essas colegas e a gente não vê que não é assim. Lógico tem um critério, uma certa linha, mas assim você vê que assim não é num melhor nível, não é numa melhor condição. Essas pessoas são lançadas dentro do mercado de trabalho, mal formadas. Não estou querendo entrar assim no mérito de fazer comentários sobre o trabalho da faculdade na verdade, mas é assim uma faculdade que barateia o custo do curso de pedagogia, né? E tem umas relações políticas que envolvem as relações com esta universidade e assim o professor que é ligado à rede municipal tem tanto de desconto. Então, quando você vê está fazendo um curso de graduação para se tornar uma pedagoga por R\$ 120, 00 por mês, entendeu? E a gente sabe que isso aí quem acaba pagando é a gente mesmo, né? Porque não tem uma formação. Eu tenho a oportunidade de conhecer assim algumas profissionais, tem professor bom, mas tem outros que eu conheço e tenho amizade, mas que... Então o que aconteceu quando essa produção em massa de pedagogo porque Friburgo é um pólo universitário, né? A gente tem assim uma quantidade de universidades e faculdades que fez com que várias pessoas passassem a vir fazer faculdade aqui ew nós que somos daquei, já estamos aqui, qual é a nossa formação básica normal em Friburgo? Quem estudou a vida inteira em Friburgo? Fez o ensino médio, fez o curso de formação

de professores e depois foi para a faculdade. As duas que nós tínhamos aqui, antes de vir o CEDERJ para cá, antes de vir a Estácio de Sá. A gente tinha o quê? Era odontologia e duas de pedagogia e uma dessas também de administração de empresas. Então, a gente ficou assim meio que refém dessa produção em massa de pessoas mal formadas. E, isso me causava uma certa resistência porque eu sempre falei. Quando eu tive que interromper o meu, o meu primeiro, a minha primeira graduação, eu falei bom se eu tiver que ir para essa universidade, eu prefiro ficar como eu estou. Porque eu sempre fui muito curiosa. Eu sempre gostei muito de ler, me informar e eu, às vezes, eu me sentia muito mais bem informada. Numa posição assim de correr mais atrás de uma melhor atitude profissional do que estas que estavam dentro da faculdade. E, aí eu me mantive até então. Quando surgiu o CEDERJ em Friburgo e aqui a gente só tem a opção de pedagogia. Tem uma cidade muito próxima daqui que é a cidade na qual eu nasci tinha o curso de matemática, mas isso me faria, geraria, um custo que eu também não teria como arcar, de tutoria, aquela coisa toda. E eu falei bom, e eu sem alternativa, eu resolvi pôr pedagogia mesmo e fiz um vestibular, prestei um concurso, passei e vim resistente não era exatamente, não era a minha opção. Mas aí, realmente, à medida em que eu iniciei o curso é eu tomei uma outra visão, uma outra dimensão, perspectiva inclusive profissional. Porque eu literalmente me apaixonei pelo curso, entendeu? Sou muito envolvida e quer dizer não foi por opção, foi por acaso e acabou acontecendo da gente se afinar eu e a pedagogia.

Com que freqüência você vai ao pólo? Por quê? Eu venho o máximo de vezes que eu posso inclusive durante a semana porque eu sou uma pessoa que gosta muito de trocar idéia. Eu gosto muito de ouvir também. Eu acho que esse contato com o tutor presencial ele é muito rico e faz falta. O ensino à distância é uma coisa extremamente nova, né? Para gente é muito novo e a gente fica assim, a gente não tem ainda, toda segurança de que se a gente está raciocinando exatamente dentro daquela expectativa da linha, da proposta da universidade. Então, assim eu sinto que me traz uma certa segurança e às vezes pela própria rotina de oportunidade de ficar lendo todos os módulos até o final e a tutoria presencial por esta troca a gente acaba conversando sobre a matéria de um modo geral, gravo, levo para casa, ouço, faço minhas anotações. Vou buscar uma determinada referência numa determinada página do módulo. Então me ajuda muito dentro do meu processo de estudo também, por isso, eu venho e venho o máximo de vezes que eu posso.

Com que freqüência você entra em contato com os tutores à distância? Por quê? Eu entro em contato com a tutoria à distância sempre que não me, que o horário de tutoria presencial, não me é viável. Aí eu entro em contato com a tutoria à distância pelo mesmo motivo para poder assim me certificar, né? Se eu o que eu estou pensando, se eu estou indo pelo caminho correto, né? Para poder tirar dúvida mesmo.

Como você avalia o material didático de língua portuguesa? Eu sou muito suspeita para falar de LP porque foi assim uma disciplina que eu adorei. Nunca fui muito boa para memorizar e conseguir assim destrinchar uma oração e fazer a análise sintática dela. Nunca fui muito boa, mas eu sempre fui uma pessoa com muita facilidade de oratória, entendeu? E, isso de certa forma se refletiu na minha escrita, né? E a língua portuguesa dentro do nosso curso ela proporcionou isto o tempo inteiro. E como eu também sempre

fui uma pessoa muito politizada, não de forma partidária. Você passa a enxergar a questão do poder da língua. A palavra foi uma coisa que eu já vi, que era, que fazia parte de mim. Eu tinha um pouco aquele perfil ali que é retratado pela minha facilidade de oratória. Eu sempre tive características, às vezes, de liderar. Fui representante de turma e qualquer coisa as pessoas me chamam. Então, assim, eu me identifiquei muito com o tipo de questionamento que foi feito dentro da disciplina de LP e assim não foi fácil porque a gente tem um curso que é à distância, mas que acaba assim exigindo muito mais da gente, mas foi assim muito bom. Muito enriquecedor e eu sou suspeita porque me dedicava assim com o maior prazer porque eu gostava muito.

Você já utilizou, na prática, alguma das atividades propostas no material didático? Todas as que foram possíveis. Aliás isso foi assim um ponto muito grande de estímulo para mim entender porque a medida em que a gente toma conhecimento de uma estratégia, de uma forma nova de lidar. Acho que é impossível de você ficar passiva não tem como assim a pessoa com um mínimo de curiosidade mas a gente tem que ver se isso funciona bem com pouquinho daí eu comecei em pequena mesmo, entendeu? Botei um pinguinho daí começou a surtir efeito e aí assim tudo que ela discutiu daí também essa importância. Eu tive um privilégio assim também de ter um tutor que é uma coisa de outro mundo, uma pessoa muito comunicativa, incentivador. Ele é realmente assim nota dez. E ele me estimulou e me ajudou assim. Então, a gente trocou muito bem nossas figurinhas e eu trazia e ele via o resultado do que eu estava fazendo e assim tudo que foi possível a gente ir abarcando e que surgia de possibilidade de sugestão dele e aí espera aí você está falando, mas na aplicabilidade como é possível fazer? E ele dava um toque, eu ia lá acabava de dar minha ajeitada e tudo que foi possível. Eu apliquei tudo.

Numa escala de 0 a 5, que nota você daria para o seu curso? Sem pensar nas dificuldades que nada pode ser perfeito, no nível do curso, na questão da preparação, né, para o profissional, sem sombra de dúvida, nota cinco.

Liste, em ordem de prioridade, as dificuldades encontradas no curso. Olha eu não sei se eu vou ter assim agora todas em mente porque você pode estar certa de que tudo o que eu falei a favor do curso eu devo ter na mesma proporção as minhas críticas, né? Sem dúvida nenhuma. Existem situações de dificuldades que estão relacionadas especificamente ao pólo aqui. Algumas outras que se estendem as coordenações, né? E aí eu não sei. Eu vou tentar agora assim pensar, agora de reflexo. Eu acho que assim o período de três anos para o volume de informação que a gente tem eu às vezes fico com a sensação de que a gente passa meio que muito rápido por certas coisas, entendeu? Acho que nós poderíamos melhor saborear algumas disciplinas, entendeu? E acho também um crime só ter LP até o segundo período porque pela própria, por exemplo, agora no terceiro período. A gente tem uma questão de estágio, nosso estágio. Ele está todo em cima das atividades de estruturação de aula. E acho que LP seria assim uma disciplina, porque o curso é todo interdisciplinar. Então, se houvesse condição de a gente juntar, fazer uma LP3 para nos auxiliar nesta estrutura do estágio. Assim, eu acho que seria bastante legal, muito interessante. Então, eu acho que o tempo que a gente os três anos no meu ponto de vista faz com que a gente passe por algumas coisas com muito corrida. O nosso calendário é alguma coisa assim de enlouquecer qualquer sujeito, me desculpe. Até este termo que eu vou usar chulo demais, mas eu acho este

calendário animalesco porque eu assim, eu inclusive coloquei, fiz assim uma referência bem próxima a ela no meu relatório de estágio do semestre passado que a gente o tempo inteiro dentro do curso nos é assim ressaltado. A questão de ouvir a fala do aluno, reconhecer o que este aluno traz. Ele já tem uma história dele, entendeu? Ele tem uma história de vida e isto tem que ser considerado e eu acho isto muito teórico dentro da UERJ. Isto é uma teoria e fica aquela coisa meio assim. Faz o que eu falo, mas não faz o que eu faço. Porque a gente enquanto profissional deve proporcionar isto ao nosso aluno, mas nós como alunas não temos, recebemos, o mesmo tipo de comportamento dos professores e coordenação pelo menos quanto ao calendário. E que porque eu falei isso a maioria destas primeiras turmas que estão se formando aqui 90% dos alunos estão dentro de sala de aula. E, é claro que a gente reconhece que não dá para a gente ficar abarcando particularidades, mas assim o fato de você estar dentro de sala de aula, da gente estar tendo que lidar com proposta de trabalho é nova a questão do ciclo. Isto tudo está trazendo também para a gente um volume de trabalho muito maior do que era a alguns anos atrás. Então, quando você se vê, você recebe uma AD com quinze dias para você organizar, mas você às vezes trabalhou um dia inteiro, né? Você tem sua vida. A maioria tem família, tem filho, casa, marido, muito igual, situações muito iguais. Eu acho que ainda falta um pouco. Aí é que eu entendo que os três anos é pouco. E nesse aspecto também porque se a gente pudesse esticar um pouco mais o nosso período de permanência aqui nós poderíamos fazer as ADs e as atividades normais de estágio de uma forma mais tranqüila. Não estou querendo assim dizer que é fazer, sabe esperando um tempo. Dá tempo me dá um mês, não! Mas é por exemplo você tem que entregar a AD num determinado dia, mas você tem que entregar todas as ADs, né? Pelo menos do semestre passado para cá o comentário que a gente vem fazendo aqui dentro é que as ADs, elas estão muito extensas e você às vezes lê o módulo, mas tem que voltar, rever e a própria estrutura em que a AD nos é cobrada ela faz com que além do conhecimento teórico que foi estabelecido no módulo. Você tem que ter seu posicionamento. Você tem que ter uma visão crítica que é a própria característica da proposta pedagógica sociointeracionista. Então, quer dizer, a gente acaba ficando muito espremido, massacrado. E eu acho que isso assim, talvez a médio prazo poderia ser revisto. Sem desconsiderar o volume de preocupação, trabalho, que a própria UERJ tem. Porém, eu acho que deveria ser revisto porque pesa muito e assim não existe o menor tipo de negociação. Esta coisa de ensino à distância tem que ter regras diferenciadas, sem sombra de dúvida. Eu, por exemplo, passei no primeiro período quando a gente tinha que fazer a entrega das primeiras ADs em processo de rascunho e dois dias antes meu marido foi parar no hospital com uma hemorragia. Ele estava com uma cardiopatia gravíssima e ficou por um fio. E eu naquela ansiedade de primeiro período. Naquela coisa, meu Deus, tem que fazer, tem que entregar. Você evita até certo ponto na produção das ADs e eu tentei negociar que eles, por exemplo, me dessem pelo menos mais um dia e não tem, não tem ou entrega no dia em que falou ou você vai ficar sem seu percentual que a AD te proporciona. Acho isso assim um rigor extremo. Até porque eu tinha todo um respaldo de declaração clínica, internação do meu marido. Eu tinha como provar que eu estava passando por uma situação de altíssimo melindre, entendeu? E eu achei assim que tinha que fazer e fiz com o meu marido dentro do hospital, fiz as ADs todas, entreguei tudo. A medida em que o tempo foi passando eu fui percebendo que eu tenho que respeitar o meu limite, que é imprescindível fazer AD eu também acho que é. Porque eu fiquei no semestre passado

com o risco de ir para uma AP 3 porque eu fiquei com 59 de média em didática e me faltou um décimo de uma AD. Então, deixar de fazer AD eu acho péssimo negócio. Ajuda muito e colabora para você de repente fechar o semestre só que realmente eu assim no meu ponto de vista acho massacrante assim a estrutura porque a AD o tempo que a gente recebe o período que a gente tem para produzir as ADs. Um outro aspecto que a gente estava até comentando agora a pouco o estágio, o estágio virou um suplício na nossa vida porque a UERJ, o CEDERJ começa a computar como período de estágio na aula inaugural no dia 19 de fevereiro deste semestre nós iniciamos nosso período letivo. Só que nós só recebemos o material de estágio quinze dias depois e nós temos quinze dias para produzir toda uma quantidade de material que a gente está perdida ainda. E, não existe a menor possibilidade de prorrogação quando você faz estágio⁹⁷. Você não fica dependente só do seu tempo. As entrevistas que tinham que ser feitas semestre passado em estágio 1, né? Eu dependia das pessoas poderem parar e me cederem o tempo para eu fazer a entrevista, entende? E eu tinha que entregar tudo no dia 27 de novembro e eu não me esqueço disso porque aconteceu uma situação neste dia para mim. E, eu só consegui fazer a entrevista colada nesta data. Até eu pegar a gravação, transcrever aquilo lá dentro do padrão que me é solicitado. Gente, eu não faço isso de um dia para o outro porque eu tenho uma rotina de vida. Eu trabalho, eu tenho um filho adolescente que está naquelas situações. Eu sei que é uma situação particular, mas o que realmente me espanta, me surpreende é não haver a sensibilidade. Eu vejo como falta a sensibilidade é de saber que estas coisas são presentes na vida das pessoas. Então, assim esse alargamento. Porque é que quando eles não tiveram tempo de aprontar a AP 2 no período que tinha sido previsto por eles, eles transferiram. A nossa AD não pode ser transferida nunca, mas quando não houve tempo da UERJ, da coordenação preparar a nossa AP 2 de Estágio foi transferida. E aí me colocaram uma AP 3 para ser a gente não pode ficar aqui até as dez da noite porque o acesso é complicado. Tem o problema dos cachorros, né? Essa coisa à distância aqui, a gente, né? Mas essa coisa da AP3 não foi nem meu caso porque eu realmente tenho procurado me empenhar, me esforçar bastante, mas eu vi amigas minhas tendo que vir fazer AP3 de estágio de sete e meia a nove e meia da noite. Então, assim o que realmente me espanta, me surpreende neste processo é que quando tem que ser ajustado para o lado da UERJ, para o lado do CEDERJ é feito. Agora quando é para ser revisto, para procurar amenizar, e eu não estou dizendo facilitar. Não quero nada de mão beijada, caindo do céu, mas assim que este aspecto é que situações privadas nós passamos, nós temos e não são consideradas. Então, assim o calendário é uma coisa que me incomoda muito. Eu estou aqui no terceiro período e até agora venho conseguindo passar, mas a gente não sabe até quando a nossa resistência vai se estender não. Eu acho o calendário bastante ruim e podia ser revisto. E uma outra dificuldade que já é referente ao pólo e agente vem tentando assim é pelo menos falar, não deixar esquecido realmente é quanto ao nosso acesso aqui, né? O espaço aqui é maravilhoso. A diretoria do pólo aqui vem assim se esmerando em adequar da melhor forma possível o nosso conforto, vendo tudo para a gente aqui. Mas a gente tem um caminho para chegar até aqui. Realmente um caminho, um percurso que tem que ser feito que é quase que

⁹⁷ Na verdade, o adiamento da prova de estágio tem relação direta com o não recebimento do material de apoio pelos estudantes. Essa foi uma estratégia pedagógica utilizada pelos coordenadores e tutores da disciplina que tinha como objetivo evitar a punição dos mesmos em decorrência de problemas burocráticos.

inviável, né? Você não tem a tranquilidade de poder contar em subir isso aqui andando porque é impraticável, é absolutamente impraticável e a gente lamenta muito não saber. Já foi nos dada várias justificativas que existe todo um trâmite burocrático, legal mesmo dentro da estrutura estadual. E acho assim enquanto que as discussões continuam. Nós continuamos tentar uma Kombi, consegui uma carona. Já subi isso aqui literalmente em cima do malote da Kombi do correio. Uma perua, uma Kombi estava subindo. Eu, realmente, sou rata de tutoria presencial e eu estava lá embaixo no pé do morro e o motorista da Kombi do correio não deve ter sido eu o primeiro caso dele e não tinha lugar na frente, no banco para eu me sentar e atrás estava abarrotado de malote e ele falou assim: “ Quer se jogar aí em cima?” E eu falei: “_É, só se for agora. Aí eu me joguei em cima do malote e subi, subi. Então a gente tem assim estas aventuras para chegar aqui. Com certeza, a gente tem outras situações de dificuldades mediante ao curso, mas agora a princípio o que me bate, o que me recordo prioritariamente seriam estas duas coisas.

Bloco III – Língua portuguesa e trabalho

Em língua portuguesa, o que você considera ser fundamental que seu aluno saiba? Se comunicar, tá e assim a primeira coisa é se comunicar mesmo. A segunda coisa é se comunicar de forma mais clara e correta possível e saber utilizar todas as formas de comunicação possível. A gente tem aí uma gama de situações, situações não, de atitudes de comunicação como a gente já teve oportunidade de ver dentro da própria disciplina e ele se comunicar e também conseguir se permitir receber a comunicação do outro, né? Porque só se comunicar não, só ficar falando e transmitindo. Você também precisa entender o outro, a fala do outro, né? Quando a gente está trabalhando a questão. Eu me lembro que uma época em que a gente trabalhou com o texto imagético. Foi um momento único na minha turma. Quando eu tive a oportunidade de trabalhar e saiu aquela questão, não tinha uma letra. Tive que pesquisar textos que tivessem o nível da minha turma e como aquilo se traduziu em palavras e foi muito legal. Porque na turma do ano passado por não poder considerar ainda esta turma por estar muito no começo se eu conseguir metade do que eu consegui ano passado eu já vou sair dando pulos. Foi muito interessante que na minha turma do ano passado já era possível ouvir assim em todas as disciplinas. Já se ouvia a faixa etária das crianças da minha turma é de 8, 9 anos já se ouvia a fala das próprias crianças. Se ia se ler uma produção escrita eles mesmos identificando que você ali não se, o que você escreveu não dá para gente entender direito, está faltando alguma coisa. Apesar da gente não ter trabalhado em cima da nomenclatura da gramática, de toda estrutura de redação, esta coisa toda. Eles tinham assim uma noção clara do que era conciliar um texto, desenvolver, né? Aquela questão de começo, meio e fim porque dentro do tipo de aluno que a gente trabalha hoje. Eu não gosto de usar este termo clientela, mas assim as características com que estas crianças chegam familiares, sociais, esta coisa toda. Ele já começa a entender que para ele se fazer entender, tem que ser o mais claro possível. Isso, particularmente, eu achei isso muito legal, né? E que já é um grande passo até para ele poder ser crítico, poder estar fazendo a troca dele, entender. Para abrir questionamentos. Ele tem que ter essa sensibilidade de saber se o outro está se comunicando de forma correta. Ele tem que saber também se comunicar de forma completa para o outro. E eu achei isso muito legal, muito legal.

Suas aulas permitem que seu aluno se desenvolva nessa área? É eu não sei se as aulas permitem, mas eu procuro organizar que as aulas estejam enveredando por isto aí. Este ano já está uma coisa mais penosa, né? O processo que eu iniciei o ano passado e eu peguei o ano passado como um, um modelo, uma referência, né? E, já não está funcionando do mesmo jeito. Então, com certeza, eu vou ter que buscar novos caminhos.

As aulas do seu curso à distância ajudam você a desenvolver seu aluno? Em que medida? Como isso acontece? Claro. Isso acontece sempre

Suas aulas se modificaram depois do curso? Por quê? Minhas aulas se modificaram por causa de uma coisa que eu falei lá no comecinho. Eu acho impossível a pessoa que tem uma gota de sensibilidade, entendeu? Tomar conhecimento sobre um determinado fato ou possibilidade e essa chance de poder fazer diferente, experimentar está na sua mão e você não quer usar isso. Acho impossível até sentado, pára para fazer tricô o dia inteiro, vai ser sacoleiro, sem querer diminuir a importância dos sacoleiros do país. O sacoleiro, ele só tem aquele contato de compra e venda, de negociar, né? Mas uma negociação numérica, estatística, entendeu? E essa troca, essa negociação que é feita dentro de aula. Ela realmente está toda voltada para a questão da formação de pessoas, do elemento humano. Então, como é que você pelo menos não tem curiosidade, né? Será que realmente isso pode funcionar quando a gente trabalhou no evento do ano passado que é uma sugestão até do módulo, módulo 2. Se não me engano do segundo semestre é que a gente estava falando sobre meio ambiente na escola. E, aí eu saí para a rua com as minhas crianças para a gente poder fazer a avaliação de como que ali no bairro mesmo estariam as nossas ruas, as pessoas. Como é que está assim o jardim, a fachada? Tirar um pouco essa idéia de árvore e florzinha, não, meio ambiente. É onde a gente está ali onde a gente está vivenciando. Então, a gente foi viver isso, olhar isso: Uma casa com lixo na frente, barranco, fachadas mal cuidadas e tal. E, a partir desta aula de ciências que foi essa avaliação aí da escola que quando eles foram para a rua com lápis e caderno e forma anotando. Claro que eu dei toda uma preparação dentro de sala antes. E quando nós voltamos discutimos os tópicos e eu trabalhei adjetivos assim. Não precisei nem abrir a boca para falar que era adjetivo. E agora que eu estou com eles, este ano, a outra professora chegou e falou com eles no tema da escola: LITERATURA. E, a gente está dando uma passada por todos os estilos literários inclusive de texto mesmo. Para todo mundo saber o que é texto em qualquer estrutura que a gente encontrar. Ela conseguiu em uma semana de aula com essas crianças que foram minhas. As crianças conseguiram montar uma redação com os contos de Andersen e ela estava maravilhada porque todo aquele caminho, aquela questão deles passarem a pesquisar, a ir atrás da informação para poder colocar o conteúdo era uma coisa que não era novidade para eles. Aquele processo já foi mais natural para eles. Então, o processo de criação já tinha se iniciado. A proposta do ciclo anuncia isso você pega de um ponto e dá a sua continuidade, é cada um fazer um pouquinho. Está sendo muito legal porque está dando para a gente perceber. Claro que não é assim a perfeição

e tal, mas já somos uma turma que está fazendo a diferença na escola, entendeu? E está sendo muito legal.

E suas avaliações? O que você prioriza, hoje, ao avaliar seu aluno? Eu registro muito, meu dia de aula assim. Eu não tenho a capacidade de estar registrando dentro de sala de aula. Eu faço um portfólio mental e algumas anotações. Apesar do processo de avaliação ser uma coisa literalmente diária, às vezes, têm aqueles dias que te chamam mais atenção, né? E, dentro da própria rotina de sala de aula nem sempre você consegue fazer registro todo dia. É até hipocrisia falar que eu consigo fazer isso. Não! Eu tenho registros esporádicos, porém são feitos mais distantes que semanais de algumas crianças, pode ser. A questão do processo de alfabetização, por exemplo, mas a minha escola tem um professor de reforço e elas têm uma carga horária semanal que vai além da sala. Mas o que eu priorizo mesmo é verificar as crianças que estão com dificuldade de fala, de se expressar. Se ela em determinado momento perceber que ela já está conseguindo ir até a frente, fazer uma dramatização por mais rapidinha que seja a fala dela, que ela consiga me dizer que tipo de mudança que a gente já conseguiu atingir. A minha avaliação, ela, permeia muito por aí, entendeu? Não pela quantidade de coisas que eu passo. Eu tento permear minha avaliação em cima da individualidade, né? Do pontinho em que eu estava começando a aflorar em cada um e aí prosseguir com todo o trabalho no sentido de ampliar todo uma, esse desenvolvimento aí. Não fico muito presa na avaliação quantitativa, não, né? Aquela coisa de passar um exercício. É claro que você faz uma avaliação diagnóstica para você ter uma noção, né? Mas a partir desta avaliação diagnóstica que a própria escola sugere que a gente realize na primeira semana de aula. Eu já no início do ano tinha uma criança que era extremamente tímida e ela resolveu. Antes, tudo ela chorava, ela achava que estavam implicando com ela. Claro que você passa a partir daí entrar num outro contato de avaliação que tem direito e uma outra forma de fazer isso. E aí você passa a um outro estágio da situação, mas o que ele precisava era aprender a brigar, entendeu? E, depois a gente começou a organizar como é que poderia ser esta briga, né? A minha avaliação vai muito em cima disso. Todo esse caminho é colocado numa linguagem acessível para o responsável, para a equipe pedagógica. Era assim..., agora... e se o aspecto cognitivo está inserido nesta mudança ou não. De um modo geral, a gente consegue um percentual razoável e a minha avaliação é o que aprendeu.

Bloco I – Dados Pessoais

Nome Estudante I

Há quantos anos você leciona? 3 anos

Que disciplina(s) você leciona? Em que série(s)? Qual a sua carga horária como professor(a)? Eu leciono na segunda série. Esta é a terceira etapa e é disciplina integrada. São todas as matérias, em disciplinas integradas com 44 horas

Que avaliação você faz da sua escola? Minha escola agora mudou a diretora, mas mudou tem uma semana só. Mas até a gestão da outra diretora era uma escola que oprimia os professores e os alunos. Então, é assim muito difícil trabalhar num lugar desse que a diretora ela era extremamente assim meio violenta até com as palavras. Tudo ela queria na hora, é uma escola que cobra muito e dá pouco recurso pra gente. Ela cobra até se o aluno passou de ano ou não sabendo que o aluno não sabe. Você tem dez alunos para reprovar, então cindo vão ter que passar, você escolhe lá. Então, sempre eles estão apontando o dedo pra você, entendeu? Você pode fazer o que você quiser. Eles não estão nem aí se você vai trabalhar com teoria construtivista, tradicional, você se vira. Não tem apoio pra nada, não tem OP. A única que tem ela vem à noite. Amenina que tem que faz as vezes de OP ela serve para olhar caderno de plano de aula. Aí ela carimba e põe um adesivo e te devolve o caderno. Não te dá livro. Livro didático foram os livros que vieram pra gente e as crianças quase não utilizam porque a maioria é analfabeta. Então para você utilizar os livros você tem que devolver. Você utiliza assim os textos para ler e fazer um trabalho muito superficial com o livro e livro assim paradidático, livro assim também não tem. Não tem biblioteca. A televisão que tem não está podendo usar porque fica numa sala que também não cabem as crianças. O vídeo está escangalhado e não tem outros recursos, retroprojeter essas coisas também não têm.

E de seus alunos?

As crianças são carentes também porque lá é quase uma zona rural, é urbana e eles falam que é urbano porque asfaltaram a rua. Porque lá é assim você vê quando sai da escola aquele rebanho de ovelhas passando, cavalo, pato, galinha tudo solto na rua. Então, uma escola em Vila de Cava, Nova Iguaçu e as crianças são carentes. E, você vê casos de família, a mãe, nunca tem uma família inteira. Geralmente, a mãe é separada do pai ou a criança mora com a tia ou a criança mora com a avó. E tem casos absurdos da mãe casar com o padrasto que quis tacar fogo e matar todo mundo e isso é muito comum. Pai estuprando filha, mas então é problemático. Você não vê assim muita criança, você não vê tráfico lá. Ou ah, meu pai é bandido! Eles são até dóceis. Não na quarta série, mas até a segunda série eles são dóceis com muito problema de aprendizagem. Você tem que suar a camisa ali porque você não tem apoio de família. Também nem existe este padrão de família não existe, né? A maioria dos pais são analfabetos, então, eles até alguns estudam na escola à noite no EJA. Então, fica muito difícil, mas os alunos eu vou avaliar pelos meus, ta? São crianças muito criativas, são crianças dóceis, crianças amorosas que você percebe que eles precisam de, além do que a escola pode oferecer, eles precisam do carinho de afeto mesmo. E, quando você

dá isso a eles, eles progridem mais porque se for aquela coisa de ah, vou oferecer... Porque tem criança ali que chega se você não der um beijo nela, ela já fica sabe distanciada. Então, você tem que manter contato fazendo quase que um trabalho de mãe mesmo. Eu, às vezes, me sinto meio mãe dos alunos. Tanto que, às vezes, eles se confundem e me chamam de mãe, tia, professora. Eles chamam aí ficam sem graça “ah, tia, tia, professora” porque eles são bem carentes mesmo.

Fale um pouco sobre as suas condições de trabalho? Péssimas

Bloco II – Sobre seu curso

O que o levou a fazer um curso de graduação à distância? Na verdade, eu não queria fazer pedagogia. Eu quero fazer fono só que, quer dizer, é na UFRJ e na UFRJ é período integral e eu não teria como ficar período integral porque eu tenho filho, sou casada, trabalho e não teria disposição. E, eu não tenho como pagar agora uma faculdade particular porque o meu marido está fazendo faculdade particular também e não há dinheiro para tudo. Aí veio uma amiga minha falar, né? Que ia haver esse curso à distância e tal. Aí eu falei ah, estou parada, né? Vai servir para me engrandecer na minha profissão no meu currículo, vou tentar. Aí, eu fiz a prova e passei e estou fazendo.

Com que frequência você vai ao pólo? Por quê? Eu vinha mais também no primeiro período. Foram aumentando as matérias e você fica mais sobrecarregado, né? E tem mais coisa para ler. Você acaba optando por ficar em casa, ler os livros, né? Que vir ao pólo porque de repente o que o tutor vai falar não é principalmente aquilo que você está querendo estudar. E, ele começa encaminhar para outro canto e você tenta montar e ele diz o dia que eu abrir o livro para falar da matéria que está ali, eu não sou mais professor. Eu estou aqui para debater. Aí vem né? E, no final não atende a gente tem que estudar porque vai haver uma prova e vai ser cobrada na prova a matéria que está ali no livro. Não o discurso que ele vai fazer. Então muitas vezes, eu prefiro ficar em casa mesmo estudar e eu ligo quando tenho alguma dúvida para tirar, ligo para as colegas também. Uma fala no telefone com a outra, uma dá opinião.

Com que frequência você entra em contato com os tutores à distância? Por quê? Só quando tenho dúvidas é que eu ligo para eles.

Como você avalia o material didático de língua portuguesa? Eu acho o material de língua portuguesa muito bom. Ótimo. Trata bem de língua portuguesa da parte da lingüística saiu um pouco daquela parte de gramática mesmo porque o que a gente vê nas escolas é gramática, entendeu? A gente dá de primeira a quarta série aquela coisa bem de gramática e numa visão mais lingüística que o livro mostra a gente passa a valorizar mais nos alunos é o que eles trazem. Aquela parte da língua que eles trazem e também essa parte de poder da língua de tocar na cidadania. Acho que o livro traz bem isso que a gente precisava porque gramática mesmo a gente já vê desde a nossa alfabetização. Então, o livro ele está bem focado para a lingüística e eu acho que é esse ponto que nós, os alunos, teríamos que ser atingidos.

Você já utilizou, na prática, alguma das atividades propostas no material didático? Eu estou com alfa e estou desde a primeira com alunos que não sabiam usar caderno, não sabiam utilizar o lápis, alunos fazendo garatuja. Então, foi alfabetização e agora que eles estão lendo. A maioria da turma está lendo, está escrevendo e tudo. Então, eu utilizo também recursos de valorizar o que ele traz. Converso, o domínio que ele tem, procuro fazer trabalho com música, com textos que não sejam só aqueles textos infantilizados. Trago textos também que mostrem, que trabalhem, sobre a língua. Trabalhei a música Saudosa Maloca, de Adoniran Barbosa. Eles adoraram porque é um modo diferente de se falar. A primeira pergunta que eles fizeram quando acabou a música: “_Tia, porque é que este homem está cantando tudo errado na música?” E, muitos deles falam como estava na música, né? Os homi com as ferramenta. Eles falam assim, mas eles perceberam que nas músicas que eles ouvem não tem essa formatação da língua. É uma língua mais formal até o funk que eles ouvem tem coisa errada, mas eles perceberam. Aí, eu fiz um trabalho com eles de onde deveria ser essa pessoa que escreveu essa música, que idade ela deveria ter, onde ela deveria ter morado, porque ela falava assim? Aí, a gente levantou a questão de estudo. Isto com as crianças de segunda série e eles responderam tão bem aquilo. Eles participaram: ele não deve ter estudado e tal, mas a minha mãe, a minha mãe está estudando á noite. E foi uma coisa assim de não desvalorizar a linguagem. Explicar porque ele está falando porque eu acho que muitas das práticas não dá para a gente utilizar. Dá para tirar idéias de trabalho com os alunos.

Numa escala de 0 a 5, que nota você daria para o seu curso? Três porque eu acho que está faltando algumas coisas também, falta comunicação com o tutor. E eu já vim nas reuniões aqui e falaram que você não precisava ter um computador, né? Você para participar, para fazer essa faculdade precisa ter um computador e com acesso à internet. Porque não adianta você ter um computador sem acesso a internet. E são palavras que eu ouvi aqui e que não têm sentido! Como é que você vai acessar a plataforma? Como é que você vai pagar o cibercafé? Você vai pagar de qualquer maneira. Então voc~e tem que ter acesso a internet. Eu não posso vir sempre aqui ao pólo. Eu tenho meu filho pequeno que ele vem para cá em casos de emergência. Assim, quando eu preciso vir. Nossa! Ele bota fogo aqui. Não consigo! Então tem que um motivo é esse. Dificulta o acesso com o tutor, ter uma informação, a própria conversa com os tutores. Esse negócio do material didático não estar bem dividido. Teria que estar dividido. Ah, livro da AD, da AP porque fica difícil a gente não tem dinheiro suficiente para comprar um monte de livro em cima da hora. Chegou esse livro tem que comprar. É uma luta para arrumar o livro, por isso é que tem gente tirando um monte de xerox do livro. Aí reclamam. Já ouvi reclamação; “estão parando de mandar livro porque o pessoal está tirando um monte de xerox, mas porque também? Porque não está bem organizado.” Esta divisão de AP, AD, AD2 tem que estar bem dividida para a gente também poder se organizar e ter dinheiro para chegar e comprar os livros.

Liste, em ordem de prioridade, as dificuldades encontradas no curso.

Acesso à internet. Eu tenho computador, mas eu não estou com internet porque o meu telefone estava vindo muito alto e a gente fez esses planos aí da telemar que vai até tantos pulsos. Então, não está podendo usar a internet. Eu acho que uma dificuldade é essa. Outra dificuldade também é falar com o tutor porque agora também que só tem

essa aula do sábado. Está muito difícil porque vir durante a semana. Nossa, eu não tenho como deixar meu filho durante a semana. Eu venho com ele. Ele corre, a caneta voa na cabeça dos outros, ele que mexer nos computadores. Eu não venho durante a semana, telefone. Quando você telefona, outra coisa, tem dia que ah, o tutor não pode atender. Então demora a atender você fica lá um ano e está lá ouvindo aquela conversa. Ninguém te atende e quando te atende diz: ah, mas isso está na plataforma. Você não viu na plataforma? Não estou sem internet. Fulano, ela está sem internet. E vão procurar. Você fica mais um ano no telefone para saber uma informação. Quando não tratam você mal também. Porque também tem isso. Como eu disse o atendimento da tutoria. E os livros também, uma dificuldade com os livros é essa a dificuldade.

Bloco III – Língua portuguesa e trabalho

Em língua portuguesa, o que você considera ser fundamental que seu aluno saiba?

Dominar a língua que ele fala para ele e se considerar mesmo um cidadão é exercer a cidadania dele com plenitude para a criança poder fazer uma leitura de qualquer coisa, de jornal. Entender o que ele está lendo. Para ele fazer uma leitura de tudo sem dificuldade. Não adiante ele estar alfabetizado e ser um analfabeto funcional porque às vezes ele lê e quando você pergunta o que ele entende por aquilo ele não sabe explicar o que é que é aquilo. Então, ele tem que estar dominando, fazer um uso assim, uso natural da língua dele. Um uso que ele consiga se expressar, se comunicar e consiga entender também o que as outras pessoas venham falar com ele. E, ter um domínio não da gramática em si, mas para a criança se comunicar na língua ela tem que saber escrever as coisas corretamente. Não adianta falar, vir com aquele papo... Tem que ter ali a gramática, ele tem que saber o que ele está escrevendo. Porque tem muita gente que diz que ele está sabendo fazer a mensagem dele, ele está se comunicando. Ele tem que dominar a gramática, ele tem que dominar a linguagem oral para ele exercer a cidadania dele. Ele pode cobrar os direitos dele e entender quais são os direitos dele, é isso.

Suas aulas permitem que seu aluno se desenvolva nessa área? Eu acredito que sim. Se tivesse

menos alunos eu acredito que mais porque eu tenho 42 alunos. Então, é muito difícil porque é assim são 9 alunos analfabetos mesmo. Alguns ainda fazendo garatujas na segunda série. Aí o resto se divide a metade está lendo, lendo muito bem. Lê jornal, interpreta, está fazendo, sabe fazer produzir texto, escrever carta. E a outra metade do que sobra lê mas é aquela coisa do lê assim é lê e palavrinhas, mas depois não sabe, esqueceu o que leu. Então, tem que trabalhar aquilo tudo e eu fico desesperada, né? Mas tento fazer de um jeito. Trabalhar o grupinho que ainda não está lendo, os analfabetos. Assim, um grupinho a gente senta, traz jornal, traz rótulos, traz tudo e aí depois a gente faz intercâmbio de um texto que a gente está lendo com o pessoal que sabe ler, com o outro que está fazendo uma bagunça, mas eu acho que no final já tem um aluno que está progredindo eles sabem dar opinião do que eles está fazendo do que eles estão falando, mas é muito difícil trabalhar com 42 crianças numa sala, é muito difícil.

As aulas do seu curso à distância ajudam você a desenvolver seu aluno? Em que medida? Como isso acontece? Suas aulas se modificaram depois do curso? Por quê? Eu acho que ajudam bastante. Eu comecei a ter uma visão assim mais crítica até sobre a história mesmo da educação porque que isso acontece, porque que essas crianças chegam assim na escola sem embasamento nenhum. Eles têm a cultura deles, mas eles não têm o embasamento que a escola quer, mas eles têm algo a dizer, algo a fazer e que cabe ao professor desenvolver aquilo. Então, eu acho que a língua portuguesa em questão serviu para me mostrar que você não deve criticar o aluno porque ele chegou. Ele não está aprendendo. Se ele não está aprendendo você tem que mudar alguma coisa e porque que ele não está aprendendo? Da onde ele veio? O que é que acontece com ele? E porque é que ele fala daquele jeito? Você é que tem que se adequar a ele não é o aluno que tem que se adequar ao que você faz. Você tem que valorizar o que o aluno traz e tentar também reagir e tentar trazer mais coisas para ele, não desvalorizar. Tentar dar a ele condição de aumentar, desenvolver melhor aquilo que ele já trouxe.

E suas avaliações? O que você prioriza, hoje, ao avaliar seu aluno? Eu priorizo o desenvolvimento do aluno e o raciocínio lógico. Se a minha aula está proporcionando a ele dele estar se desenvolvendo nessas áreas e, principalmente, porque até a terceira etapa que é a segunda série no caso a secretaria de educação. Fala que a gente tem que fazer com que a criança leia, interprete, faça contas de raciocínio lógico. Eu acho que isso é importante, mas você tem que ver no contexto não é se a criança está fazendo continha, se está raciocinando para resolver um problema. Se ela está interpretando aquilo, se ela está contextualizando aquilo. Em língua portuguesa a criança tem que estar dominando a língua dela a ponto dela conseguir ler alguma coisa e tirar conclusões, opinar naquilo que ela acha certo e errado porque tem criança que lê e fica por isso mesmo. Ela não consegue tirar uma conclusão. A partir do momento que os meus alunos opinam até no que está escrito no livro de alfabetização. “A babá deu bife ao bebê.” Esta babá é maluca, como ela deu bife ao bebê? Aí, a criança está opinando e isso que é importante melhor do que castrar a criança. A criança é aquilo que você mostra para ela. Aquilo que ela traz de cas4(,)-2()-262,s2(u)-4gcon

Bloco I – Dados Pessoais

Nome Estudante J

Há quantos anos você leciona? 13 anos

Que disciplina(s) você leciona? Em que série(s)? Qual a sua carga horária como professor(a)? Eu sou professora do ensino fundamental de primeira a quarta série que engloba português e matemática, ciências só que em bloco, não tem que ter separação. Este ano eu estou na educação infantil e no período inicial do ciclo 9 horas por dia. 4h30 no primeiro turno, 4h30 no segundo turno, com uma hora de almoço.

Que avaliação você faz da sua escola? Minha escola é pública e pretende a cidadania das crianças. Eu como professora tenho o apoio da coordenação, da direção para desenvolver em sala de aula a minha visão de educação, a visão construtivista. Mas a escola pública ainda é muito tradicional. E tem escola porque eu já trabalhei em outras escolas em que eu fui impedida de fazer o trabalho como eu gostaria. Isso na escola pública! A diretora não confiou no trabalho construtivista. Ficou com medo de não alcançar o resultado porque ela não tinha domínio daquela área de ação. Então, ela pediu que eu não trabalhasse assim que eu trabalhasse o tradicional porque ela poderia acompanhar o meu trabalho.

E de seus alunos? Olha, os meus alunos já a muitos anos eu dou aula de educação infantil, né? Já a bastante tempo com a dupla⁹⁸. Você não pode escolher sempre. De vez em quando, eu saio. Fico com a quarta e agora eu estou com o período inicial. A comunidade com que eu trabalho, ela é bem carente. Então, meus alunos são aquele tipo de aluno que, na sua maioria, não tem apoio familiar. Então, quer dizer, todo trabalho que você desenvolve, você tem que desenvolver dentro da escola. Você não pode esperar um apoio da família. Muito menos mandar dever para casa, livro, todo material que eu uso eu guardo na escola. Então, não vai nada para casa porque a carência é muito grande tem criança lá pequenininha e que vai e vem da escola sozinha. Então, todo trabalho que a gente desenvolve na minha visão tem que ser desenvolvido dentro da sala de aula e o que eu posso fazer, eu faço. E o que eu não posso a gente não passa na frente, né?

Fale um pouco sobre as suas condições de trabalho? No meu caso, eu sou sobrecarregada. Você vê que eu sou rouca, entendeu? Por causa da quantidade de crianças em sala de aula. Eu tenho 26 de manhã e 25 a tarde. É uma turma de educação infantil de quatro anos. Então, você passa o tempo todo falando, o tempo todo você tem que manter um contato porque como eu trabalho nesta visão construtivista não tem aquele momento que você passa um trabalhinho e eles fazem sozinhos. O tempo todo você interage com as crianças, com os grupinhos, né? E, a tarde na educação infantil também. Eu procuro fazer este trabalho de música, muita conversa, de nome. Então, é o tempo todo, né? E lá nesta escolinha em que eu trabalho não tem muito barulho. É uma escolinha de rua secundária não está na frente da rua. O barulho que a gente tem é o barulho da educação física que é muito bem vindo. A gente leva o barulho, mas o que a gente sente mais falta lá é recurso material. Porque se você tem uma visão real construtivista que na verdade você não pode exercer porque você não pode fazer com que a criança coloque a mão na massa. Eu não posso dar um vidrinho de cola na mão deles para eles apertarem porque o vidrinho é pequenininho e você tem que ir controlando. Você vai trabalhar receita o ideal é que você construísse aquela receita com as crianças, que eles colocassem a mão na massa. Mas você não tem cozinha que eles possam usar, você não tem material, não tem um servente para limpar a sala. Então, na verdade, esta visão construtivista ela acaba sendo reduzida a uma situação que você vive ali na sala.

Bloco II – Sobre seu curso

O que o levou a fazer um curso de graduação à distância? Eu, na verdade, sou graduada em nível superior só que eu fiz administração. Então por motivos já passados. Mas aí eu sempre quis ser professora. Então, quando eu tive a oportunidade de fazer o curso normal, eu fiz. Eu fiz até aquele normal que era um ano de complementação. Porque eu já tinha o segundo grau técnico. Aí eu fiz o normal de um ano e realmente se eu fosse avaliar eu ia te dizer que é por isso que a educação está caindo. Fiz este curso. Fiz o concurso para o município e passei. Então, no município você não tem muito recurso assim profissional, de melhorar. Então, a tendência que você tem, no meu caso, eu sempre quis mais. Quis conhecer mais e eu não tinha condição de ingressar numa

⁹⁸ Dupla para a entrevistada quer dizer dupla regência, ou ainda dupla jornada de trabalho.

escola regular, numa faculdade. Eu trabalho o dia inteiro e sou mãe de criança pequena. Então, não tinha espaço. Meu marido trabalha à noite, eu trabalho o dia todo. A gente se reveza com as crianças. Então, quando começou a aparecer, eu comecei a ouvir falar em curso à distância eu fiquei apaixonada, mas nunca tive a oportunidade. E, quando apareceu a minha amiga com a folha dirigida porque ela estava procurando emprego e ela disse; “Ih, vai ter concurso lá na UERJ para pedagogia à distância.” Puxa, vai ver que é a minha hora. Daí eu tentei, mas eu tentei mesmo sem a menor noção do que era, entendeu? Tentei pelo desejo de fazer uma faculdade de educação para ver se melhora. Aí eu vim assim para saber. Eu nunca tinha ouvido falar em CEDERJ e nem tinha conhecimento que existia na UERJ esta educação à distância.

Com que frequência você vai ao pólo? Por quê? Com que frequência você entra em contato com os tutores à distância? Por quê? Olha eu vinha mais nos outros semestres, mas este semestre. Eu tenho vindo muito pouco. Primeiro motivo básico é saúde. Eu andei bastante doente e não deu para eu vir muito e o segundo motivo foi desmotivação. Eu achei porque este semestre a gente só tem uma tutoria sábado. Todas as outras são durante a semana e você se desloca de longe para vir aqui e ter uma tutoria é meio complicado, entendeu? Até o semestre passado, nós tínhamos três e este semestre eu tenho oito matérias. Para eu sair da minha casa e vir aqui por causa de uma matéria, eu acho que fica complicado. E também não fico mais ligando para cá porque fui mal atendida por um tutor.

Como você avalia o material didático de língua portuguesa? Olha, a princípio logo no primeiro assim eu fui tomada de um grande susto porque não era essa LP que eu esperava aprender, entendeu? Eu esperava principalmente assim logo no começo, no primeiro, eu esperava aprender assim na minha idéia alguma coisa que fosse me embasar para a minha prática de sala de aula. Aí quando começou aquilo: muita teoria, muito poder, muita língua. Aí eu falei cara isso aqui não tem nada o que é que isso vai me ajudar para eu ensinar lá o bê-a-bá para as minhas crianças. E que domínio que eu vou ter para poder ensinar para eles? Realmente, a princípio eu achei bem foi uma surpresa. Portanto, coitado do tutor. Ele sofreu na nossa mão. A gente aqui com aquele desespero, aquelas coisas, aquelas exigências todas, mas depois que nos passamos, que eu passei por isso eu achei que foi muito importante pra mim. Foi uma nova visão, uma visão que eu não tinha da língua. Eu achei que eu não tinha assim esse poder de ação na vida do cidadão. Realmente, eu não tinha isso. Para mim era o conhecimento, para você saber, para ler, escrever, mas essa coisa do poder, do domínio, de como é importante desta diferença entre você se comunicar e você dominar a língua. Isso para mim foi uma visão completamente nova que eu não tinha e depois que eu passei pelo susto para mim como pessoa, como professora, foi importante.

Você já utilizou, na prática, alguma das atividades propostas no material didático? Tem muita atividade lá que é para turmas maiores na minha visão, muita aula para educação infantil, muitas daquelas atividades eu utilizo, né? A visão do município para a educação infantil é uma visão de que você prepara a criança para uma alfabetização mais tarde. Mas esta posição de você saber o valor da língua e de você respeitar a fala da criança, a maneira como ela fala e você ver aquilo ali como uma possibilidade de ensino isso eu passei a ter. Mesmo eles sendo pequenininhos se falava errado a gente tentava corrigir,

não corrigir direto porque eles ensinam assim. Você repetir a frase de forma correta, mas você partir daquela realidade para você ter uma noção de um todo que a criança vive e daquela noção você poder trabalhar a língua de forma que você não bloqueie a criança, entendeu? Ou ele não pense que o que ele sabe é errado e que ele veio aprender certo na escola. Então, nesse sentido me ajudou muito.

Numa escala de 0 a 5, que nota você daria para o seu curso? Três. Porque isto é uma coisa bem particular, tá? Não quero falar mal de ninguém o CEDERJ ainda é uma coisa muito nova e eles ainda está um pouquinho aquém da necessidade dos alunos. Por exemplo, você entra na plataforma e você não tem as notícias que você precisa. Aí fala vai ao pólo e você vê ao pólo e o pessoal está mais perdido do que cego em tiroteio, você já olhou na plataforma? Então, eu acho que você entra na plataforma, você tenta acessar um negócio, o negócio não entra. Ah, ela estava com problema, ela estava fora do ar. Então, eu acho que está certo que eles dizem que é um curso semi à distância, mas você não tem um respaldo técnico que garanta esta distância. Eu não tenho todas as informações que eu preciso à distância. A não ser que seja como hoje, estava na plataforma para vir aqui, mas eu não acessei a plataforma porque quando eu paguei a conta o, o computador explodiu. Alguém ligou para mim e falou sábado tem, entendeu? Então, eu acho que ele ainda está um pouquinho aquém para ser uma estrutura, um curso à distância.

Liste, em ordem de prioridade, as dificuldades encontradas no curso. Diálogo com o tutor. Eu já tive respostas assim: Qual é a sua dúvida? Falei que eu li e não entendi. Ah, não mas você tem que ler e você tem que trazer uma dúvida, não sou professor. Eu falei, mas e se eu ler e não entender nada. Não, mas você vai ler e você vai entender tipo assim você não é burra, né? Então, você tem uma dúvida, ah, não isso aí só com o coordenador. Pra mim o diálogo com o tutor quando você não pega alguém na TPM, de mau humor sei lá assim as pessoas eu não me senti bem recebida tanto por telefone. Ass vezes, você recebe umas coisas bem desagradáveis tanto que assim ou não ligo para cá. O que eu faço é o seguinte é a plataforma entendeu? Procuro ler o livro e quando tem alguma coisa assim que eu sei eu venho participo porque eu acho importante. Porque a própria estrutura do CEDERJ desestimula esta sua participação. A dificuldade de obter informação se você tivesse uma tutoria que te desse um apoio. Uma vez eu liguei para cá para saber o que ia cair na prova, quais os capítulos e disseram ah, mas você ligou só pra isso? Foi. Então, se eu estou ligando para saber porque aquilo é minha dúvida. Então ele não respeita a tua dúvida. Eu sou muito assim carente. Então qualquer coisa me abala, se me der uma resposta mal criada, se eu acho que eu perguntei direito, se eu acho que eu falei com o respeito, entendeu? Eu gostaria de uma resposta naquele nível. Se eu tivesse ligando e soltasse os bichos e alguém soltasse os bichos comigo tudo bem. Mas você liga. Ah, não vou dizer qual foi a matéria, mas eu entreguei todas as atividades do livro 1. Eu fiz tudo porque no primeiro período eu fazia aquele livro. Eu fazia tudo e estou até hoje esperando a resposta. Não te desestimula a fazer outras? Se o tutor não vai nem ler, não tem tempo!!! Isso aconteceu no primeiro quando eu só tinha duas turmas. Agora estamos com quatro. Aí, eu acho que isto é desestimulante. E aconteceu comigo assim do tutor dessa matéria falar comigo. Não, você estuda, eu ainda não te dei resposta, mas você vem aqui antes da prova e eu

comento com você. Você chegou antes da prova. Nem o tutor. Desestimula você manter o contato.

Bloco III – Língua portuguesa e trabalho

Em língua portuguesa, o que você considera ser fundamental que seu aluno saiba? O domínio da língua, ele tem que ter aquela diversidade cultural, aquele conhecimento, mas eu ainda sou a favor dele ter o domínio mesmo não só na troca cultural, mas para que a língua não morra entre aspas. Eu vejo assim: ah, escreveu de qualquer jeito está bom, rabiscou está bom, entendeu a mensagem está ótimo. Eu não vejo assim. Eu sou a favor do construtivismo de você partir da vivência da criança, das experiências que ela traz, mas você colocar aquele ensinamento dentro de uma sistemática. Se ele escreve lá estou eu dando um apoio inicial. Gente, vamos escrever!!! Uma situação que eles tenham que registrar. Gente, vocês podem escrever do jeito que vocês quiserem do jeitinho que vocês estão entendendo. Eles escrevem aí depois eu vou escrevo e falo para eles elha aí vamos ver faltou uma letrinha? O que é que você acha que faltou? Eu procuro o mais natural para que eles não fiquem com medo eu procuro nunca brigar porque escreveu errado, porque não escreveu, mas eu acho que o domínio da língua faz parte importante da educação. Às vezes, as crianças escrevem lá umas coisas que você até entende o que ela escreveu, mas não tem nada a ver com a ortografia. Eu acho que a gente não pode partir do que ele dá e achar que aquilo está bom. Porque eu acho que a obrigação é o domínio você tomar conta do bem social. Você vai lá está na escola aprende, aprende, estuda, estuda... Chega no final não sabe fazer uma carta. Então, ele não se apoderou do bem social, cultural que a escola deveria ser dado.

Suas aulas permitem que seu aluno se desenvolva nessa área? Bem, eu acho, né? Se chegar alguém lá e fizer uma crítica será muito bem-vinda porque eu procuro deixar com que eles falem livremente que eles registrem do jeito que eles querem, né? Procuro nunca chamar a atenção porque fez errado, sempre procuro dar liberdade para eles, sempre colocando as coisas dentro do certo, né? Não você está certo, você está errado, não. No outro dia, eles escreveram “Pequena sereia” porque a escola passou um vídeo para a escola toda. Deixei todo mundo escrever no caderno, depois escrevi no quadro. Olha, eu só troquei o I pelo E. Então quer dizer quem não escreveu nada teve a oportunidade de copiar, então eles têm a oportunidade de evoluir no domínio conforme eles podem, mas o mesmo tempo eles estão tendo contato com a escrita correta. Não chegar lá na quarta série para corrigir tudo o que tem que corrigir.

As aulas do seu curso à distância ajudam você a desenvolver seu aluno? Em que medida? Como isso acontece? Algumas, né, algumas acho que não muita teoria, teoria sem botar o peso se é importante ou não. Mas em função do meu alunos não. Agora tem algumas matérias que são práticas que proporcionam você pelo menos no meu caso que já vim com este objetivo de melhorar o meu padrão de qualidade de professora. Eu procuro observar tudo aquilo que vai beneficiar a prática em sala de aula. LP ajudou no princípio ela deu um sustão na gente, né? Quase que eu morri do coração, minha pressão decolou, mas do ponto de vista de você observar a qualidade a riqueza que a criança traz para a sala de aula, né? Aquele negócio de a criança falar errado, isso eu

parei de fazer se ela fala uma palavra errada não é imediatamente que eu falo a certa, sabe, entendeu? A criança falava é, eu parei para ouvir mais o que a criança tem a dizer, né? Independe se ela está falando certo ou errado e transformar numa troca, num diálogo entre eles sem a preocupação de estar corrigindo sem corrigir. Isso foi muito importante ver a criança como um tesouro e como é que você abre uma criança? Deixando ela falar, ela se expor a melhor maneira dela se expor. É você não colocar nenhum obstáculo.

Suas aulas se modificaram depois do curso? Por quê? Este ano é que eu estou começando a trabalhar com CA. Mudou sim no sentido que eu já falei de valorizar a riqueza que a criança traz. Trazer a realidade da criança como algo bom. Se você não vigiar a escola se torna algo fora da realidade e tem um intercâmbio. A coisa mais maravilhosa é a rodinha da novidade. Este momento não é para mim, mas apenas para preencher o horário. Uma menina que veio do Ceará. Aí me lembrei até desta última parte que fala da cultura do nordeste, né? E ele fala diferente tem outra visão de estudo da coisa do impacto que esta criança está tendo.

E suas avaliações? O que você prioriza, hoje, ao avaliar seu aluno? Bem, eu procuro avaliar o progresso que ele teve como indivíduo, não como um resultado de conteúdo, mas sim no todo aquele conteúdo porque a gente não pode fugir dele. O que aquilo beneficiou meu aluno no sentido de posicionamento, de conversa, porque como eles são pequenininhos, você não pode avaliar o conteúdo. Eles não fazem prova, essas coisas todas. Então, por exemplo, quando ele chegou na escola, qual era a atitude dele, qual era a fala dele e como é que ele está hoje. Como que o processo escolar beneficiou no sentido de até mesmo se posicionar. Eu gosto muito de provocar. Ô fulano, senta. Ué, tia, mas eu não estou em pé. E, às vezes, eu faço certas provocações para que eles possam se posicionar. Se a criança é muito agitada: “cala a boca, fica em pé, senta” e eu tento prosseguir. Uma das crianças me disse “Nossa, até que enfim que você mudou de sandália.” E eu acho isso maravilhoso porque ela está aprendendo a observar, a própria sociedade vai constrangê-la. Não você não deve falar, você não deve falar dos outros, os próprios modos sociais reprimem. Eles é que fazem a ordem, então teve um dia que eu por minha conta fiz a ordem sozinha das atividades e não fiz a rodinha da novidade. Aí eles disseram:”Quem foi que autorizou você a mudar a ordem? Aí eu expliquei o motivo mas eles se posicionaram.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)